



Universidade Federal
de Campina Grande



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

DANIEL SOARES DANTAS

**MEDIAÇÃO DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO
LITERÁRIOS À LUZ DOS MULTILETRAMENTOS: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES PARA O PROFESSOR**

**Cajazeiras
2020**

DANIEL SOARES DANTAS

**MEDIAÇÃO DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO
LITERÁRIOS À LUZ DOS MULTILETRAMENTOS: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES PARA O PROFESSOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira

**Cajazeiras
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

D192m Dantas, Daniel Soares.

Mediação da leitura de textos literários e não literários à luz dos multiletramentos: desafios e possibilidades para o professor / Daniel Soares Dantas. - Cajazeiras, 2020.

138f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2020.

1. Mediação da leitura. 2. Textos literários. 3. Textos não literários. 4. Multiletramento. 5. Pedagogia dialética. 6. Caderno pedagógico. 7. Linguística textual. 8. Leitor. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

DANIEL SOARES DANTAS

**MEDIAÇÃO DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO
LITERÁRIOS À LUZ DOS MULTILETRAMENTOS: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES PARA O PROFESSOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira

Aprovada em: 13/11/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof.^a Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Pinheiro (Examinador 1)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa (Examinador 2)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof.^a Dr.^a Rose Maria Leite de Oliveira (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo de natureza teórico-propositiva, que reflete sobre a mediação da leitura de textos literários e não literários à luz dos multiletramentos, com vistas a contribuir para a prática docente, no que diz respeito ao planejamento sistemático de atividades para o trabalho com a leitura, que valorize o conhecimento prévio do aluno, assim como as experiências individuais, seus valores e sua visão particular de mundo. Nesse sentido, pensar em atividades planejadas para a mediação da leitura torna o trabalho do professor mais eficaz, agregando às aprendizagens pretendidas pelo ensino de leitura para o desenvolvimento de um leitor competente nas leituras do mundo multimodal. Nesse contexto, objetivamos refletir sobre a importância da mediação da leitura de textos literários e não literários realizada em sala de aula na perspectiva dos multiletramentos. Para isso, fundamentamos o trabalho nas correntes teóricas sobre contribuições que a Linguística Textual trouxe para o ensino e aprendizagem, Marcuschi (2003); a importância da boa mediação para o desenvolvimento da leitura, Souza (2009); as contribuições que os multiletramentos dão para o desenvolvimento da leitura significativa, Rojo (2012) e a abordagem metodológica da pedagogia dialética para a organização do trabalho docente, Vasconcellos (1992). Nesse sentido, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e natureza descritiva. Como resultado apresentamos um caderno pedagógico, composto por quatro oficinas de leitura de textos literários e não literários multimodais: notícia, textos que circulam no Instagram, texto teatral e meme para dar suporte ao professor nas atividades de mediação da leitura do 6º ano do Ensino Fundamental, podendo ser adaptado a outros anos dessa etapa escolar. Neste trabalho, mostramos como a mediação pode aproximar o estudante da leitura e auxiliá-lo para o desenvolvimento de habilidades e competências que precisam ser ativadas na compreensão textual, configurando momentos didáticos prazerosos e, além disso, proporcionar a manifestação do pensamento artístico no tocante à produção criativa e vivências em oficinas que versam sobre: compreensão, interpretação e expressão da leitura. Com isso destacamos a importância do desenvolvimento de operações necessárias à compreensão textual, que vão desde a contextualização, passando pela elaboração de inferências e chegando à construção expressiva do texto, ou seja, posicionando-se crítico e artisticamente sobre o que leu nas oficinas propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação da leitura. Textos literários e não literários. Multiletramentos. Pedagogia dialética. Caderno pedagógico.

RESUMEN

Esta investigación es un estudio de carácter teórico-propositivo, que reflexiona sobre la mediación de la lectura de textos literarios y no literarios a la luz de los multiletramientos, con el objetivo de contribuir con la práctica docente, en lo que respecta a la planificación sistemática de actividades para el trabajo con la lectura, que valora los conocimientos previos del alumno, así como las vivencias individuales, sus valores y su particular visión del mundo. En este sentido, pensar en actividades planificadas para la mediación de la lectura hace más efectivo el trabajo del docente, sumando al aprendizaje que pretende la enseñanza de la lectura para el desarrollo de un lector competente en las lecturas del mundo multimodal. En este contexto, pretendemos reflexionar sobre la importancia de la mediación de la lectura de textos literarios y no literarios realizada en el aula desde la perspectiva de los multiletramientos. Para ello, basamos el trabajo en las corrientes teóricas en los aportes que la Lingüística Textual trajo para la enseñanza y el aprendizaje, Marcuschi (2003); la importancia de una buena mediación para el desarrollo de la lectura, Souza (2009); los aportes que dan los cursos múltiples al desarrollo de la lectura significativa, Rojo (2012) y el enfoque metodológico de la pedagogía dialéctica para la organización del trabajo docente, Vasconcellos (1992). En este sentido, utilizamos como metodología la investigación bibliográfica con enfoque cualitativo y carácter descriptivo. Como resultado, presentamos un cuaderno pedagógico, compuesto por cuatro talleres de lectura literaria y no literaria multimodales: noticias, textos que circulan en Instagram, texto teatral y meme para apoyar al docente en las actividades de mediación lectora del 6° año de Primaria, pudiendo adaptarse a otros años de esta etapa escolar. En este trabajo mostramos cómo la mediación puede acercar a los estudiantes a la lectura y ayudarlos en el desarrollo de habilidades y competencias que necesitan ser activadas en la comprensión textual, configurando momentos didácticos placenteros y, además, proporcionar la manifestación del pensamiento artístico con respecto a producción creativa y experiencias en talleres que abordan: comprensión, interpretación y expresión de la lectura. Con esto, destacamos la importancia de desarrollar las operaciones necesarias para la comprensión textual, que van desde la contextualización, pasando por la elaboración de inferencias y llegando a la construcción expresiva del texto, es decir, tomar una postura crítica y artística sobre lo leído en los talleres propuestos.

PALABRAS CLAVE: Mediación lectora. Textos literarios y no literarios. Multiletramientos. Pedagogía dialéctica. Cuaderno pedagógico.

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A LINGUÍSTICA TEXTUAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM.....	12
2.1 Texto, textualidade e construção de sentido.....	15
2.2 As especificidades do texto literário.....	20
3. ESCOLA E CONCEPÇÕES DE LEITURA	23
3.1 Leitura e mediação.....	26
3.2 A leitura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	31
4. MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO.....	35
4.1 Gêneros textuais como artífice do desenvolvimento da leitura.....	38
5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO PEDAGÓGICO PARA MEDIADORES DE LEITURA.....	45
5.1 Estrutura do caderno: um guia autoexplicativo para o mediador.....	46
5.2 Avaliação formativa: valorização do processo.....	49
5.3 Oficina 1: A Notícia e seus desdobramentos.....	54
5.4 Oficina 2: Lendo no Instagram.....	78
5.5 Oficina 3: Liberdade e Censura.....	95
5.6 Oficina 4: Como surge um Meme.....	115
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS	135

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a temática leitura tem sido muito discutida em projetos acadêmicos, teses de doutorado, dissertações e outros meios de discussões teóricas acerca da formação de leitores nas escolas brasileiras. Tendo como base os resultados divulgados em *rankings* de leitura e escrita pelo mundo, as pesquisas divulgadas pela mídia mostram que os brasileiros ainda leem pouco, em comparação a outros países. Isso reforça a necessidade de discutirmos e projetarmos ações para o famoso incentivo à leitura, que não deve se restringir às aulas de português. Segundo Antunes (2003), o estudo sem eficácia das nomenclaturas e prescrições gramaticais, não agrega importância às aulas de Português, uma vez que a urgência maior é a aquisição da competência leitora.

Nesse contexto, dois aspectos precisam ser investigados com cautela: o primeiro está relacionado ao tratamento didático para o ensino da leitura, visto que essa habilidade da língua também se aprende na escola. O segundo diz respeito à ampliação do conceito de ler, antecipado pelo pensamento de Freire (1989) no tocante à leitura de mundo precedida pela palavra. Trata-se, pois, de uma discussão acerca da noção que se tem sobre a leitura – mais precisamente nos anos finais do Ensino Fundamental – e como ocorre a mediação de atividades significativas dessa prática. Vale ressaltar que o que está em questão não é responsabilizar a escola pelo insucesso ou êxito nas práticas de leitura, o que pretendemos é aprofundar as discussões acerca da formação do leitor competente.

Ao observarmos as falas de professores e algumas vivências em sala de aula, percebemos vários equívocos no tratamento didático para a mediação da leitura, bem como alguns desafios ainda a serem vencidos no que se refere à autonomia do estudante para protagonizar a interpretação dos textos trabalhados, de forma oral ou escrita. Cabe destacarmos que o termo protagonista foi mencionado, aqui, para caracterizar a ação de aprender, sendo ampliada para a ação de fazer. Essa devolução do que foi aprendido vamos chamar de protagonismo.

Visto que a atividade com a leitura em sala de aula envolve, em igual importância, professor e estudante, destacaremos os desafios e possibilidades para a mediação. Um deles consiste na necessidade de, primeiramente, fazer do docente o referencial para o discente, o que o tornaria mediador, pois, através do exemplo, o estudante cria referência e se motiva.

Sobre mediação, podemos entender que se trata da ação docente – no caso da escola – para estabelecer relações entre a leitura e os estudantes, lançando mão de práticas que deem conta de, verdadeiramente, provocar os sujeitos para a conquista do hábito de ler e, sobretudo,

compreender o texto, rompendo os limites da mera decodificação de palavras. E, a partir da prática de mediação, desenvolver nos leitores estratégias para ativação de conhecimentos extratextuais.

Nesse sentido, concepções de leitura e mediação pedagógica constituem o conteúdo central desta pesquisa, tendo como foco a prática do professor no trabalho da mediação da leitura do texto literário e não literário, ao desenvolver competências leitoras para a aprendizagem das habilidades essenciais na compreensão do texto: o funcionamento do sistema linguístico, o conhecimento do texto e o conhecimento advindo das experiências vividas pelo aluno.

A propósito dessas experiências, Freire (1989) traduz como leitura de mundo a leitura crítica que não se basta na simples operação mental de decodificar, mas se configura quando a linguagem se prolonga e ativa vivências. É um confronto harmonioso entre o que conhecemos e o que lemos na palavra, constituindo o principal desafio da formação leitora: construir novos olhares sobre o mundo.

Diante disso, reflexões sobre a formação de leitores competentes solicitam um olhar atento para a prática docente, visto que falar sobre leitura na escola pressupõe abordar sobre a mediação do professor, já que é ele o agente principal dessa função na sala de aula, espaço primordial para a aproximação entre leitor e texto. Podemos afirmar que o ato de mediar a leitura estimula e valoriza as diferentes leituras que os estudantes fazem de um mesmo texto, tornando a sala de aula um espaço de intercâmbio e diálogo a partir de interpretações particulares.

Para repensarmos esse processo de mediação da leitura no âmbito da sala de aula, é necessário, em primeira instância, redefinirmos o conceito de escola: espaço ocupado por sujeitos semióticos que continuamente encontram-se imersos em processos de interação e influência, capazes de provocar a apropriação ou acumulação de outras possibilidades de compreensão de um mesmo objeto de conhecimento.

Dessa forma, a insistência no cuidado com a mediação da leitura reforça o pensamento de que, em muitos casos, a escola é o único espaço no qual os estudantes podem iniciar ou dar continuidade às práticas leitoras, e o professor é um ator importante nessa ação. Nesse contexto, é imprescindível que todos os agentes escolares assumam o compromisso de mediar a leitura, mas é na sala de aula, espaço de liderança docente, que as ações se intensificam e ganham significados, justamente pelo tratamento didático na aproximação e exploração do texto pelo leitor.

Por essa razão, o cuidado com a formação do mediador, o professor, precisa estar em discussão quando se fala em leitura, pois é ele o agente fundamental para a condução e criação de situações de apropriação do texto pelo estudante, através de atividades motivadoras e interdisciplinares que dialoguem com saberes acumulados pelas vivências. Isso porque é por meio da instigação docente que se elaboram operações mentais de compreensão, interpretação e expressão textual, expandindo, pois, a concepção de leitura.

Isso corrobora para a construção do pensamento crítico acerca do texto, como bem ressalta Pietri (2009) ao afirmar que, a leitura pensada dessa forma exalta esse processo, tirando-o da condição passiva de decodificação de informações. Desfaz, ainda, a noção de que o bom leitor é o que lê o texto de forma rápida e sem encontrar quaisquer obstáculos que venham a interromper a leitura fluida. Ao contrário disso, a leitura, enfatizada como processual, requer sistematização e objetivos definidos para cada situação, para cada leitor, para cada aluno.

No âmbito de redefinição do que é ser um bom leitor, cabe lembrar que a leitura, de acordo com Vygotsky (2007), é fundamental para o processo de socialização, pois possibilita o uso consciente da linguagem, o que viabiliza a comunicação. Nessa ideia de se apropriar da leitura para interagir, o autor ressalta que a interação dos interlocutores em sociedade provoca mudanças no indivíduo que, por sua vez, toma para si valores, crenças e comportamentos para a sua formação.

Todas essas questões mencionadas vão ao encontro de nossas inquietações enquanto professores da educação básica. A principal, e que dialoga com o exposto, é a necessidade de focar o trabalho para a mediação feita pelo professor, pois quando pensamos em leitura na escola, logo nos salta propor objetivos para o aluno e planejamento de estratégias para fazê-los ler mais. Nesse sentido, será que o professor percebe que a sua formação prévia para a mediação da leitura de textos literários e não literários, no âmbito escolar, é o primeiro e mais importante passo?

Nessa perspectiva, a mediação da leitura é uma ação que, embora não seja apenas de responsabilidade escolar, requer um planejamento sistemático para fortalecer a relação do jovem com o texto. Dessa forma, é possível afirmar que essa boa mediação parte do desenvolvimento de habilidades didáticas para articular os saberes e fazer os estudantes romperem limites do texto.

As experiências como docentes tem nos mostrado que muitos trabalhos de mediação da leitura são realizados sem que haja um sistematização pedagógica de como serão desenvolvidas as etapas do trabalho. Muitas vezes, a confiança na experiência de muitos

anos de trabalho docente tem gerado a não reflexão de que, para mediar qualquer ação, é preciso o planejamento. Só a partir disso, o trabalho com oficinas de leitura de textos literários e não literários pode contribuir para a boa mediação na formação do leitor competente e proporcionar a ampliação do repertório cultural a partir da interdisciplinaridade.

Diante disso, este trabalho se justifica pela urgência da inserção efetiva de práticas planejadas de mediação da leitura na sala de aula. Embora sugerida pelas seções presentes nos livros didáticos, com textos para leitura e compreensão, essa prática social ainda não encontrou espaço significativo para se desenvolver e envolver os estudantes em atividades propostas pelos diferentes gêneros discursivos, que, por sua vez, sugerem inúmeras situações didáticas que buscam compreender o papel da leitura crítica para a formação do sujeito.

Outro ponto de importância é o trabalho com a compreensão textual, possibilidades de interdisciplinaridade e valorização do conhecimento prévio do aluno. Para isso, é pertinente repensar a condução das discussões que envolvem os conteúdos temáticos dos textos para ampliar conhecimentos e extrair informações ditas nas entrelinhas. Incurso nesse cenário, o professor mediador tem como tarefa central o envolvimento naquilo que é lido – e como é lido - pelo estudante, para identificar necessidades de conhecimento e habilidades leitoras.

Além disso, para o trabalho com a mediação da leitura e a ampliação do conteúdo dos textos, privilegamos, nesta proposta, caminhos metodológicos para a criação de oficinas pedagógicas que exemplifiquem como deve ser tratada a mediação da leitura. De um lado, temos o texto e suas possibilidades de desdobramentos, por outro, o convite à compreensão, interpretação e expressão do aluno por meio da mediação docente.

Nessa perspectiva, reafirmamos a importância de a mediação da leitura auxiliar a compreensão do que se lê, partindo do pressuposto de que a atividade de processamento da leitura também pode ser ensinada/mediada. Sendo assim, é responsabilidade do professor incorporar nos seus fazeres docentes ações que promovam o desenvolvimento das habilidades leitoras de seus estudantes, pois a formação de um leitor ativo, aquele que protagoniza suas leituras, pressupõe propostas de um mediador que o fará evoluir para o acesso a textos mais complexos. Ainda, formar leitores é, acima de tudo, formar para o exercício da cidadania e um ensinamento de resistência frente à exclusão social.

Dessa forma, o trabalho com o texto, valendo-se da mediação docente, pode aproximar o estudante da leitura e auxiliá-lo para o desenvolvimento de habilidades que precisam ser ativadas na compreensão textual, configurando momentos didáticos prazerosos e, além disso, proporcionar a manifestação do pensamento artístico no tocante à produção

criativa e vivências em oficinas que versam sobre compreensão, interpretação e expressão da leitura.

Sobre expressão da leitura, criamos este termo e figuramos nas oficinas de intervenção para caracterizar o momento em que o aluno devolve à comunidade escolar aquilo que de mais significativo apreendeu da leitura realizada. Esse momento não precisa demandar a realização de um grande evento, porque o mais importante é oportunizar ao aluno e valorizar suas habilidades para externalizar o que leu.

O trabalho com essa temática certamente proporcionará ganhos à academia, uma vez que se trata de mais um viés para o aprofundamento e construção de práticas pedagógicas com foco no desenvolvimento da cidadania e ampliação do repertório cultural como forma de valorização das modalidades da língua pela escola. Dessa forma, a sociedade em geral também sai ganhando no sentido de acolher sujeitos que pensam coletivamente.

O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre a importância da mediação da leitura de textos multimodais literários e não literários realizada em sala de aula na perspectiva dos multiletramentos. Para isso temos como objetivos específicos apresentar as contribuições que a Linguística Textual trouxe para o ensino e aprendizagem ao desenvolver um estudo contextualizado; destacar a importância da boa mediação para o desenvolvimento da leitura; especificar as contribuições que os multiletramentos dão para o desenvolvimento da leitura significativa e, por fim, apresentar uma proposta de intervenção, por meio de oficinas, com a finalidade de discutir concepções de leitura de textos multimodais literários e não literários, tratamento didático e desenvolvimento de habilidades leitoras, com ênfase na formação do leitor crítico.

Para fundamentar a pesquisa nos embasamos, principalmente, no aporte de Marcuschi (2008), sobre linguística textual e gêneros textuais; Antunes (2012) e suas reflexões plausíveis sobre o ensino atual de Língua Portuguesa; Cosson (2018) com a abordagem teórica e prática sobre sequências didáticas para o desenvolvimento do letramento literário; Costa Val (1991) com os fatores mais relevantes de textualidade; Koch (2004) com as evidências da importância do conhecimento prévio e outros elementos paratextuais na compreensão da leitura e Rojo (2012) com a abordagem dos multiletramentos na escola.

No que se refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois consiste na investigação a partir da análise de diferentes materiais já publicados, a fim de gerar novas reflexões sobre o fato pesquisado e constatar dúvidas e inquietações a respeito de uma temática. Essa prática permite que o levantamento seja avaliado de forma minuciosa para levantar ações posteriores que ajudem a sanar a dificuldade encontrada, que se expandem a partir da investigação de várias visões acerca do mesmo tema para ampliar a discussão.

Ainda, segundo Lewin (1946, p. 23), “entende-se por pesquisa bibliográfica, a seleção, leitura, análise e relação do material encontrado, preferentemente, obedecendo-se a um certo método” e é justamente a análise do material que permite a expansão do tema, caracterizando-o como algo dinâmico e revelador de um desafio. Apresenta como procedimento uma pesquisa exploratória, partindo do levantamento bibliográfico, considerando, também, as nossas experiências na escola e o convívio com outros professores para, então, propor um trabalho aplicável a fim de sanar dificuldades já mencionadas.

Também é uma pesquisa de abordagem qualitativa pelo caráter de dialogicidade, por procurar interpretar os dados compreendidos nas pesquisas. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa descritiva, que consiste, a partir de análises bibliográficas, expandir conhecimentos para a aplicação e solução de uma problemática.

Como proposta de intervenção sugerimos a criação de um caderno pedagógico composto de quatro oficinas, fundamentadas na Pedagogia Dialética defendida por Vasconcellos (1992), no modelo de sequência didática apresentado por Dolz, Noverz e Schneuwly (2004) e, ainda, na sequência básica de Rildo Cosson (2018), com duração média de quatro a oito aulas, cada uma, destinadas a professores do 6º ano do Ensino Fundamental da EEEFM Dom Moisés Coelho, na cidade de Cajazeiras-PB. Tal produto versa sobre como deve acontecer a mediação da leitura através de atividades sequenciadas divididas por gêneros textuais, com abordagens interdisciplinares. Trata-se de um trabalho voltado para o auxílio ao professor no que diz respeito ao desenvolvimento da competência leitora de textos multimodais literários e não literários a partir de atividades de mediação. Vale ressaltar que esta pesquisa, a pedido da direção da escola mencionada, contribuirá para fundamentar a criação de um projeto de leitura que visa a revitalização da biblioteca escolar com atividades frequentes de mediação.

Sem dúvidas, a leitura é uma temática muito abordada enquanto discussão na escola. Nesse sentido, é necessário refletir sobre a importância de uma boa mediação, a partir de atividades planejadas para o desenvolvimento da competência leitora, bem como entender que o incentivo à leitura requer muito mais que um dia internacional do livro, visitas à biblioteca ou solicitações de leitura de obras literárias.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, começando pela introdução, que discute a temática da leitura na escola, tema inesgotável, mas que inovamos ao tratarmos, com tanta evidência, a necessidade do desenvolvimento da competência leitora e mediação. Além disso, apresentamos a problemática que norteia a pesquisa para o levantamento de hipóteses, justificativa, objetivos, fundamentação teórica e metodologia que, conseqüentemente,

culminará com a produção de uma intervenção voltada para a formação de professores mediadores de leitura no 6º ano do Ensino Fundamental.

A fundamentação teórica versa-se em três capítulos: dois, três e quatro. O capítulo dois trata da importância da Linguística Textual para o ensino aprendizagem, tendo como foco o estudo do texto, textualidade e a construção de sentido, além das especificidades do texto literário. No terceiro capítulo abordamos a escola e concepções de leitura, tendo por subitem leitura e mediação e a leitura vista na BNCC (2017). Em seguida, no quarto capítulo, trazemos uma reflexão sobre multiletramentos, na perspectiva de Rojo (2012), na formação do leitor crítico, enfatizando a mudança de paradigma, ocasionada na escola, na tentativa de acompanhar as exigências que nosso século requer ao fazer uso da multiplicidade de novos textos inseridos no cotidiano do aluno.

Nessa perspectiva, pensar sobre como a linguística textual considera o texto como objeto de ensino e suas concepções no desenvolvimento em sala de aula é o primeiro ponto de interesse, visto que é a noção de texto e construção de sentidos que vai embasar o processo de mediação da leitura.

No quinto capítulo apresentaremos uma proposta de intervenção que consiste em um caderno pedagógico composto por um conjunto de cinco oficinas de mediação para a leitura de textos multimodais literários e não literários, o que certamente contribuirá para um ensino de Língua portuguesa que tenha compromisso com a formação de leitores.

Dessa forma, esperamos que o trabalho possa contribuir para a formação do professor na busca pela mediação de ações para o leitor competente e proporcionar a ampliação do repertório cultural a partir da interdisciplinaridade. Com isso destacamos a importância do desenvolvimento de operações necessárias à compreensão textual, que vão desde a contextualização, passando pela elaboração de inferências e chegando à construção expressiva do texto, ou seja, posicionando-se crítico e artisticamente sobre o que leu nas oficinas propostas.

2. A LINGUÍSTICA TEXTUAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM

O texto na sala de aula é objeto imprescindível para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa. Pensar sobre como a Linguística textual considerou o texto como objeto de ensino e suas concepções no desenvolvimento em sala de aula é o primeiro ponto de interesse, visto que é a noção de texto e construção de sentidos que vai embasar o processo de mediação da leitura. Sobre a linguística textual, vejamos o que diz Marcuschi:

A Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não-linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (MARCUSHI, 1983, p. 42-43).

Nos anos 60, na Europa, a linguística de Saussure tinha como fundamento principal a língua. Com o avanço dos estudos, outros objetos foram sendo incorporados a essa teoria. No caso da Linguística textual, o objeto central de investigação é o texto, diferente da teoria saussuriana que tomava a palavra como foco, e, ainda, no caso dos gerativistas, a frase. Nessa perspectiva de gradualidade, cabe pensar sobre a evolução do enfoque, da palavra para a frase e da frase para o texto.

A Linguística Textual surge no momento em que as análises frasais restringiam o estudo acerca do texto. A perspectiva transfrasal ocupou o lugar da palavra isolada e da frase descontextualizada. Dessa forma, a proposta da linguística textual, perante as correntes que se limitavam à estrutura da frase, procura reintroduzir o sujeito e a situação de comunicação.

Sobre esse entendimento, Koch (2004) chama a atenção para o objeto de investigação da linguística textual, o texto, sendo ele o elemento que concretiza as ações de comunicação. As palavras e frases isoladas dão lugar ao texto e a todos os fatores de textualidade que veremos ao longo deste trabalho, o que, certamente potencializa a interação humana.

Nessa ótica, o processo de interação verbal é o fator norteador para a linguística de texto. Nesse processo estão envolvidos o enunciador, aquele que fala ou escreve; o texto, que, por sua vez, se dirige a um coenunciador, ou seja, o ouvinte ou leitor. Esses três elementos constituem a interação verbal o que se traduz pelo ato de produzir e receber o texto.

Diante disso, os estudos evoluíram para a investigação acerca do funcionamento dos textos em uso, descartando a ideia de produto e valorizando a construção e seu caráter formativo durante a interação dos sujeitos da ação verbal: texto e interlocutores. Sendo assim, a Linguística Textual preocupa-se em entender a linguagem inserida em situações reais de uso da língua. Sobre as noções preliminares acerca da linguística de texto, Koch nos apresenta a seguinte ideia:

É somente na medida em que o locutor realiza intencionalmente ilocutória (sócio comunicativa) identificável por parte dos parceiros envolvidos na comunicação que o conjunto de enunciados linguísticos vem a constituir um processo textual coerente, de funcionamento sócio comunicativo eficaz e normalizado, conforme as regras constitutivas (uma manifestação de textualidade). (KOCH, 2006, p. 16).

De acordo com Bentes (2006), a linguística textual não se desenvolveu de forma homogênea, mas em três fases até a sua consolidação: a análise transfrástica; a gramática de texto; e a teoria de texto. Nesse sentido, Koch (2004, p. 53) esclarece que “o estudo dos mecanismos interfrásticos que são parte do sistema gramatical da língua”, sendo o texto uma junção de duas ou mais frases: texto é uma frase complexa ou uma cadeia ininterrupta de sentidos. Essa fase foi perdendo interesse por parte dos estudiosos, pois foi visto que o texto não é a mera soma de frases.

A segunda fase, denominada gramática de texto, superou os limites da frase (ou agrupamentos de frases). O foco era a descrição de categorias e combinações regradas apresentadas no texto, mas com preocupações nos fatores contextuais e seu acontecimento em situações reais. Nesse sentido, nessa fase, para a compreensão do texto, devemos levar em conta o conhecimento e a intuição do falante. Trata-se, então, de uma tentativa de descrição da competência textual desse sujeito.

A teoria de texto, terceira fase, valorizou os aspectos interacionistas, sócio cognitivos e comunicativos. Sobre essa fase, Koch comenta:

Uma visão que incorpore aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do pensamento cognitivo baseia-se no fato de que existem muito processos cognitivos que acontecem na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos. (KOCH, 2004, p. 30).

Nessa perspectiva, o conjunto de fatores externos à língua é requisito indispensável para a produção, recepção e interpretação de textos, evoluindo para o aspecto interacionista, já que o texto não é capaz, sozinho, de conferir sentido, isto é, os contextos de comunicação são decisivos para a construção textual.

Diante do percurso feito para esclarecimento das fases da linguística textual, entendemos que o estudo pela frase, ainda pautado nas correntes estruturalistas e gerativistas, não suprem as necessidades do trabalho com o texto, visto que a comunicação não acontece a partir de palavras soltas ou de amontoados de frases.

Para Marcuschi (2012, p.42), “a linguística textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas”. Isso corrobora com a ideia de texto enquanto construção social. O que, ainda segundo o autor, ativa estratégias, expectativas e conhecimentos linguísticos e não linguísticos.

Assim, de acordo com o autor é evidente a importância que a linguística textual oferece para a produção de materiais didáticos e, conseqüentemente, para o ensino de língua. A compreensão textual depende, na visão do estudioso, de uma capacitação que é realizada através das reflexões da natureza do texto. Nesse sentido, a fragmentação da palavra, ou até mesmo da frase não dão conta de desenvolver métodos e estratégias interpretativas eficientes.

Nessa linha de pensamento didático para o ensino de língua que valoriza o texto como expressão, a linguística textual torna-se estudo importante para ensinar a produzir, receber e interpretar textos na escola, além de refletir sobre o uso e funcionamento da língua. Acerca desse caráter de funcionalidade do texto, Geraldi ressalta:

Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá seu sentido. (GERALDI, 1996, p. 64).

Contrário ao trabalho mecânico com a gramática pela gramática, pautado em regras, na linguística textual, o professor leva o estudante a refletir sobre muitos recursos necessários à produção de sentido, algo que não é tão bem sucedido no trabalho escarço com a frase.

A respeito da importância do trabalho do professor, baseado na linguística textual, o autor afirma que o ensino que valoriza o texto como protagonista está objetivando não apenas a descrição das práticas de linguagem, mas tornando o aluno consciente para o uso da língua em situações reais. Nessa perspectiva, as práticas de linguagem não se limitam ao ato descritivo e prescritivo, como na gramática, mas aumenta as possibilidades de compreensão e expressão.

É pelo texto que se desenvolve a competência leitora do estudante e se constroem as relações, o que gera sujeitos capazes de interagir socialmente, de maneira mais efetiva,

através dos diferentes gêneros. E é por meio do texto que as ideias são materializadas e transformadas em comunicação.

Assim sendo, a linguística textual, que tem como foco o texto, deve ser o ponto de partida para as práticas nas aulas de Língua portuguesa, o que vai culminar na revitalização do trabalho com a gramática, no sentido de que ela sistematiza a estrutura da língua, mas não deve ser vista como um fim, e sim como meio para levar o estudante a refletir sobre as inúmeras seleções e combinações para a produção de sentido nos textos que estão à disposição nas várias situações de comunicação, sejam elas formais ou informais, planejadas ou espontâneas, na escola ou em outro espaço de circulação e atuação do estudante.

No próximo tópico, veremos como os estudos alumbraram a noção de texto e textualidade, sendo o texto um sistema carregado de elementos estruturais da língua, como classes de palavras, pontuação e outros recursos para fazer sentido e transmitir uma ideia; e textualidade, como o conjunto de características que faz do texto um evento comunicativo.

2.1 Texto, textualidade e construção de sentido

Como sabemos, o texto é uma unidade que compreende duas características básicas linguísticas e semânticas em que a primeira diz respeito à amplitude da linguagem e a segunda ao texto. Ambas contribuem e relacionam-se ao sentido provocado pelo uso de palavras, expressões e agregação de valores dos interlocutores no ato de produzir e interpretar textos.

Em busca de reforço a essa definição, Costa Val defende que:

Para se compreender melhor o fenômeno da produção de textos escritos, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm a dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos. Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. (COSTA VAL, 1991, p. 27).

Nesse âmbito, o texto ajuda a materializar o pensamento e auxilia os sujeitos nas relações de interlocução, pois organiza de maneira sistematiza, mesmo quando não planejados (os textos orais espontâneos) a distribuição das ideias que partem do plano das ideias para converter-se em mensagem seja ela qual for, com qualquer intenção ou propósito.

Nessa perspectiva, Guimarães (2009) afirmar que, a depender da teoria que embasa a construção do conceito de texto, podemos chegar a muitas possibilidades de resposta como visto anteriormente. Ao retomarmos as duas características da linguística do texto, linguística

e semântica, o texto é visto, segundo a autora, à luz de uma dupla lateralidade: em primeiro plano, a microestrutura, ou seja, o conjunto articulado por frases, resultante da conexão dos elementos que integram a superfície do texto; em segundo plano, a macroestrutura, isto é, o significado amplo do que é essencial ao texto.

Por esse ângulo, o texto é, então, a concretização da atividade comunicativa. E a comunicação, ação que concretiza o texto, acontece por meio de diferentes linguagens, o que amplia ainda mais a ideia da linguística e semântica do texto. Para ser texto é preciso produzir sentido, e essa produção figura-se na forma verbal ou não verbal, desde que revelem unidade de sentido e intencionalidade comunicativa.

Assim, as intenções na comunicação são materializadas a partir do texto. Nessa ação comunicativa, os interlocutores interagem respaldados na linguagem (ou nas linguagens), construindo e ressignificando enunciados, sendo estes, tudo aquilo que é dito, revelado, comunicado numa determinada situação concreta de manifestação pela linguagem. Dessa forma, fica claro que o texto não é um emaranhado de frases. Isso já foi vencido no conceito acima.

A textualidade é o conjunto de características que faz do texto um evento comunicativo. Antunes (2017, p. 37) chama a atenção para condição básica do texto: “que esse conjunto de palavras e frases possa satisfazer as exigências de uma ação de linguagem, semântica, cognitiva e socialmente relevante, o que, mesmo intuitivamente se percebe com certa facilidade”. Para a autora, é a textualidade quem determina o que é texto.

Os fatores de textualidade são classificados, de acordo com os postulados de Beaugrad e Dressler (1983), em fatores pragmáticos, alinhados aos processos sociocomunicativos do texto e em fatores centrados no próprio texto, ao que se destacam um todo significativo (coerência) e a articulação dos constituintes linguísticos (coesão).

Ainda de acordo com esses autores a construção semântica do texto é mediada por meio de sete critérios: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

Para uma melhor compreensão desses elementos, é imprescindível destacar a definição de textualidade trazida por Marcuschi (2008, p. 97): “a textualidade é o resultado de um processo de textualização. A textualidade é um evento final resultante das operações produzidas nesse processamento de elementos em multinível e multissistemas”. O autor cita o exemplo da lista telefônica que, ao ser lida, informa certo conjunto de dados que permitem classificá-la como texto, sendo o mais decisivo o seu caráter de transmissão de uma ideia veiculada a partir de uma estrutura, assim como o faz todo texto.

Acerca desses elementos de textualidade, tão necessários ao texto, destacamos, inicialmente um critério fundamental: a coesão. Mais do que conexões gramaticais ou articulação de elementos no texto, cumpre a função de manifestação linguística que é expressa na superfície e estrutura a sequência do texto por meio de recursos conectivos ou referenciais. Ainda, segundo Koch (1992, p.56), “diz respeito ao modo como os componentes da superfície textual encontram-se conectados entre si numa sequência linear”. Essa questão, analisemos as palavras de Marcuschi:

Para muitos estudiosos do texto, os mecanismos de coesão textual formam uma espécie de gramática do texto. Porém, a expressão gramática de texto é um tanto desnorteante, pois não podemos aplicar ao texto as noções usadas para a análise da frase. Se, por um lado, podemos realizar enunciados completos e explicá-los com gramáticas de frase, tomando-os independentemente, por outro lado, sabemos que vários enunciados corretamente construídos, quando postos em sequência imediata, podem não formar uma sequência aceitável. Isso quer dizer que um texto não é uma sequência de frases bem formadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 100).

Exemplificando, a coesão se subdivide, ainda segundo Koch (1992), em coesão por retomada e sequencial. A primeira refere-se à retomada do texto por meio de elementos linguísticos visíveis, como a repetição de termos ou substituições gramaticais e lexicais.

Dessa forma, os elementos coesivos são dotados de sentido que, por sua vez, devem obedecer a certa lógica do enunciado, o que implica diretamente na coerência textual, segundo elemento de textualidade aqui abordado. A coerência consiste na unidade de sentido entre as partes do texto e a articulação de ideias. Para Beaugrand (1980) a coerência inclui a conexão conceitual e difere-se da coesão justamente pelo enfoque no sentido do texto.

Para um melhor entendimento sobre coerência textual, Antunes diz que:

Construir um texto, capaz de funcionar sociocomunicativamente num contexto específico, uma operação de natureza também lexical e gramatical. Quer dizer, não se pode escolher aleatoriamente as palavras nem arrumá-las de qualquer jeito; nem tampouco optar por qualquer sequência de frases. (ANTUNES, 2009, p. 93).

Desse modo, de acordo com o que conjectura a autora, a coerência promove, assim como a coesão, a relação harmoniosa e sem contradições entre os elementos discursivos. São elas, a coerência e a coesão, fatores de textualidade indispensáveis para que o texto cumpra a sua função principal: comunicar.

E para que a comunicação se efetive, outros fatores de textualidade, chamados por Beaugrand e Dressler (1983) de pragmáticos, são acionados, a depender daquilo que se quer comunicar.

A intencionalidade, fator de responsabilidade do produtor do texto (o locutor), diz respeito ao que se pretende comunicar, afinal todo texto possui uma finalidade que será captada pelo leitor (destinatário) que, por sua vez, se apropria da mensagem e considera as intenções do autor do texto. Esse segundo fator, marcado pela recepção do texto, chamamos aceitabilidade. Marcuschi afirma que em um texto há um (ou mais) objetivo que deve ser captado pelo leitor. Sobre essa questão, Fávero afirma que:

A intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual. (FÁVERO, 1986, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 127).

Nessa perspectiva, destacamos, também outro fator de textualidade: a intertextualidade, capacidade de um texto dialogar, de forma implícita ou explícita, com outro(s) ativando experiências anteriores dos interlocutores. Essas experiências de produção ou abstração de textos acontecem em determinada situação comunicativa, o que Marcuschi (2008) chama de contexto interpretativo e elemento que norteia a produção.

Entender a situacionalidade, outro fator importante do texto, é perceber sua estreita relação com a coerência, pois, a depender da situação, um texto pode, ou não, fazer sentido. As situações influenciam objetivamente a escrita, tornando um texto relevante para a situação comunicativa. Esse fator de textualidade revela a necessidade do conhecimento de mundo para o entendimento da mensagem.

Por último, a informatividade, reconhecida como fator autoexplicativo, revela o conteúdo a ser abstraído pelo leitor/ouvinte, o que não deve ser confundido com sentido, como bem nos lembra Marcuschi (2008, p.143), ao afirmar que “a rigor, a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, e conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido”.

Portanto, os critérios ou fatores de textualidade desempenham funções norteadoras para a realização efetiva do texto, permitindo aos interlocutores o acesso ao sentido textual. Esses são elementos indispensáveis para a produção de textos coerentes e coesos, que serão interpretados com maior autonomia pelo receptor da mensagem.

Como vimos, a noção de texto e os fatores de textualidade aqui mencionados contribuem para a construção, atribuição ou ressignificação de sentidos, mediante a ativação dos conhecimentos prévios e consideração acerca dos valores do sujeito. Tudo isso, para dar conta de enxergar os fatores textuais e extratextuais que estão na superfície e nas entrelinhas do discurso.

A construção do sentido do texto perpassa pelo desenvolvimento de habilidades interiores à natureza textual. Ser competente para inferir, referenciar e identificar o efeito de sentido causado pelo uso de determinado recurso expressivo, perpassa pela capacidade de perceber os constituintes do texto e, por extensão, construir sentidos.

Sabemos que o desenvolvimento cognitivo do sujeito está intimamente relacionado à capacidade de extrair significados e, a partir deles, construir sua visão de mundo. O texto, no sentido mais amplo de significado, pode dar suporte para essa construção. É em contato com o texto que outros saberes vão sendo mobilizados para o processamento das novas mensagens recebidas através das experiências textuais.

Sobre essa máxima a respeito da mobilização de saberes, Koch ressalta que:

O processamento estratégico depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo. Isto é, as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento [...]. É isto que explica por que, no momento da compreensão, há a possibilidade de o leitor reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou, por vezes, nem mesmo desejados pelo produtor. (KOCH, 2002, p. 45).

Nessa perspectiva, somente a ativação dos conhecimentos prévios e os valores do sujeito em contato com o texto é que darão conta de enxergar os implícitos, já que muito do que se lê não está na margem textual. Pressupostos e subtendidos são constituintes do texto que só surgem quando as informações prévias do leitor são acionadas para ir ao encontro da mensagem externa do texto. O pressuposto, ou ideia expressa de maneira implícita, está presente em muitas afirmações e é conceituado, de acordo com Guimarães como a capacidade de a linguagem deixar a cargo da interpretação parte da significação. Sobre o que é dito no texto e o que pode ser inferido a partir dele, Guimarães pontua:

Etimologicamente, **implícito** significa “que pode ser implicado”. Em todo enunciado, pode-se distinguir um **posto** e um **pressuposto** – o pressuposto designando o que pode ser implicado logicamente pelo posto. Funcionando de maneira lógica, o pressuposto torna-se difícil de ser recusado, devendo ser aceito pelo locutor, bem como pelo interlocutor. (GUIMARÃES, 2009, p. 62 – grifos da autora).

Dito isso, chegamos ao consenso de que todo enunciado resguarda algo a ser desvendado pelo leitor em contato direto com conhecimentos e valores individuais. A capacidade de fazer inferências está ligada às “hipóteses coesivas para o leitor processar o texto” Marcuschi (2008, p. 97). Ainda, segundo o autor, a inferência desembocará através da operação mental ligada ao contexto e a cognição do sujeito.

Entendendo que a atividade linguística é um produto do ser humano, reflete as interações sociais, o contexto histórico e molda o pensamento, logo, essa atividade busca referências para a construção do sentido do texto. Nessa perspectiva, referenciar significa estabelecer uma relação entre uma expressão linguística e algo que a conceitue ou cite no mundo. Isso significa que o texto sempre guarda em si uma interação discursiva.

De acordo com os postulados de Mondada,

Ela [a referenciação] não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores. (MONDADA, 2001, p. 19).

Nesse sentido, relacionando-se ao pensamento da autora, Koch afirma que falar de atividade discursiva é associá-la a ideia de referenciação. Tal atividade mobiliza elementos linguísticos e extralinguísticos para a concretização do discurso, exercício comunicativo gerador de sentido entre interlocutores e conjunto comunicativo que reúne o texto e o contexto.

Assim, pensar a construção dos sentidos do texto é perceber a importância de fatores textuais e extratextuais que estão na margem e nas entrelinhas do discurso. Portanto, desvendar as mensagens pressupostas requer do leitor a rememoração de experiências para inferir intencionalidades e propósitos comunicativos.

No próximo tópico trataremos das especificidades texto literário e como os fatores de textualidade figuram-se na sua composição. Adiantamos que nesse tipo os critérios de construção textual estão presentes, porém não é o fato mais relevante a ser apreciado, uma vez que a expressividade da palavra se sobrepõe.

2.2 As especificidades do texto literário

O texto literário, assim como os textos não literários, aborda todo e qualquer tema. Não há uma determinação de assuntos a serem tratados nessas duas classificações textuais. Se pensarmos em conceituar o texto literário, podemos assumir que o critério para a sua diferenciação dos outros textos reside na função estética que, embora não se resuma a ela, provoca no leitor o estranhamento e a reflexão.

Para além dos aspectos estruturais ou conteudistas, esses textos (os literários) apresentam elementos peculiares que os tornam únicos no conjunto de escritos elaborados

com objetivos diversos. Neles, palavras e expressões, personagens, cenários, enredo e foco narrativo, por exemplo, cumprem funções preestabelecidas para dar conta de veicular uma mensagem intencional, capaz de provocar sensações diversas no leitor que, diferente de uma receita ou qualquer outro texto meramente instrucional, é capaz de produzir efeitos causadores do aguçamento ou provocação de emoções.

Por essa razão, ressaltamos o seguinte: se nos textos não literários o mais importante é o que se diz, dada a sua função principal utilitária, no texto literário o foco está para o que se diz. A criação e a interpretação dos enunciados literários estão relacionadas ao uso particular da linguagem. Sendo assim, a natureza do texto literário torna-se mais complexa, pois está determinada por construções de caráter social e cultural.

A esse respeito, Graça Paulino, citada por Marta Moraes, discute que os textos literários:

[...] envolvem, simultaneamente, a emoção e a razão em atividade. Sua organização provoca surpresa, por fugir ao padrão característico da maioria dos textos em circulação social. E fugir ao padrão hegemônico não quer dizer negar qualquer padrão. Os padrões literários existem e devem ser também conhecidos pelo leitor [...] Trata-se, portanto, de uma leitura que exige habilidades e conhecimentos de mundo, de língua e de textos bem específicos de seu leitor. E no momento mesmo da leitura literária todo esse repertório vai-se modificando, sendo desestabilizado por sua pluralidade e ambiguidade. Esse seria o processo de produção do conhecimento característico do texto literário. (PAULINO, 1986, *apud* MORAES, 2007, p. 17).

Especificamente, o texto literário faz uso de construções próprias, sem vincular-se fidedignamente aos textos não literários. Para isso, os autores dedicam-se a buscar recursos estéticos para arquitetar o texto, que, de acordo com Antunes (2012, p. 120) “supera a atividade de dizer para informar e alcança a outra de dizer – fora da configuração formal corriqueira – para simplesmente provocar admiração e gosto. É uma graça verbal”. Para essa construção textual bastante peculiar, fazemos uso de recursos expressivos que cumprem um propósito especial que não se limite à descrição pela descrição, o texto pelo texto, os fatos pelos fatos. Trata-se da expressão criativa vinculada à narrativa, fazendo o leitor interessar-se pela história.

Em textos não literários, a repetição de palavras, por exemplo, pode ser confundida com uma limitação lexical. Para esses textos, existem outros recursos (já vistos em outros tópicos deste trabalho) que o produtor pode lançar mão no ato de comunicar. Por outro lado, no texto literário a repetição cumpre uma função expressiva: talvez a de intensificar o sentido ou, até mesmo, banalizá-lo pela iteração. No texto literário tudo é intencional.

Nesse sentido, funda-se, portanto, uma textualidade própria, sem qualquer limitação de fatores previstos em outros textos (os não literários). Isso fica evidente pela utilização do sentido conotativo ou figurado, valendo-se da função estética para a representação da plurissignificação.

Por esse ângulo, Antunes (2012) nos lembra que a unidade semântica do texto literário encontra-se no diálogo entre as palavras para a construção de sentidos ou a ressignificação deles. Mas, ainda segundo a autora, “a inventividade inerente ao literário não anula a exigência da unidade semântica que serve de suporte à coerência” (p.49). A liberdade de criação literária não anula a mínima ideia de coerência, ainda que, para entendê-la, o leitor tenha que subverter a ordem canonizada pela coerência de textos não literários.

Como vimos, para ser considerado texto, esse deve ter o critério de textualidade da coerência. Vejamos o que postula a autora sobre a coerência do texto literário.

Do ponto de vista linguístico, a coerência do texto literário lhe é inteiramente imanente. Ou seja, se cada texto, em alguma medida, cria sua própria coerência, no texto literário, essa possibilidade é levada ao cúmulo. Nele, as unidades linguísticas ganham autonomia de uso e de combinação; perdem, como vimos, a subserviência a padrões impostos pelas convenções do sistema [...] Instaura-se, assim, uma textualidade de fato muito particular, justificada por si mesma, alheia aos fatores interacionais que condicionam a previsibilidade de outras ações de linguagem. (ANTUNES, 2012, p. 125).

Nessa perspectiva, o texto literário não está alheio à coerência, fator mínimo decisivo para a classificação textual, mas cria sua própria forma de concatenação, a depender da expressividade e da valorização da arquitetura. Assim, nesse tipo de texto, os elementos que entram em questão em todas as formas de comunicação – contexto, mensagem e interlocutores – assumem características particulares já que se trata, também, de uma manifestação artística.

No tópico três abordaremos a leitura no contexto escolar, ressaltando os objetivos do ensino de Língua Portuguesa e a importância do ato de ler como atividade principal para esse ensino.

3. ESCOLA E CONCEPÇÕES DE LEITURA

Os objetivos do ensino de Língua portuguesa na escola perpassam pela importância de se despertar no estudante o gosto pela leitura. Embora essa prática não seja realizada somente na escola, é no ambiente escolar que ela acontece de forma sistematizada, através da mediação didática do professor, o que orienta as informações das leituras para a construção do conhecimento. Nesse sentido, Pietri destaca que:

A leitura é uma prática social escolarizada, isto é, numa sociedade como a nossa, as pessoas consideram que uma das funções da instituição escolar é ensinar a ler. Porém, a leitura não é uma prática escolar: uma pessoa pode aprender a ler sem ter ido à escola, ou, mesmo quem tenha aprendido a ler na escola, pode desenvolver habilidades de leitura diferentes daquelas que a escola lhe apresentou, e ler textos pertencentes a gêneros com os quais não teve contato em contexto escolar. (PIETRI, 2009, p. 11).

Nesse sentido, apesar de não ser a escola o único espaço de formação leitora, muitas vezes é nela que acontece o primeiro contato com o livro, haja visto o contexto social de muitos estudantes. Por essa razão, cabe à escola, organizar sistematicamente a mediação da leitura para que o ato de ler não se constitua uma ação mecânica, mas desafiadora da imaginação e provocadora de ideias para a tão almejada formação do sujeito crítico e atuante. É no ambiente escolar que se percebe que a leitura é um ato que se alterna ora individual, envolvendo experiências de cada sujeito, ora dialógico já que os sentidos são construídos na parceria entre leitor e texto.

Nesse contexto, muito se tem discutido sobre as práticas de leitura desenvolvidas na escola, mais especificamente nas aulas de Língua portuguesa. Tais momentos de contato com a leitura muitas vezes revelam que há, ainda, limitações a partir da fragmentação dos textos em alguns livros didáticos. Sobre a apresentação e trabalho com leitura a partir de livros didáticos, Pietri (2009) defende que as práticas desenvolvidas tendo o livro didático como recurso não variam de gênero para gênero. Isso porque o que interessa é responder questões em exercícios de compreensão textual. Isso significa que as características e especificidades próprias dos textos não são levadas em conta no ato da leitura.

O autor ainda chama a atenção para a “fragmentação dos textos e o apagamento das suas categorias” (*ibidem*), impedindo a percepção da unidade da obra. A exemplo do trabalho com a leitura a partir do livro didático, citado pelo estudioso, podemos, ainda, abordar como acontece, em muitos casos, a mediação da leitura de livros paradidáticos. Apesar de muitos

projetos desenvolvidos para despertar o prazer de ler, o livro paradidático, no dia a dia da escola, serve aos exames avaliativos em que pouco se explora o conteúdo de fato.

Para evitar transparecer qualquer ideia pessimista ou insucesso em relação ao trabalho com o livro paradidático, sabemos de experiências exitosas em que estudantes, em atividades lúdicas e explorando outras linguagens, nunca mais esqueceram livros que leram na educação básica. Assim, ler na escola é, pois, atividade soberana. Sua importância para a formação do estudante é indiscutível, no entanto, devemos considerar algumas práticas em relação ao trabalho com o livro paradidático, o texto ou o livro didático no que diz respeito às atividades de mediação, pois é esse ato quem auxiliará o leitor para tratar as informações nos textos e obras lidas e transformá-las em conhecimento para si e para o mundo que o cerca.

Atualmente é quase impossível não nos depararmos com algum tipo de projeto relacionado à leitura nas escolas. Algumas dessas atividades contemplam outros componentes curriculares, que envolvem a escola inteira, outros são realizados exclusivamente nas aulas de Língua portuguesa. As práticas de leitura mostram-se, ainda, tímidas em relação ao que se espera ao apresentar uma obra literária ou até mesmo os gêneros que aparecem nos livros didáticos.

Os projetos surgem, muitas vezes, numa tentativa de dar visibilidade ao trabalho com a leitura e mostrar a sua importância para os estudantes. Isso não está errado, porém a discussão é acerca do processo sobre como os projetos são conduzidos e, sobretudo, das concepções de leitura adotadas por muitas escolas. Nesse sentido, pensar nisso é discutir sobre que tipo de leitor a escola pretende formar e, ainda, refletir sobre o lugar da leitura literária na sala aula.

Na visão de Koch (2006), a concepção de língua é determinante para se conceber sujeitos, texto e sentidos, pois quando a língua é considerada mera representação do pensamento, por consequência, a leitura é percebida como ação de apanhamento das ideias do autor do texto. Nessa mesma linha de pensamento, Kleiman (2004) diz o texto é considerado um conjunto de elementos gramaticais, reduzindo a leitura à noção de identificação de frases e orações.

Nesse sentido, Duran (2009) enfatiza que a compreensão do texto torna-se automática, pois, nessa lógica, estaríamos pensando na ideia de decodificação como garantia de compreensão. Trata-se de ampliar a noção do entendimento da mensagem do texto para além da mera recepção de palavras.

Por outro lado, quando a concepção de língua é entendida como evento de dialogismo e interativismo Koch e Elias afirmam que:

Os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser visto como o próprio lugar de interação, e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto. Uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH e ELIAS, 2013, p. 17).

Esse entendimento e concepção de leitura apresentado pelas autoras não despreza os aspectos estruturais do texto, mas não se resume a eles. Valorizam e enfatizam o critério interacional para a formação do leitor competente. Vale lembrar que nem toda a compreensão efetiva do que se ler depende da ativação do conhecimento prévio. Nesse sentido, a sua ativação é, pois, um momento de dialogismo.

Sobre essa questão, Kleiman (2004, p. 52) declara que “ativação do conhecimento prévio é, então, essencial para a compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências”. Nessa perspectiva, segundo o que afirma a célebre frase de Freire (1989, p. 27) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, associada ao pensamento de Kleiman (ibidem) demonstra que ler não é apenas decodificar, mas mobilizar o conhecimento de mundo para interagir entre autor, texto e leitor.

Nessa interação, o leitor planeja seus objetivos acerca do que pretende encontrar na leitura. Sendo assim, Solé (1998) enfatiza a importância dos objetivos pretendidos pelo leitor para definir as estratégias a serem tomadas. Diante dessa afirmação, percebemos que traçar objetivos é tarefa anterior a da leitura propriamente dita. Só depois de elencados os propósitos da leitura é que se discute, então, qual a melhor estratégia para o contato leitor-texto. Sobre essa questão, a autora apresenta-nos um conjunto de estratégias que auxiliam - depois de pontuados os objetivos - a compreensão leitora. São elas:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura [...].
2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão [...].
3. Dirigir atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos propósitos perseguidos).
4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum” [...].
5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação [...]
6. Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. (SOLÉ, 1998, p. 73-74).

Dito isso, fica evidente que para cada tipo de leitura existem estratégias específicas que darão conta de explorar a natureza de cada texto. A exemplo disso, pensemos sobre a

leitura literária, especificidade que cabe aqui destacar para entender a importância de se traçar objetivos antes da leitura.

A prática de leitura, embora aparentemente circunscrita à experiência escolar, deve, sobretudo, ser considerada uma prática de cidadania que proporciona a inserção social e efetiva do sujeito para compreender os fatos. A linguagem cumpre a função metafórica de filtrar os acontecimentos, o que determina a necessidade de o sujeito dominar a leitura. Por sua vez, a habilidade de ler não pode ser resumida à atividade mecânica de decifrar, decodificar textos.

Nesse sentido, começar por ampliar a visão acerca da importância do ato de ler se faz necessário. De acordo com o pensamento de Freire (2003, p.69) a leitura é “uma compreensão crítica, a qual não se esgota na decodificação pura da palavra, mas antecipa-se e alonga-se na inteligência de mundo”, o que nos leva a concluir que a leitura se configura no ato de compreender. É o que dá dinamicidade ao processo que, para além da maturidade ao reproduzir o que está escrito, requer o envolvimento de outras habilidades que culminarão no desenvolvimento da competência leitora.

Para acrescentar e (re)definir o conceito de leitura, ainda seguindo a lógica freiriana, Solé (1998) nos lembra que, uma abordagem interacionista, consiste na interação entre texto e leitor. Sendo assim, a ação de ler requer um sujeito ativo, capaz de examinar a leitura para compreendê-la. Portanto, a leitura requer decodificação e atribuição de sentido.

Koch e Elias (2009), ao tratarem da leitura como influenciadora da formação e articulação de ideias, afirmam que o trabalho com a leitura pode estar associado, sobretudo, às noções que se tem acerca de língua, texto e sujeito. Dessa forma, fica evidente que a leitura é responsável pela formação do indivíduo, porque é ela quem viabiliza as necessidades sociais da linguagem e o torna participante na sociedade.

A seguir, discorreremos sobre a mediação da leitura realizada pelo professor nas aulas de Língua Portuguesa. O foco da discussão está no mediador como agente primordial para a condução sistematizada das práticas de leitura.

3.1 Leitura e mediação

A mediação como conceito amplo tem sido aplicada a diversas áreas do conhecimento. Medeia-se conflitos na justiça, no relacionamento entre casais, e outras situações nas quais o consenso deve ser o produto final, intermediado pelo diálogo. Na leitura,

isso se configura quando o mediador, pessoa que aproxima o leitor do objeto, cria condições motivadoras para que o sujeito mediado sinta interesse e necessidade de ler. Nesse sentido, a mediação está intimamente ligada ao ato de motivar.

Entendemos que mediador é todo aquele que estimula, orienta e ensina algo. Mas, aqui, optamos por restringir a mediação ao professor, visto que a discussão envolve o meio escolar e, mais especificamente, a sala de aula. Trata-se, portanto, não de uma responsabilização da mediação à figura docente, mas de uma delimitação do foco para entender como isso acontece na escola, afinal, como afirma Pietri (2009, p.37), “as práticas de leitura podem se desenvolver independentemente da escola, ainda que a escola seja [...] a principal instituição responsável pelo seu ensino”. Tal pensamento reforça a ideia de leitura e mediação como responsabilidade social, não apenas institucional.

Nesse sentido, o professor que ensina conteúdos não é o mesmo que medeia leitura – ou não deveria ser - porque a ação de mediação é de caráter formativo. Nesse ponto de vista, ensinar um conteúdo específico, como objetivo de revelar conceitos ou prescrever regras, difere-se de mediar a leitura, pois, de acordo com Gomes, a mediação parte da qualidade descrita nestes critérios:

- A intencionalidade por parte do mediador e reciprocidade por parte do mediado. Essa intenção pode ser acompanhada de conteúdos conscientes como de expectativas e fantasias inconscientes.
- A construção (incitada pelo mediador) de significados: É o fator da interação que mais mobiliza o aspecto afetivo, envolvendo toda a crença de mundo do mediador e do mediado.
- A transcendência ocorre quando mediador e mediado caminham para além da situação dada, buscando relações entre o conhecimento adquirido e as possibilidades para o futuro, em termos de projeções e generalizações, disponibilizando-o para situações futuras. (GOMES, 2002, p. 86-87).

Nesse contexto, o mediador atua como um agente cultural, aquele que permite, a partir da palavra, que as pessoas se identifiquem com o dito, o revelado e possam evocar outras palavras. Essa relação dialógica para a ampliação das possibilidades de leitura como construção social é imprescindível para a formação do leitor.

Mediar a leitura é, portanto, congrega as múltiplas vozes do texto aos interesses do público mediado (os estudantes, neste caso). Nessa perspectiva dialógica da ação de mediação, Jouve (2002) nos apresenta algumas dimensões desse processo.

A dimensão afetiva, na qual as memórias afetivas são trazidas à tona para criar relações com as personagens apresentadas; a dimensão simbólica, consistindo nas múltiplas interpretações do leitor; a dimensão argumentativa, que enaltece a polifonia do texto e suas possibilidades de desdobramento para a interação do leitor com o texto e autor; a dimensão

cognitiva, quando há uma relação direta entre o que é lido e as situações reais da vida para a construção ou ressignificação do conhecimento. E, por fim, a dimensão crítica, capacidade de infiltração nas entrelinhas do texto para processar melhor as informações apresentadas implicitamente e, assim, poder compreender as circunstâncias.

Sobre essas dimensões e o papel do mediador, a teoria interacionista de Vygotsky (2010, p. 78) ressalta que “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”. Isso agrega ricas contribuições para o afinamento da importância da mediação.

Assim, o professor mediador cumpre a importante função de organizar sistematicamente o acesso aos saberes provenientes das situações de leitura. O autor ressalta, também, que os fatores históricos, culturais e sociais refletem na aprendizagem. Esses pontos motivadores para a construção do conhecimento são apresentados ao sujeito através do processo de mediação.

Dessa forma, a concretização da aprendizagem significativa é apresentada por Santos (2010) em sete passos que, aqui nesta discussão, podemos definir como situações imprescindíveis no ato de mediação da leitura. Esses são: sentir, perceber, compreender, definir, argumentar, discutir e transformar.

Essas situações devem ser sempre muito dinâmicas para abarcar todas as exigências de uma sala de aula composta por mais de um indivíduo. Nesse sentido as sete fases, apresentadas pelo autor supracitado, tem o objetivo de auxiliar na caracterização da ação do docente diante dos desafios, de modo que cada etapa represente uma atitude, que juntas são capazes de promover a aprendizagem significativa.

Na primeira etapa – “Sentir”, o desafio está posto ao professor, na tentativa de fazer o aluno construir sentidos concretos mediante o conhecimento apresentado. Cada conteúdo corresponde ao sentido que o aluno dá ao objeto no contexto no qual está inserido. A ciência neurológica deixa clara essa necessidade do cérebro humano, sendo uma de suas características fundamentais, a totalização. A forma global é a primeira percepção do cérebro ao receber informações. Dessa forma, a aprendizagem significativa depende da construção de sentidos, uma preocupação que deve ser recorrente e inicial a todo professor.

Na segunda etapa – “Perceber”, está relacionado ao momento em que o aluno percebe o objeto como algo especial, pelas suas caracterizações distintas, na busca por entender o que faz de determinado objeto ele mesmo, ser específico. No entanto, a percepção do objeto só se faz plena quando o aluno antecipa o sentido global para o mesmo. Isso

significa que a percepção parte do sentido, uma vez que, nessas circunstâncias a que nos referimos, não é possível sentir e perceber ao mesmo tempo. Assim, é papel fundamental do professor trazer o mundo para a sala de aula, tornando-o perceptível e relacionável a cada aluno.

Na terceira etapa – “Compreender”, é uma das fases mais importante da aprendizagem, pois, o aluno após ter sentido e percebido, ele entra em um movimento de agrupamento de tudo o que lhe foi entendido, enquanto características e enquanto fatos percebidos; formulando, dessa forma, um conceito. Assim sendo, diz-se “compreender” o processo de construção pela qual o aluno cria o conceito. É uma síntese que precisa ser facilitada pelo professor, de modo que a exploração do objeto deve ser facilitada a fim tornar mais consistente a expressão da síntese conceitual do aluno.

Na quarta etapa – “Definir”, o aluno irá elaborar a definição do objeto compreendido, momento pelo qual será efetivado o conceito elaborado por ele. Nesse sentido, o professor precisa deixar livre essa construção para que o aluno possa ter o seu momento de dizer, com suas próprias palavras, aquilo que entendeu.

Na quinta etapa – “Argumentar”, é caracterizada como um momento em que, após ter dado uma definição para determinado conceito, entende-se que o aluno já possui uma capacidade de argumentação. A organização lógica do pensamento no processo de argumentação é uma fase que sedimenta, por meio do encandeamento e entrelaçamento do conceito recém-definido e de outros conceitos já existentes.

Na sexta etapa – “Discutir”, evidencia a participação do aluno no debate das ideias. Após ter atribuído a capacidade de argumentar, ele passa também a integrar em seu raciocínio, a condição de discutir, como ponto de partida da interação de conhecimentos. Nesse caso, as discussões são cadeias de raciocínio embasadas pela argumentação. E o professor, enquanto mediador, precisa estar atento aos desdobramentos das discussões, bem como a consistência e relevância empregadas, considerando que toda discussão necessita estar pautada na coerência e no fundamento de ideias válidas.

Na sétima etapa – “Transformar”, é o processo de construção da aprendizagem significativa e compete a ela a finalidade de fazer de toda aprendizagem um instrumento de intervenção social. E é papel do professor facilitar essa intervenção, ou seja, cambiar a teoria aprendida à prática do contexto real de cada aluno, para que estes entendam que todo conhecimento só é válido quando tem o objetivo de transformar.

Na prática, a mediação da leitura implica o planejamento de situações didático-pedagógicas para levar o texto/leitura ao estudante. Essas atividades são variadas e vão desde

a leitura em voz alta, feita pelo mediador, no qual acreditamos que escutar provoca o desejo de querer falar também, até a leitura compartilhada entre os sujeitos da mediação, em que todos participam diretamente da leitura em voz alta do texto. Trata-se de situações didáticas de natureza simples que estão presentes no cotidiano das aulas de Língua portuguesa.

O processo de mediação de leitura, também chamado em outras teorias de leitura guiada, que, de acordo com Fountas e Pinnell (2001, p. 36) “é uma abordagem designada para ajudar o aluno a aprender sobre como processar uma variedade cada vez maior de textos desafiadores com entendimento e fluência”. Isso acontece satisfatoriamente quando a figura do mediador, enaltecida na teoria vygotskyana, traça os rumos da leitura e ajuda a (re)construir significados.

Nessa vertente, Petit (2008) chama atenção para o professor mediador como referência na mediação, chamando a atenção para a vivência como ação influenciadora na transmissão de qualquer saber. Dito isso, a autora destaca a importância do exemplo, isto é, para ser um bom mediador, o professor deve gostar de leitura e fazer dela um hábito. O professor mediador é a grande chave mestra do desenvolvimento da leitura e, nessa relação de influência, é preciso significar o ato de ler, transformando-o em conhecimento. Trata-se de mediar a leitura para a vida.

O mediador, portanto, não é o único responsável pelos possíveis fracassos e sucessos dos estudantes em relação às experiências em leitura, visto que, além dele – e da escola - outras instâncias estão envolvidas no desenvolvimento leitor, como a família, o meio social, a biblioteca ou qualquer outro espaço que promova a leitura. Destarte, o professor tem exclusiva responsabilidade pela própria vontade de exercer a mediação, entendendo que ser alheio à necessidade de sistematização e planejamento para as atividades de leitura em sala de aula é esquecer-se que o futuro dos alunos está refletido, também, na sua atitude enquanto professor-mediador.

Uma das instâncias que mais contribui com o trabalho do professor na mediação leitora é a biblioteca escolar como apoio às atividades de mediação da leitura feitas por ele. Para além do empréstimo de livros, a biblioteca deve ser um lugar de múltiplas atividades: pesquisa, leitura livre, leitura mediada e estudos. Esse é um espaço multidisciplinar de acesso e democratização que deve ser melhor usufruído, integrando-se às atividades de leitura propostas por mediadores. De acordo com Silva (2009, p.73), “a biblioteca deve dar suporte à formação de leitores, estimular a pesquisa e compartilhar ideias, pois esse local é parte integral do processo educativo”. Nesse sentido, é imprescindível pensar sobre o papel e a

importância da biblioteca escolar como espaço de mediação de leitura e ambiente provocativo para a formação de leitores.

Nesse contexto, o bibliotecário ou outro profissional responsável por esse espaço deve promover, junto com o professor responsável pela turma, atividades lúdicas que aproximem os sujeitos da leitura. Além disso, enquanto encarregado da “morada dos livros”, deve usar a sua autonomia para promover ações de incentivo à leitura e agir como mediador dessas ações. Portanto, a biblioteca se constitui como espaço fundamental para o acontecimento de atividades de mediação da leitura, pois através dela é possível desenvolver ações que promovam o hábito de ler e, por conseguinte, a ampliação do repertório cultural e o fortalecimento de ideias para a atuação crítica.

3.2 A leitura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular BNCC (2017) é um documento norteador que define os direitos de aprendizagem de todos os estudantes brasileiros na educação básica. Apesar de não ser currículo escolar, visa diminuir as desigualdades educacionais, no que diz respeito às aprendizagens e, assim, assegurar conhecimentos essenciais, desenvolver habilidades específicas de acordo com a etapa de ensino e fomentar a educação integral (que não deve ser confundida com educação em tempo integral) dos estudantes.

Esse documento não é uma proposta de governo, pois já estava previsto nos documentos mais importantes que regem e normatizam a educação brasileira, a exemplo, principalmente, da Constituição brasileira (1988), da LDB (1996) e do PNE (2014). O texto introdutório aborda que a BNCC (2017, p. 86) ajudará a “superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação”.

Nesse sentido, todas as redes e sistemas de ensino devem tomar a BNCC (ibidem) como referencial máximo para a elaboração das suas propostas curriculares que, por sua vez, orientarão a reelaboração das propostas pedagógicas das escolas e, por conseguinte, o planejamento do professor.

Nessa perspectiva de sugestão de mudanças, a educação deve ter como objetivo o desenvolvimento pleno dos estudantes. Isso acontece a partir do foco nas habilidades, que vão além da ideia de conhecimento, e buscam desenvolver atitudes e valores universais que colocam o saber sistematizado pela escola a serviço do estudante para auxiliá-lo na resolução

de problemas individuais e do mundo que o cerca. Dessa forma, quando conseguimos o desenvolvimento dessas habilidades, desenvolvemos, por consequência, competências no aluno que vão além do saber cognitivo e são postas em prática nos desafios da vida contemporânea.

Nesse sentido, a abordagem da Língua portuguesa na sala de aula assume o compromisso de ampliar os horizontes leitores dos estudantes. Concerne tornar o aluno um curador de informações, justamente pela facilidade de referências na internet e outros recursos ligados às novas tecnologias da informação.

Antes, com o trabalho de leitura restrito ao livro físico, a seleção já estava previamente feita, pois o material precisaria, antes de chegar à escola, passar por todas as normas editoriais e, também, critérios de seleção para a escolha. A partir dessa curadoria, a tarefa do professor é fazer o estudante perceber as minuciosidades das informações para, então, transformá-las em textos originais.

Nessa linha de pensamento, essa gama de informações veiculadas em diferentes suportes torna o desafio de ensinar a ler, no sentido freiriano da ação, “ler o mundo”, maior e mais rebuscado. Vejamos o que diz a BNCC:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da *Web*. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto, escrever *fanfics*, produzir e-zines, nos tornar um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades. Em tese, a *Web* é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. (BRASIL, 2017, p. 43).

Essa consideração acerca dos multiletramentos¹ e novas formas de se conceber o ato de ler, reforça a necessidade de se desenvolver nos estudantes a capacidade de argumentação e a ponderação dos diferentes pontos de vista encontrados na gama de textos. Deve, ainda,

¹ O conceito de *multiletramentos*, articulado pelo Grupo de Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a *pluralidade e a diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação. (ROJO, 2012, p. 14 – grifos da autora).

proporcionar momentos de reflexão acerca da formação desses agentes da linguagem na busca pelo uso consciente e crítica das diferentes formas de manifestações de comunicação.

Assim, o eixo leitura, que compõe o conjunto de eixos organizadores que correspondem às práticas de linguagem, centraliza-se na urgência em se trabalhar com a interatividade entre leitor/ouvinte/espectador a partir de textos orais, escritos ou multissemióticos. Tal envolvimento proporciona ações efetivas de contato direto com a leitura.

Portanto essa tem seu sentido ampliado ao conceber as múltiplas formas de manifestação da linguagem que, por consequência, implicam diferentes maneiras de ler como “foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”. (BNCC, 2017, p. 301).

No eixo leitura, os gêneros textuais que circulam nas práticas sociais constituem-se material palpável para o desenvolvimento da competência leitora, dentro do tipo de leitura proposto pela Base. Assim, os campos de atuação norteiam a seleção dos gêneros a serem usados em sala de aula com maior frequência. Esses campos são: artístico-literário; práticas de estudo e pesquisa; jornalístico-midiático e atuação na vida pública. De acordo com a Base:

Os campos de atuação orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. Diferentes recortes são possíveis quando se pensa em campos. As fronteiras entre eles são tênues, ou seja, reconhece-se que alguns gêneros incluídos em um determinado campo estão também referenciados a outros, existindo trânsito entre esses campos. Práticas de leitura e produção escrita ou oral do campo jornalístico-midiático se conectam com as de atuação na vida pública. Uma reportagem científica transita tanto pelo campo jornalístico-midiático quanto pelo campo de divulgação científica; uma resenha crítica pode pertencer tanto ao campo jornalístico quanto ao literário ou de investigação. (BRASIL, 2017, p. 29).

Para cada um desses campos, a escolha textual, bem como as estratégias de leitura, devem adequar-se aos objetivos propostos em cada gênero, pois para lidar com a leitura de um poema, por exemplo, o olhar artístico literário do estudante deve ser apurado, observando as necessidades de leitura e concepção dos textos dessa natureza. Do mesmo modo quando são apresentadas notícias ou propagandas, o mediador deve chamar a atenção para os recursos da linguagem persuasiva e/ou para as entrelinhas do discurso.

Em suma, a BNCC (*Ibdem*) destaca no eixo leitura, a necessidade de se apurar o olhar para a seleção criteriosa da gama de informações que chegam ao estudante através dos diferentes suportes, sendo imprescindível fazê-los questionar a procedência das informações,

criticar, argumentar, levantar hipóteses para fundamentar seus discursos nos usos e práticas da linguagem.

Enfim, podemos entender que os postulados da Base Nacional Comum Curricular vão ao encontro do que a escola pretende quando se objetiva a formação do leitor: torná-lo curador de informações veiculadas em diferentes contextos para se apropriar delas e, assim, construir conhecimento.

No próximo capítulos veremos como os multiletramentos estão presentes na vida cotidiana dos estudantes e merecem destaque nas atividades de leitura trabalhadas na escola, visto que a contemporaneidade exige, cada vez mais, um leitor capaz de fazer conexões com vários textos multimodais.

4. MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

A escola contemporânea tem passado por um complexo processo de mudança de paradigma, na tentativa de acompanhar as transformações externas e adaptar sua função às novas exigências, profissionais e pessoais do alunado. Neste evento inúmeras teorias são desenvolvidas para discutir este processo e, a maioria delas, nos permite entender que as velhas práticas do ensino já não dão conta de atender mundo globalizado.

As práticas de linguagem na contemporaneidade tem sido objeto de estudo nas formações continuadas de professores de Língua portuguesa, sobretudo, com a chegada da Base Nacional Comum Curricular (2017). Nessa perspectiva, pensar a formação do leitor crítico e, também, a multiplicidade que há nos textos que circulam no cotidiano dos estudantes, principalmente pela cultura digita se faz necessário.

Desse modo, esse documento propõe nas competências específicas três e dez de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental

Competência 3 Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Competência 10 Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2017, p. 87 – Grifos nossos).

Segundo Roxane Rojo (2012), por muito tempo, a escola valorizou o alfabetismo disfarçado de letramento. Pensar sobre a estrutura de um gênero ou capacidades e competências da leitura e da escrita não se configuram como sendo práticas de letramento. O letramento é, na visão de Magda Soares

[...] o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que se adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 1998, p. 37).

Esse conceito vai ao encontro dos objetivos apontados pelos PCN (1998), no que se refere às aulas de Língua Portuguesa, identificados na proposta de letramento: “utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos

comunicativos e expressivos” (p.29). Essas práticas sociais, eventos comunicativos tão caros à exemplificação do que é letramento, ao longo do tempo, com a inclusão e a facilidade ao acesso à cultura digital se aperfeiçoaram.

Nessa perspectiva, no sentido de expandir a questão do letramento como prática social e, por sua vez, realizado também por meio da cultura digital, Roxe Rojo aborda que:

O conceito de *multiletramentos*, articulado pelo Grupo de Nova Londres², busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a *pluralidade e a diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação. (ROJO, 2012, p. 14 – Grifos da autora).

Nesse contexto, entendemos a relevância dos multiletramentos ao enaltecer além dos conhecimentos que o aluno deve ter dos textos multisemióticos, valores e saberes culturais específicos de cada um no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, tal ampliação das práticas de letramento frente à cultura digital tem provocado a reflexão acerca de que tipo de leitor a escola, enquanto instituição sistematizadora do letramento, pretende formar em virtude da gama de informações veiculadas pelas mídias digitais.

O estudante com acesso à internet não lê um texto do modo como o que não possui o faz. As imagens, os sons, as diferentes fontes e tamanhos de letras, os hipertextos... Tudo isso soma-se à habilidade inicial posta no conceito de letramento – prática social - que, somado ao pensamento de Moran, podemos chamar de comunicação *linkada*. Segundo o autor:

A construção do pensamento é lógica, coerente, sem seguir uma única trilha, como em ondas que vão ramificando-se em diversas outras. Hoje, cada vez mais processamos as informações de forma multimídia, juntando pedaços de textos de várias linguagens superpostas, que compõem um mosaico ou tela impressionista, e que se conectam com outra tela multimidiática. Uma leitura em flash, uma leitura rápida que cria significações provisórias, dando uma interpretação rápida para o todo, através dos interesses, percepções, do modo de sentir e relacionar-se de cada um. (MORAN, 2000, p. 24).

Desse modo, os hipertextos permitem a ativação de estratégias múltiplas para a realização das leituras, por meio dos diferentes gêneros textuais. Estudos científicos apontam que o nosso cérebro funciona melhor e de maneira mais produtiva quando conseguimos

¹ Grupo de pesquisadores dos letramentos que, reunidos em Nova Londres (daí o nome do grupo), em Connecticut (EUA), após uma semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”). (ROJO, 2012, p. 11 – 12 - grifos da autora).

estabelecer relações e associações, desse modo, no hipertexto, o leitor atua de maneira mais autônoma – quando é feito um trabalho prévio de mediação desse tipo de leitura – isso porque suas escolhas acerca do início, meio ou final do texto, canonicamente sistematizado pela leitura em papel, da esquerda para a direita e de cima para baixo, ganha outras possibilidades de realização (é evidente que não pode ser confundido com a ideia de ler de qualquer forma. Há que se ter coerência na leitura).

Nessa perspectiva, Lévy (2000, p. 56) destaca que o hipertexto “é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Essa metáfora de leitura desmontável e desdobrável é possível de ser exemplificada através de textos como este:



Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas>

As tirinhas são um dos primeiros ensaios vistos nos livros didáticos com características multimodais. Na tirinha acima, encontramos elementos verbais, imagéticos e onomatopeias que sugerem sons. Rojo (2012, p. 19) caracteriza esse texto como multimodal, porque há “muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Em um ambiente digital, por exemplo, essa mesma tirinha poderia apresentar-se em movimento (cenas), haveria fundo musical e as onomatopeias teriam a representação do efeito sonoro auditivo. Isso é reforçado pela BNCC ao afirmar que:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. (BNCC, 2017, p. 67).

Resumidamente, em um texto multimodal temos novos modelos de escrita e distribuição de elementos gráficos e imagéticos, e, conseqüentemente, novas formas de leitura desses textos.

Nessa perspectiva, o professor mediador exerce função importante – mais uma vez – no sentido de conduzir os estudantes para a curadoria das informações, isto é, a seleção cuidadosa do que se lê, além de apresentar estratégias múltiplas de leitura de textos multimodais. Por outro lado, deve ainda se mostrar disposto a aprender com os chamados nativos digitais, pois o que muito se tem notado é que os estudantes dominam os ambientes digitais muito mais do que o professor que ainda está se adaptando.

Trata-se de uma troca: o estudante ensina e apresenta as múltiplas possibilidades oferecidas pelas mídias digitais, e o professor mediador auxilia para a leitura crítica, apresentando caminhos, como, por exemplo, fazer com que os conteúdos escolares dialoguem com a cultura do aluno para se extrair informações e transformá-las em conhecimento. É o professor que, ao ensinar, também aprende.

Portanto, sobreviver no mundo contemporâneo e no mundo que se propaga está preso ao pêndulo do saber a aprender e desaprender, respectivamente, com certa habilidade e agilidade. Trata-se de um jogo de sobrevivência recorrente em qualquer sociedade atualizada. Assim, fica evidente que o mundo contemporâneo e sus múltiplas possibilidades de leitura não imperam mais espaço para as repetições automáticas, para o conhecimento fechado, para a falta de contextualização e criticidade, para a aprendizagem que não seja significativa.

4.1 Gêneros textuais como artífice do desenvolvimento da leitura

Os gêneros são a concretização das expressões das situações de comunicação em todas as esferas das atividades humanas. Bakhtin (2003), precursor da ideia e diferenciação entre gênero e tipo textual, considera, ao explicar sobre a heterogeneidade discursiva que

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja,

pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

De acordo com o autor, três elementos são indispensáveis para a constituição dos gêneros: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. Nessa circunstância, a depender da situação e necessidade comunicativa, os gêneros se formam, sendo, eles, tipos relativamente estáveis de enunciados.

Justamente por essa flexibilidade, os gêneros, na perspectiva bakhtiniana, são infinitos e vão se renovando ou se hibridizando a depender das necessidades o homem. Nesse contexto, o gênero é, também, uma construção dialógica.

Nessa perspectiva, os gêneros vão sendo historicamente repassados, agregando valores sócio discursivos, preservando-os e renovando-os. De acordo com Bazerman (2006), “os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São partes do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”. Sendo assim, os gêneros não são apenas matéria, mas o produto de uma construção de relação dialógica.

A ideia de dialogicidade é representada por Bakhtin (1993)

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1993, p. 88).

Em outra perspectiva, mas não no sentido de discordar, e sim de complementar a noção de gênero, o pesquisador Luiz Antônio Marcuschi aborda a distinção entre gênero e tipo textual. Sobre essa distinção, Antunes (2017) já nos adianta que “faz parte da tradição escolar a exploração do conceito de tipos textuais, centrada, sobretudo, nos tipos narrativo, descritivo e dissertativo, distribuídos conforme os avanços dos estudos escolares”. Os tipos de texto são finitos, sendo eles categorias maiores que abarcam os gêneros.

A respeito dessa diferenciação entre tipo e gênero, Marcuschi (2008) explica que

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composição característica. Se os tipos textuais são meia dúzia, os gêneros textuais são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária,

bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa o espontânea, conferência, carta eletr nica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23).

Assim, os tipos textuais relacionam-se com as estruturas físicas do texto, com características definidas. Por outro lado, o gênero possui inten o comunicativa. Seu foco está na transmissão da mensagem ao interlocutor. Por possuirem propósitos comunicativos, intencionalidades e outras marcas textuais em comum, os gêneros manual, receita culinária, guias, bulas de remédio são exemplos de textos pertencentes ao tipo injuntivo, que pauta-se na explica o ou instru o para a realiza o de algo. Apesar de pertencerem ao mesmo tipo textual, os gêneros atendem a necessidades comunicativas diferentes, pois a finalidade de uma receita culinária não   mesma que a de uma bula de remédio, por exemplo.

Para ilustrar a teoria aqui apresentada, vejamos o quadro produzido por Marcuschi (2002) que sintetiza a diferença entre gênero e tipo textual.

Quadro A – Diferença entre tipos textuais e gêneros textuais

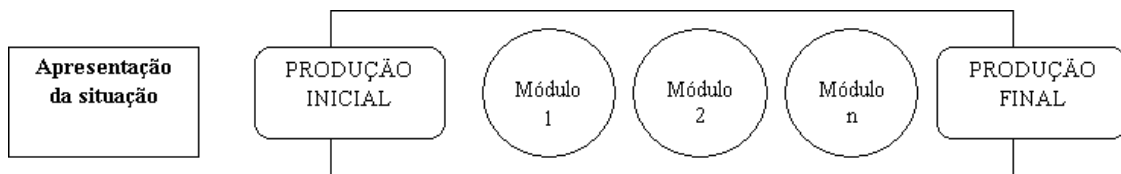
Tipos textuais	Gêneros textuais
1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intr�secas;	1. realiza�es linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo fun�es em situa�es comunicativas;
3. sua nomea�o abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sint�ticos, rela�es lógicas, tempo verbal;	3. sua nomea�o abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designa�es concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composi�o e fun�o;
4. designa�es teóricas dos tipos: narra�o, argumenta�o, descri�o, injun�o e exposi�o	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instru�es de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa�o espontânea, conferência, carta eletr�nica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Disponível em: (MARCUSCHI, 2002, p. 23)

Discutidas as questões relacionadas a gêneros discursivos, na perspectiva de Bakhtin e entendimento sobre a distinção entre tipos e gêneros textuais, fundamentado em Marcuschi, passemos para o trabalho com essa diversidade textual na sala de aula. Vejamos como, de acordo com o grupo de Genebra, composto por Dolz, Noverraz e Schneuwly os gêneros devem chegar à sala de aula para potencializar o trabalho com a leitura.

Iniciaremos, então, pela análise do seguinte esquema, proposto pelo grupo de autores

Figura 1 – Esquema da sequência didática



Disponível em: DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY (2004, p. 83).

Esse esquema representa o passo a passo do trabalho com gêneros textuais a partir do que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) consideram “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Nessa modalidade organizativa e sistematizada do trabalho com o texto, cada momento cumpre uma função importante que vai desde o contato inicial com o gênero, até a sua produção.

Para Marcuschi (2008, p. 214) “a finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero. Essa sistematização aprofunda o estudo do gênero e torna o estudante confiante para expressar-se por meio deles.

Essas etapas ilustradas no esquema podem ser explicadas da seguinte forma:

- **Apresentação da situação:** o mediador apresenta o gênero a ser trabalhado e propõe a leitura para identificar características iniciais as quais serão aprofundadas em um dos módulos. Nesta etapa, os estudantes entram em contato com o gênero a ser estudado. Para isso, o mediador deve lançar mão de estratégias de leituras variadas e mais de um texto do mesmo gênero para ampliar os olhares.
- **Produção inicial:** Aqui, é realizada a primeira produção do texto, que pode ser coletiva ou individual, cujo intuito é diagnosticar competências necessárias para a produção. Esta etapa é indispensável, pois é essa produção que será

ajustada na produção final depois de terem sido trabalhados, ao longo dos módulos, todos os elementos necessários e inerentes ao gênero que se está produzindo.

- **Módulos:** Os autores não definem uma quantidade máxima de módulos, pois o seu planejamento vai depender do nível da turma, dos objetivos propostos e do grau de complexidade do gênero. Nesses módulos são trabalhadas as dificuldades apresentadas pelos estudantes durante a produção inicial, as características do gênero e todos os aspectos que deem suporte para a produção final de forma consciente.
- **Produção final:** Por fim, esta etapa o estudante desenvolve, de forma mais consciente, a produção do gênero trabalhado. É o momento de colocar em prática tudo o que foi estudado no decorrer do módulos.

Outra modalidade organizativa do trabalho com os textos, mais especificamente com o texto literário, é a sequência proposta por Rildo Cosson na obra *Letramento Literário: teoria e prática* (2018). Nessa abordagem, o autor sugere a sistematização do trabalho com o texto literário em três metodologias, ambas seguindo a ideia de sequência com começo, meio e fim estabelecidos. Nesse modelo, não necessária a produção do gênero como produto final da aprendizagem. Aqui, daremos ênfase ao modelo de sequência básica, assim intitulada pelo autor, constituída pelas seguintes etapas:

Figura 2 – Esquema da sequência básica - Cosson



Elaborada pelos autores

Cosson (2018) explica que a **primeira etapa** da sequência básica é a motivação, destacando que o trabalho com a leitura requer, antes de tudo, antecipação para o que será lido. Para o autor, motivar o estudante para a leitura é a primeira etapa do processo, acrescentando que “as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”. Nessa perspectiva, vale investir em atividades que despertem curiosidade para o que se vai ler.

Na segunda etapa, intitulada **Introdução**, é o momento para apresentar o autor e a obra em questão. O autor afirma que não é necessário se estender muito, apenas focar nas informações principais, dando ênfase à relação com a obra que será lida.

Na terceira etapa, a da **leitura** propriamente dita da obra, Cosson destaca

Se for a leitura de um pequeno texto a ser feita em sala de aula, de fato há pouco o que se fazer a não ser esperar que o aluno termine a tarefa. Todavia, quando tratamos de livros inteiros, esse procedimento já não é adequado. A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (COSSON, 2018, p. 62).

Nesse sentido, realizar a leitura consiste em compartilhar o que se está lendo. O mediador deve perceber dificuldades e avanços da turma para poder intervir nesses momentos de contato com o texto ou a obra. Entre um intervalo e outro da leitura, o mediador propõe ações relacionadas ao que se está lendo. Por exemplo, em uma obra aparece o tema ditadura. A palavra certamente não está ali meramente ilustrativa, cabe ao mediador propor uma situação didática – palestra com professor de História, pesquisas na internet, exibição de documentário – que esclareça esse termo a fim de que o estudante relacione ao contexto da obra ou do texto.

A quarta e última etapa é a **interpretação**. Nesse momento da sequência básica o estudante devolve o que leu, sendo capaz de, através de uma atividade planejada em parceria com o mediador, expressar-se com base no conteúdo da obra. Cosson (2018) salienta que “a razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade”. O autor afirma que não é necessário realizar um evento grandioso para a exposição da interpretação. A real função desse momento é oportunizar ao estudante a manifestação – valorizando múltiplas habilidades – para se relacionar com a comunidade e provocar/incentivar outros leitores.

Com isso, para um ensino de Língua portuguesa que tenha compromisso com a formação de leitores, faz-se necessário pensarmos numa possibilidade didática que toma o texto como objeto de análise, ressaltando a importância dos diversos gêneros textuais com a finalidade de enriquecer as atividades de leitura, análise e produção, visando uma comunicação competente tanto na escrita como na oralidade. Trata-se de desenvolver, nas aulas de Língua Portuguesa, um trabalho que torne o sujeito competente na comunicação, dando a ele os subsídios necessários para produzir gêneros de acordo com cada situação

comunicativa, a depender da motivação e da interação social, pois, como bem afirma Meurer e Motta-Ruth (2002, p. 152):

[...] estudamos gêneros para poder compreender com mais clareza quando usamos linguagem para interagir em grupos sociais, uma vez que realizamos ações na sociedade, por meio de processos estáveis de escrever/ler e falar/ouvir, incorporando formas estáveis de enunciado. (MOTTA-RUTH, 2002, p. 152)

Qualquer interação entre interlocutores perpassa por um gênero, seja de forma escrita ou oral. A escolha acontece, às vezes, de maneira natural, com base nas intenções do locutor, aquele que produz o texto, e a quem se dirige a mensagem. Saber selecionar um gênero para a organização do discurso requer um conhecimento de suas características, mas isso não é o suficiente, nem deve ser o único foco do trabalho para a aprendizagem significativa. O que se coloca ao mencionar a importância dos gêneros para o ensino de Língua Portuguesa é a sua possibilidade de adequação às diferentes realidades. Os gêneros são subsídios para romper o trabalho de forma descontextualizada e permite uma reflexão sobre a língua.

Sobre essa relevância do trabalho a partir dos gêneros, Schenewly e Dolz (2009) afirmam que eles são um instrumento que permite exercer uma ação sobre a realidade, pois os gêneros que circulam socialmente entre os sujeitos, além de ampliar a competência linguística, propiciam a participação efetiva na sociedade.

Vale lembrar que “[...] a falta de domínio do gênero é a falta de vivência de determinadas atividades de certa esfera. Fala-se e escreve-se sempre por meio de gêneros e, portanto, aprender a falar e escrever é aprender gêneros.” (Fiorin, 2006, p. 69). Entendendo assim, o ensino de Língua Portuguesa deve possibilitar o contato com a diversidade de gêneros, observando as diferentes formas de comunicação. Além disso, diferenciar os tipos textuais dos gêneros, pois, segundo Rojo (2005, p. 184) “os gêneros são formas de discurso social”, enquanto que os tipos estão predefinidos pela natureza linguística. Na escola, os gêneros exercem um importante papel, pois permitem as inúmeras possibilidades de comunicação, que é, pois, o objetivo central do ensino significativo de Língua Portuguesa.

É certo que o trabalho com os gêneros textuais para um efetivo ensino de língua materna contribui para tornar as aulas mais significativas, deixando mecanicidade e a descontextualização de lado. Trata-se de uma prática que proporciona a ampliação do letramento, pois ao se deparar com um determinado gênero, a depender da mediação que será feita, o aluno, além de conhecer os aspectos estruturais, necessários à sua produção, compreenderá a função social daquilo que se está produzindo.

5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO PEDAGÓGICO PARA MEDIADORES DE LEITURA

Esta proposta de intervenção oferece ao professor do 6º ano do Ensino Fundamental condições para mediar a leitura, um modelo estrutural adaptável a outras situações de intervenção com esse eixo da linguagem, que possibilita o desenvolvimento por etapas, e garantem a formação do leitor crítico tão almejado e defendido ao longo deste trabalho. Nesse sentido, o caderno está fundamentado nas três dimensões dos princípios da Pedagogia dialética, teoria que destaca a importância da construção do conhecimento pelo sujeito através das relações em desacordo com o modelo meramente expositivo. A proposta se divide, de acordo com Vasconcellos (1992) em três grandes dimensões: **síncrise**, **análise** e **síntese**.

A **síncrise** é a dimensão que valoriza e ativa o conhecimento prévio do aluno. O conteúdo novo precisa ser provocado a partir de questionamentos e outras situações didáticas planejadas para despertar o interesse na leitura.

Nessa continuação, a **análise**, segunda dimensão do trabalho, aprofunda aquilo que foi manifestado no primeiro momento, que consiste na leitura da obra ou dos textos propriamente ditos, com atividades de intervenção para aprofundamento dos temas tratados, conhecimentos acerca do gênero e formação do leitor crítico. Essa dimensão dialética está subdividida em tópicos³ a depender da natureza do gênero ou aspectos da obra os quais o mediador objetive enfatizar como por exemplo: estudo do tema, estrutura da obra ou gênero, contexto, etc.

A **síntese** é momento final da mediação, que possibilita ao aluno a interpretação do que foi lido durante a oficina. Essa terceira e última dimensão consiste na sistematização do conhecimento em que o aluno expressa aquilo que de mais significativo ficou da leitura, através de atividades envolvendo arte e tecnologia.

Essa orientação sistemática norteia a condução das aulas e, aqui, foi incorporada à mediação de leitura que pretendemos: da valorização do conhecimento prévio à intervenção do sujeito leitor, uma vez que essa tríade pode ser perfeitamente adequada a qualquer situação de aprendizagem.

De acordo com o Vasconcellos (1992), a Pedagogia dialética faz uma crítica ao método expositivo, destacando a transmissão do conhecimento como uma das práticas do

³ Cada subdivisão varia de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas nas oficinas. Isso será melhor detalhado ao longo do caderno pedagógico de oficinas para a mediação da leitura.

método. Nesse sentido, o autor destaca o baixo nível de interação, aspecto que torna a exposição inviável para a proposta de educação com ênfase na formação do sujeito crítico. Vejamos o que diz o pesquisador:

Do ponto de vista político, o grande problema da metodologia expositiva é a formação do homem passivo, não crítico, bem como o papel que desempenha como fator de seleção social, já que apenas determinados segmentos sociais se beneficiam com seu uso pela escola (notadamente a classe dominante, acostumada ao tipo de discurso levado pela escola, assim como ao pensamento mais abstrato). (VASCONCELLOS, 1992, p. 2).

Sendo assim, a Pedagogia dialética é o outro extremo da organização do trabalho didático que, aplicada ao processo de mediação da leitura, torna-se a mais adequada, haja vista a necessidade de se vivenciar a leitura, e não apenas expor uma obra ou um texto aos alunos. Não é pedir que leiam, mas sistematizar, em etapas, como será a vivência na leitura de textos multissemióticos literários e não literários.

5.1 Estrutura do caderno: um guia autoexplicativo para o mediador

Este caderno pedagógico é fruto das discussões apresentadas ao longo do trabalho, que servirá como referência metodológica para professores do Ensino Fundamental no desenvolvimento de oficinas de mediação da leitura de textos multissemióticos literários e não literários. Nesse sentido, o que pretendemos ao oferecer esse recurso é dar apoio ao docente que, na ação de motivar a ler, assume o papel de mediador de leitura, carecendo, pois, de um percurso didático sistematizado por etapas, com níveis de desafio graduais e pensados para cada gênero, obra literária ou conjunto de textos.

O caderno apresenta um conjunto de quatro oficinas. Cada uma delas traz um tema geral que é discutido por meio de um gênero principal e aprofundado em gêneros secundários que polarizam a leitura do texto central em análise na oficina. A primeira, por exemplo, “A notícia e seus desdobramentos”, remete ao gênero notícia e, também, apresenta gêneros como legenda, comentário, mito, manual, poema, reportagem e entrevista. Esse conjunto é figurado na oficina para ampliar a capacidade de leitura e auxiliar na construção do raciocínio acerca dos objetivos pensados para cada etapa. Vejamos quais temas e gêneros estão presentes em cada parte do caderno:

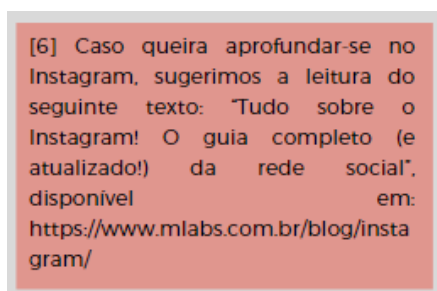
Quadro B – Títulos e textos das oficinas

OFICINA	TÍTULO	TEXTO PRINCIPAL	TEXTOS ENVOLVIDOS
OFICINA 1	A notícia e seus desdobramentos	Notícia: “Jumento sobe em telhado de casa em Cajazeiras, Sertão da PB”.	Legenda; Comentário; Mito; Manual; Poema; Reportagem (em vídeo); Entrevista.
OFICINA 2	Lendo no Instagram	Instagram (suporte de textos).	Postagem; Legenda; Descrição; Biografia; Comentário; Hashtag; Manchete; Debate (em vídeo); Entrevista.
OFICINA 3	Liberdade e Censura	Texto teatral: “Os Saltimbancos”, de Chico Buarque de Holanda.	Biografia; Comentário; Notícia; Reportagem; Mapa mental; Letra de música; Artigo de opinião; Entrevista; Meme; Tutorial; História em Quadrinhos; Videoaula.
OFICINA 4	Como surge um meme?	Memes variados.	Artigo; Notícia; Reportagem; Clip musical.

Elaborada pelos autores

De acordo com a organização do quadro, percebemos que, além de um texto principal, no texto motivador para o qual a atenção do tema está voltada, há uma gama de gêneros multimodais envolvidos, o que dinamiza o trabalho e permite a associação textual para aprofundar a discussão central proposta por cada oficina. Além disso, apresentamos, nas oficinas, links e hiperlinks em notas de rodapé que direcionam para textos de sites confiáveis e vídeos do YouTube, auxiliando o professor no estudo de determinada temática ou conceito que se faz necessário para a condução da mediação da leitura. Vejamos um exemplo disso na imagem retirada do caderno pedagógico:

Figura 3 – Nota de rodapé



Elaborada pelos autores

Figura 4 – Vídeos do YouTube



Elaborada pelos autores

Nesse sentido, cada etapa está organizada com orientações ao mediador para a condução das atividades práticas de mediação da leitura da obra. Também estão presentes links para aprofundamento e esclarecimento de itens importantes para a oficina. Além disso, o diálogo com as habilidades propostas pela BNCC, no eixo leitura, orientam o foco de desenvolvimento em cada momento da mediação.

Trata-se, pois, de um trabalho sistematizado para uma boa condução do trabalho com a leitura na escola que dê conta de tornar o aluno competente para a percepção de elementos estruturais, estilísticos, temáticos que darão suporte ao momento final de interpretação da leitura.

Além disso, antes de começar a mediação propriamente dita, na parte introdutória que abre cada oficina, há um conjunto de conceitos importantes e relevantes que atualizam o mediador para a atividade proposta. Em continuação a isso, há, também, perguntas elaboradas para motivar a participação dos estudantes durante a mediação. Essas perguntas podem ser exploradas oralmente ou por escrito. No caderno, estão organizadas da seguinte forma:

Figura 5 – Perguntas motivadoras

Converse sobre os contrários vistos no mural. Provoque a discussão com perguntas como:

Qual dos dois lados do mural é mais agradável aos olhos de vocês?

Vocês concordam que alguém tenha o direito de aprisionar outra pessoa?

No caso de delitos, a prisão é um dos caminhos socialmente estabelecidos, mas, em se tratando de ideias, de que forma as pessoas aprisionam as outras?

Alguém aqui da turma já foi impedido de dizer o que pensa?

Alguém já se sentiu com medo de falar algo, mesmo sendo verdade ou que ajudaria outra pessoa a se livrar de determinada situação conflituosa?

Elaborada pelos autores

A parte de análise, leitura aprofundada dos textos, está dividida em subtópicos que visam fazer um recorte daquilo que precisa ser lido com mais atenção para cumprir com as habilidades de leitura elencadas em cada etapa. Essas habilidades foram extraídas da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), da prática de linguagem leitura – foco do trabalho de mediação – nos quatro campos de experiência: Jornalístico midiático, que trata da

leitura de informações e opiniões; Atuação na vida pública, que capacita o estudante para debater ideias e participar das discussões sociais; Práticas de estudo e pesquisa, que visa a ampliação do estudo por meio da ação autônoma da pesquisa orientada; Artístico-literário, que trata a leitura para o aproveitamento de questões artísticas, valorizando diferentes linguagens e culminando na formação do leitor crítico.

O caderno pedagógico tem como público-alvo estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental – justificativa no início do trabalho – porém, as atividades são adaptáveis a qualquer texto/obra e para qualquer ano dessa etapa escolar. A ideia é oferecer modelos⁴ que possam ser ajustados para diversificar e possibilitar outras mediações.

5.2 Avaliação formativa: valorização do processo

A avaliação consiste em uma das mais importantes etapas do trabalho, pois deve orientar a aprendizagem. Embora, na estrutura das oficinas, esteja descrita como último ponto, essa ação deve ser transversal à condução do trabalho de mediação, ou seja, a cada etapa o mediador deve verificar o avanço da turma em relação ao desenvolvimento das habilidades especificadas. Esse acompanhamento deve ser feito através da observação durante as atividades e, ainda, no desempenho dos momentos de interpretação da leitura, pois é aí que fica visível as performances individuais dos alunos.

De acordo com Libâneo (1994), “a avaliação é uma tarefa necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”. Nesse sentido, o ato de avaliar dá suporte à aprendizagem e rompe a ideia reducionista da mensuração. Provas pontuais são necessárias, porém elas cumprem uma função verificadora de levantamento de dados, o que não deve ser visto como fim único da avaliação da aprendizagem.

Nesse contexto, daremos ênfase à avaliação formativa⁵, aquela que considera o processo como ponto de partida para avaliar o ensino e a aprendizagem, não sendo necessário, pois, um momento pontual para a sua realização. Além disso, seu objetivo principal não é a classificação, mas encontrar mecanismos para aperfeiçoar a prática e buscar novas metodologias para o ensino. Sobre essa questão, Hadyt (1997) afirma que:

⁴ Com as orientações ao mediador, é possível, inclusive, planejar oficinas semelhantes.

⁵ De acordo com Bloon (1993), existem três categorias avaliativas: **somativa**, que soma os vários instrumentos avaliativos ao longo do bimestre para atribuir uma nota numérica final; **diagnóstica**, aquela que oferece ao professor informações prévias sobre cada aluno ou sobre o nível geral da turma; **formativa**, que compreende a verificação diária em todos os momentos de mediação em caráter contínuo.

Avaliação formativa pode contribuir para o aperfeiçoamento da ação docente, fornecendo ao professor dados para adequar seus procedimentos de ensino às necessidades da classe. A avaliação formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem fazendo-o conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las. (HADYT, 1997, p. 292).

Nessa perspectiva, no Caderno pedagógico para a mediadores de leitura, priorizamos a avaliação formativa por considerarmos que cada etapa das oficinas possibilita um retorno ao mediador, tanto do seu trabalho de condução da leitura, quanto das aprendizagens pretendidas pelas habilidades da BNCC (2017) pontuadas em cada seção. Trata-se da valorização do processo até que se tenha um diagnóstico final de todo o trabalho realizado.

Na prática, a avaliação nas oficinas acontece quando o professor mediador observa o desempenho dos alunos durante as perguntas dirigidas, exposição de opinião e conhecimento prévio acerca dos temas, pesquisas realizadas, exposições, respeito aos momentos de fala, valorização do conhecimento do outro e, ainda, manifestação do pensamento através de suas habilidades individuais. Tudo isso produz e revela aprendizagem, o que permite ao mediador avaliar resultados ao longo do processo, o que se configura como avaliação formativa.

A notícia e seus desdobramentos

Seja muito bem-vindo à primeira oficina de um conjunto de quatro. Aqui, objetivamos a leitura de uma **notícia e seus desdobramentos**, como exemplo de trabalho de mediação do gênero, as etapas foram pensadas de acordo com a abordagem da **Pedagogia dialética**, defendida por Vasconcellos (1992). De acordo com o autor, o trabalho pedagógico em sala de aula deve nortear-se por estas **três dimensões**, que, atreladas aos nossos estudos acerca da mediação da leitura, figuram-se da seguinte forma:

1

SÍNCRESE

Mobilização para o conhecimento - Ativação do conhecimento prévio feita através de atividades que instigam o aluno a revelarem aquilo que já conhece acerca das temáticas que aparecem no texto. Trata-se de um momento de motivação para conhecer o que está por vir.

2

ANÁLISE

Construção do conhecimento - **Leitura** propriamente dita com intervenções de atividades para aprofundamento dos temas tratados e desenvolvimento do leitor crítico.

3

SÍNTESE

Elaboração da síntese do conhecimento - **Interpretação da leitura**, valorizando as habilidades dos estudantes através de atividades que possibilitem a expressão daquilo que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesta proposta, este momento é conduzido através de experiências de pesquisas em ambientes jornalísticos virtuais.



"Existem dias em que o jornalismo registra fatos que, no futuro serão contados nos livros - e serão guardados por gerações. Nesses dias, o que o jornalismo faz é escrever a história."

(Fátima Bernardes)

A parte que trata da leitura propriamente dita, a **ANÁLISE**, dividimos em cinco momentos:

1 FATO CENTRAL

Etapa em que são revelados elementos gerais, contexto de produção, temática e outros pontos importantes sobre o texto escolhido para a leitura.

3 ENTREVISTA COM O ESPECIALISTA

Etapa em que um profissional especialista no tema tratado ou no gênero abordado é convidado para aprofundar a discussão e sanar dúvidas da turma. Uma oportunidade de trabalho interdisciplinar, uma vez que, a depender da temática, professores e profissionais de várias áreas trazem os seus conhecimentos que agregam valor à leitura do texto.

2 HIPERLINKS E DESDOBRAMENTOS

Etapa em que são analisadas as relações entre os hiperlinks e a notícia central. Também, a busca por outros textos noticiando o mesmo fato, a fim de verificar distorções e concordâncias.

4 LEITURA DE COMENTÁRIOS

Etapa importante para a formação do leitor crítico e comprometida com o desenvolvimento do cidadão. Aqui são tratadas questões relacionadas a outras temáticas que surgem a partir da leitura da notícia.

5 CRUZANDO LINGUAGENS

Etapa de comparação entre a linguagem literária e não literária com foco nos aspectos da notícia, dado o objetivo central da oficina.

Nesse sentido, cada etapa está organizada com orientações ao mediador para a condução das atividades práticas de mediação da leitura da obra. Também estão presentes links para aprofundamento e esclarecimento de itens importantes para a oficina. Além disso, o diálogo com as habilidades propostas pela BNCC, no eixo leitura, orientam o foco de desenvolvimento em cada momento da mediação.

Trata-se, pois, de um trabalho sistematizado para uma boa condução da atividade com a leitura na escola que dê conta de tornar o aluno competente para a percepção de elementos estruturais, estilísticos, temáticos que darão suporte ao momento final de interpretação da obra.

TEXTO PRINCIPAL

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR

MENU G1 PARAÍBA TV CABO BRANCO TV PARAIBA BUSCAR

Jumento sobe em telhado de casa em Cajazeiras, Sertão da PB; vídeo

Animal pulou de morro em cima de telhado e foi resgatado após cair na cozinha da casa.

Por Artur Lira, G1 PB
16/01/2018 10h29 · Atualizado há 2 anos

f t w l p



Notícia completa e fotos disponíveis em:

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/jumento-cai-em-cima-de-telhado-de-casa-em-cajazeiras-sertao-da-pb-video.ghtml>

Conceitos importantes

ESTES CONCEITOS APARECERÃO DURANTE A OFICINA, POR ISSO, TOME NOTA.

NOTÍCIA

O gênero notícia pode ser entendido como um texto no qual se divulga um fato ou acontecimento, veiculado principalmente por jornais, revistas e rádios, impressos, eletrônicos ou televisivos. Por ser um gênero massivo de comunicação atinge a todas as camadas da população, trazendo informações e contribuindo para a formação de opinião. Esses textos são dinâmicos, atuais e periódicos, e, como não é qualquer fato que vira notícia, ele deve ser marcado pelo ineditismo, gerar interesse e identificação no leitor. Tendo em vista que há diversos públicos que leem os jornais, cada linha editorial se adequa ao que entende que chamará mais a atenção de seu público alvo, determinando assim seu vocabulário, extensão do texto, temáticas e o nível de parcialidade no tratamento das informações. A notícia é composta por três partes: título, lead e corpo. O título e subtítulo (quando houver) deve despertar o interesse no leitor, títulos com maior destaque em uma publicação são conhecidos também como manchetes; o lead (1º parágrafo do texto) deve apresentar as informações essenciais do fato: o quê, quem, quando, onde, como, por quê; tais informações serão mais detalhadas no corpo do texto. As fotos e legendas também são marcas desse gênero e servem como um resumo da notícia. Os alunos devem saber que para se escolher a notícia que se vai ler, dentre tantas em um jornal, é comum se ater ao título e a imagem, por isso essas escolhas são feitas com muito critério pelos jornais.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2926/fake-news-como-trabalhar-em-sala-de-aula>

MITO

Mito são narrativas utilizadas pelos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, as origens do mundo e do homem, que não eram compreendidos por eles. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Todos estes componentes são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/mito/> Adaptado.

HIPERLINK

Podemos definir o vocábulo hiperlink como um elemento formado por trecho de texto ou elemento gráfico que fica em destaque ao ser acionado por um clique e leva a um novo documento.

Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Qs5xRhwcPmYHVC8mjr4VXEEdcMttwXJum2yqxUYzMKqBx8XT6t74H4Xf948/resolucao-da-atividade-lacunas-lp08-04sq08.pdf>

XENOFOBIA

A xenofobia é a aversão preconceituosa a quem é estrangeiro. De outra cidade, de outra região, de outro país e de outra cultura, o estrangeiro pode causar o medo, o espanto, a curiosidade daquele que não o conhece. No entanto, esses mesmos sentimentos podem ser expressos de maneira desrespeitosa, ofensiva e brutal, causando o que chamamos de xenofobia, que é o preconceito contra o estrangeiro.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-xenofobia.htm>

FAKE NEWS

Não é de hoje que mentiras são divulgadas como verdades, mas foi com o advento das redes sociais que esse tipo de publicação popularizou-se. A imprensa internacional começou a usar com mais frequência o termo fake news durante a eleição de 2016 nos Estados Unidos, na qual Donald Trump tornou-se presidente. Fake news é um termo em inglês e é usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm> Adaptado

INTERTEXTUALIDADE

Em decorrência da interdiscursividade, todo texto se constitui por referência a outros, que lhe são ou anteriores (“Platão já dizia que...”), ou contemporâneos (“Diz-se por aí que...”), ou posteriores (“Eu sei que vocês vão dizer/ que é tudo mentira/ que não pode ser.”). Quanto mais marcada e recuperável for, num texto, a presença desses outros, maior será a sua intertextualidade. Cf. interdiscursividade.

Disponível em: <https://www.escrevendofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-online/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas>

1ª DIMENSÃO - SÍNCRESE

Tempo sugerido: 3 aulas

Conhecimento prévio

A motivação para a leitura também faz parte da mediação. Metaforicamente falando, é a preparação do solo para receber a semente.

1

Apresente a imagem do cavalo Pégaso, figura mitológica de um equino com asas. Complemente a apreciação da imagem com a leitura do mito.



https://ptm.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jan_boeckhorst_-_p%C3%A9gaso.jpg

Pégaso

Também conhecido como Pegasus, Pégaso é descrito como um cavalo branco voador, ou seja, possuía asas. Além disso, era conhecido pela inteligência e pelo espírito nobre. Apesar da gentileza, Pégaso era domado apenas por alguém com características nobres. O animal conseguia identificar quem tinha essa habilidade e, conseqüentemente, afastava o mal.

Na história mitológica, Pégaso era filho de Poseidon, Deus dos oceanos, e Medusa, que possui serpentes no lugar dos cabelos. O cavalo branco pode ser visto em muitas obras de arte, já que também é conhecido como símbolo da imortalidade, da criatividade e da imaginação.

Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/pegaso/> Adaptado

BNCC

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

2

Embora não seja o objetivo desta oficina, mas, mesmo assim, é importante dizer aos alunos que o mito [1], enquanto texto do campo de estudo da literatura, não pode ser confundido com mentira. Converse com a turma sobre o texto e a imagem e, em seguida, afirme que até o momento não há nenhum registro de um equino com asas, a não ser nos textos literários como mitos, poemas, canções, imagens e etc.

3

Apresente aos alunos a seguinte imagem com a manchete:



4

Faça uma enquete entre os alunos com o duo mentira X verdade sobre a manchete. Após consultá-los, comente sobre o título da notícia, que tecnicamente chamamos de manchete. Fale sobre a importância de uma boa manchete para atrair o público para a leitura.

5

Pergunte aos alunos se eles seriam capazes de compartilhar a manchete sem lerem o texto. Aproveite e entre na discussão acerca do tema Fake News. Faça um levantamento a partir dos seguintes questionamentos:

Vocês sabem o que é uma Fake News?

Levantem hipóteses: por que as pessoas produzem fake News?

O que leva uma pessoa a compartilhar uma fake News?

Onde, geralmente, mais encontramos notícias compartilhadas?

6

Apresente outras manchetes e peça que os alunos votem em verdade ou mentira.



<https://paisefilhos.uol.com.br/familia/fala-serio-reportagem-em-que-crianca-e-batizada-de-alquingel-e-falsa-e-a-gente-pode-provar/>

Italianos, atenção. Covid-19 significa certificado de identificação da acinação com inteligência artificial e 19 é o ano que foi criado. Covid-19 não é o nome do vírus. É o nome do plano internacional de controle a redução da população”

trecho de vídeo publicado no Facebook que, até o dia 1º de setembro, tinha sido compartilhada por 8,6 mil pessoas.

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>



“Um menino que nasceu com uma mensagem de Deus. Na gravação de áudio que não posso enviar, diz que essa criança nasceu com as duas mãos juntas quando o médico conseguiu remover as mãos e começou a falar. Ele disse que Jesus voltaria em breve e começou a dar sinais da vinda de Cristo, que virá para levar aqueles que creram”

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>

7

Diga aos alunos que essas manchetes trazem notícias falsas, apresentadas pela agência Lupa [2], especializada em conferir acontecimentos e postagens que circulam na internet para verificar a veracidade dos fatos. O portal reúne várias matérias com constatações de fake News.

[1] Aprofunde-se no assunto sobre Mito: <https://www.youtube.com/watch?v=Mf9Ophqm4GQ>
<http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=11031>

Leia as informações e faça a correspondência.	MITO	MENTIRA
1. É um texto com o propósito de divulgar algo.		
2. Apresenta linguagem artística.		
3. O conteúdo é enganoso.		
4. Pode ser explicado a partir da realidade.		
5. É uma narrativa com ênfase no tempo pretérito e histórico.		

Imagem elaborada pelos autores

11

Após o preenchimento do quadro, fica claro que o mito não é sinônimo de mentira.

Converse com a turma sobre a importância de ler o texto, verificar a veracidade e, só depois, compartilhar e divulgar as informações, isso faz parte da reflexão crítica acerca das informações que circulam no cotidiano e evita o ciclo vicioso da falta de leitura e curadoria[3]. Afirme, ainda, que o texto literário, a exemplo do mito de Pégaso, não tem compromisso em retratar a realidade fielmente, nem divulgar uma informação de utilidade pública, mas que, mesmo assim, não pode ser visto como mentira, mas como criação artística.

[3] O que é curadoria?

Ser um curador significa ser alguém que cuida e que coloca algo à disposição de determinada audiência, que seleciona, ou, como afirma o próprio professor Cortella, que distribui adequadamente. Curadoria é um conceito que, até então, fazia parte mais comumente dos campos da museologia, das artes e das exposições. Atualmente, o vemos também muitas vezes aplicado aos campos do jornalismo e da comunicação. Disponível em: <https://site.geekie.com.br/blog/curadoria-na-educacao/>

Fato central

Leitura - parte 1

1

Leia a notícia completa cuja manchete foi apresentada no primeiro momento da oficina. É importante que você faça a impressão do texto tal qual ele está disposto no jornal eletrônico. Isso faz com que a turma se familiarize com as interferências dos anúncios e outros hiperlinks que surgem no meio da discussão. Se possível, exiba a notícia em slide. Aqui, fizemos uma adaptação, dado o formato do caderno, transcrevendo somente a notícia.

BNCC

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

Jumento sobe em telhado de casa em Cajazeiras, Sertão da PB; vídeo

Animal pulou de morro em cima de telhado e foi resgatado após cair na cozinha da casa.
Por Artur Lira, G1 PB

Um jumento foi parar em cima do telhado de uma casa em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba. Depois de subir no telhado, o animal quebrou várias telhas, chegou a ficar pendurado e caiu na cozinha. Ele foi resgatado, sem ferimentos.

O caso ocorreu na noite desta segunda-feira (16), no bairro Cristo Rei. Os moradores explicam que a casa fica em uma área acidentada, onde existe um morro de pedras que fica quase no mesmo nível do telhado da casa. O animal teria pulado para cima da casa.

“Eu estava sentada na calçada com outras pessoas, quando de repente um barulho de quebradeira começou no telhado, pensei que fosse um gato, mas ao chegar na sala vi um jumento preso na madeira do telhado. Não dá para explicar com tudo aconteceu, ele apareceu no telhado, ficou preso e depois caiu”, contou a dona da casa Tereza Rangel.

No vídeo, o jumento aparece se debatendo no telhado. Ele tenta se apoiar nas telhas, mas elas quebram até que o animal fica suspenso e depois pendurado pelas madeiras. Apesar de cair com a cabeça, ele não teve ferimentos.

O autor do vídeo que registrou a cena é José Klebson, que mora no mesmo bairro. “Quando eu cheguei na casa o animal ainda estava preso no telhado, gravei o vídeo do momento e a repercussão foi imediata depois que publiquei nas redes sociais”, comentou.

Cavalo no Telhado

E essa não foi a primeira vez que um animal subiu no telhado de casas em Cajazeiras. **Em novembro de 2015, um cavalo “errou” o caminho no bairro dos Remédios e acabou preso no telhado de uma casa.** Na época uma operação foi organizada pelo Corpo de Bombeiros para fazer o resgate.

2

Releia o primeiro parágrafo da notícia:

“Um jumento foi parar em cima do telhado de uma casa em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba. Depois de subir no telhado, o animal quebrou várias telhas, chegou a ficar pendurado e caiu na cozinha. Ele foi resgatado, sem ferimentos. O caso ocorreu na noite desta segunda-feira (16), no bairro Cristo Rei. Os moradores explicam que a casa fica em uma área acidentada, onde existe um morro de pedras que fica quase no mesmo nível do telhado da casa. O animal teria pulado para cima da casa.”

3

Faça as seguintes perguntas aos alunos:

A partir da leitura do primeiro parágrafo é possível perceber o fato central da notícia, ou seja, o que aconteceu?

Onde aconteceu?

Quem foi envolvido?

Quando aconteceu?

Por que aconteceu?

Como aconteceu?

4

Após escutar as respostas da turma, organize as informações de modo que seja possível visualizar os trechos que respondam às seguintes perguntas:

O QUÊ?

ONDE?

QUEM?

QUANDO?

POR QUÊ?

COMO?

5

Comente com a turma que, apesar da necessidade de dar continuidade à leitura do texto, já no primeiro parágrafo, o lead (lê-se “lide”) deve haver as principais informações que serão melhor detalhadas no corpo da notícia. Lembre que isso não é uma regra, mas é o mais adequado, uma vez que muitas pessoas param a leitura depois do primeiro parágrafo (quando não se resume à leitura da manchete).

6

Exiba uma reportagem feita a partir da notícia, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=q6zV2yC2-Nk>

(“Entenda como o jumento foi parar no telhado de casa no Morro do Cristo Rei”). Em seguida, questione aos alunos quanto as informações de ambos os textos – notícia e reportagem em vídeo – se as informações são complementares ou se há divergência de informações.



7

Chame a atenção para o layout da página do jornal eletrônico. Destaque os seguintes pontos:

Tamanho da fonte usada para destacar a manchete:

Levante hipóteses: por que a manchete está em tamanho maior que os demais textos da página?

Imagens:

A imagens estão relacionadas com o que é apresentado na manchete?

A última imagem refere-se ao caso noticiado? (Esperamos que os alunos digam que não, pois o animal em cima de outro telhado é um cavalo. Haverá uma etapa exclusiva para trabalhar essa questão).

Trechos entre aspas:

O que os textos que estão entre aspas representam?

Hiperlinks:

Há trechos no texto que estão em vermelho. O que representa esse recurso de mudança na cor?

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 2 aulas geminadas

Hiperlinks e desdobramentos

Leitura - parte 2

1

Retome a parte que está em vermelho, no corpo da notícia anterior. Se o espaço onde você escolher para realizar a oficina possua internet, clique em tempo real e direcione para a próxima notícia:



BNCC

(EF67LP01) Analisar a estrutura e funcionamento dos hiperlinks em textos noticiosos publicados na Web e vislumbrar possibilidades de uma escrita hipertextual.

(EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.

Um cavalo foi encontrado em cima de um telhado de uma casa na manhã desta quarta-feira (11) no bairro dos Remédios em Cajazeiras, no Sertão paraibano. O animal foi parar no local enquanto andava pela rua, que fica em nível mais alto que a casa. O Corpo de Bombeiros foi chamado e retirou o bicho com a ajuda de um guindaste.

Segundo o sargento dos Bombeiros de Cajazeiras, Messias Carvalho, o cavalo 'errou o caminho'. "O animal transitava na rua e a casa fica em um declive, fazendo com que o telhado fique na altura da estrada. O cavalo deve ter se enganado e subido na casa pensando que fosse a rua", explicou.

O Corpo de Bombeiros usou um guindaste e uma equipe de nove homens na operação de retirada, que durou cerca de três horas. Um veterinário foi chamado e sedou o cavalo, que foi removido e levado para o Centro de Zoonoses da cidade e passa bem. Veja o resgate no vídeo acima.

O cuidador do animal, Gilvan Santos, esteve no local do incidente e disse que o cavalo teria escapado da área cercada onde vive. "Por volta das 5h percebemos que ele havia sumido. Acredito que ele tenha brigado com outro animal e escapado do cercado", explicou. Ainda segundo Gilvan, que também amigo do proprietário do animal, todos os prejuízos feitos pelo cavalo já estão sendo reparados. Na casa, mora uma família de pelo menos quatro pessoas, mas ninguém ficou ferido e só houve prejuízos materiais.



Cavalo foi parar em cima de telhado de casa após 'errar' caminho em Cajazeiras, na Paraíba (Foto: Cicero Segundo / Corpo de Bombeiros)

Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/11/cavalo-e-encontrado-em-telhado-de-casa-no-sertao-da-paraiba.html>

2

Após a leitura da notícia, compare as informações. Enfatize que os dois fatos ocorreram na mesma cidade: **“E essa não foi a primeira vez que um animal subiu no telhado de casas em Cajazeiras”**. Solicite à turma que identifiquem no lead se responde às mesmas perguntas feitas na atividade anterior.

3

Solicite que os alunos façam pesquisas na internet colocando no Google da seguinte forma:



Certamente eles serão direcionados para a próxima página que apresenta links da mesma notícia em sites diferentes. Veja:



4

Durante a pesquisa e leitura do mesmo fato em jornais eletrônicos diferentes, os alunos devem pontuar as seguintes questões:

O fato é apresentado de maneira igual, no que diz respeito as informações, em todos os sites?

Dos textos analisados, qual apresenta linguagem mais clara?

Você conseguiu detectar algum link no corpo dos textos? Está relacionado com o conteúdo da notícia principal?

Levante hipóteses: por que esse fato foi noticiado por mais de um site?

O que leva um fato ocorrido virar notícia[4]?

5

Abra a discussão para os alunos falarem sobre o que responderam em cada item. Faça interferências a fim de sanar dúvidas e aprofundar o que foi dito.

[4] Professor, discuta as respostas dos alunos a essa pergunta de maneira mais aprofundada. Para isso, fundamente-se em: <https://www.racecomunicacao.com.br/blog/que-tipo-de-informacao-pode- virar-noticia/>

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 2 aulas geminadas

Entrevista com o especialista

Leitura - parte 3

1

Este momento da oficina é uma paráfrase do quadro “Entrevista com o Especialista”, do programa Lady Night, exibido em TV por assinatura e apresentado por Tatá Werneck. No quadro, a apresentadora convida especialistas de diferentes áreas (um por programa) para debater sobre um assunto de sua especialidade. De maneira bem descontraída, Tatá Werneck faz perguntas ao convidado que expõe sua opinião, esclarece dúvidas, tentando driblar a comicidade da entrevistadora.

2

Convide[5] um jornalista, repórter ou alguém ligado à imprensa para uma entrevista. Prepare a turma para recebê-lo com perguntas. Para isso, solicite que cada aluno elenque perguntas de sua curiosidade sobre o ofício do jornalista ou repórter. Dê um tempo para que a turma liste as perguntas e, em seguida, selecione por votação as mais relevantes. É importante que o mediador também elenque as suas e incorpore-as no conjunto, pois, possivelmente, serão as de caráter mais aprofundado sobre o tema. Veja as perguntas no box ao lado.

[5]Caso não encontre nenhum desses profissionais, assista à entrevista junto com a turma:
<https://www.youtube.com/watch?v=jnAWrJfH5LO>

BNCC

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gy_H64OzihU&list=RDW1hj_Rlx7Bs&index=11

Quais os desafios de sua profissão?

O que é preciso ser feito para se tornar um jornalista ou repórter?

Quais as temáticas que mais se repetem no noticiário onde você trabalha?

Você acha que as pessoas leem as notícias por completo antes de compartilhá-las?

Você já noticiou algo inusitado? O quê?

A forma como o texto é organizado pode gerar mais de uma visão em relação ao tema tratado na notícia.

Você já viu ou já noticiou algo cujo foco do assunto foi desviado para outra discussão?

3

Para criar um ambiente em diálogo com o debate, selecione manchetes de notícias feitas pelo entrevistado ou notícias locais. Faça um mural ou coloque no centro do círculo onde acontecerá a conversa.

4

Como forma de organização da roda de conversa, siga o roteiro:

O mediador fala sobre o objetivo da atividade e relaciona com o gênero que estão lendo;

Apresenta o convidado (leitura do seu currículo);

Passa a palavra para o convidado fazer suas considerações iniciais;

Escolhe um aluno para dar início à entrevista;

O entrevistado responde;

Seguem as outras perguntas, feitas por outros alunos;

Ao final das perguntas da turma, o mediador faz um comentário a fim de relacionar tudo o que foi conversado com a leitura do gênero notícia e sua importância para a sociedade;

O convidado faz suas considerações finais.

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 4 aulas

Comentários: liberdade de expressão ou discurso de ódio

Leitura - parte 4

1

Converse com a turma sobre o termo repercussão. Comente que, a depender do fato noticiado, a notícia pode dividir opiniões ou alcançar avaliações inesperadas para o conteúdo exposto. Nesse momento, apresente página da notícia em análise, a área destinada aos comentários. Fale da importância desse espaço para o diálogo e a participação do público frente aos acontecimentos do cotidiano.

2

Exiba os seguintes comentários à notícia. A seleção dos comentários parte do recorte analítico que deseja fazer com a turma. Neste caso, abordaremos a diferença entre DISCURSO DE ÓDIO e LIBERDADE DE EXPRESSÃO. É importante fazer uma seleção cuidadosa, pois alguns comentários são de cunho sexual violento, o que não é permitido ser exibido em sala de aula, dada a faixa etária dos alunos.

BNCC

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF67LP02) Explorar o espaço reservado ao leitor nos jornais, revistas, impressos e on-line, sites noticiosos etc., destacando notícias, fotorreportagens, entrevistas, charges, assuntos, temas, debates em foco, posicionando-se de maneira ética e respeitosa frente a esses textos e opiniões a eles relacionadas, e publicar notícias, notas jornalísticas, fotorreportagem de interesse geral nesses espaços do leitor.

(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.



Ricardo Vilai

HÁ 3 ANOS

Nordestino é uma piada mesmo, se enchem de filhos para vivem de bolsa família , passam o dia bebendo pinga tem um sotaque horroroso, agora da jumenta eu nem vou comentar....Ariano Suassuna é um sábio como poucos neste mundo.

👍 8 🗨️ 89





Thechuchu Lapica

HÁ 3 ANOS

agora sei com quem esses nordestinos aprendem a invadir casas quando migram pra Sumpaulo

👍 13 | 💬 70



Alex Lopes

HÁ 3 ANOS

preno seculo 21 ainda tem luga no brasil que é uma roça q as pessoa cria jegue e tem essas casa de telha cheia de gotera.. ainda bem que moro em luga bom aqui no rj cidade maravilhosa desenvolvida

👍 10 | 💬 172

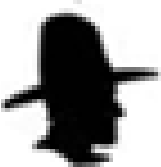


Francismaicon Calheiros

HÁ 3 ANOS

Isso é muito comum na Paraíba, não sei porque virou notícia. Saudações pernambucanas.

👍 7 | 💬 10



Leviatã Leviata

HÁ 3 ANOS

Eleitor do petê.

👍 27 | 💬 15



William Grant

HÁ 3 ANOS

Nem sabia que o Luis Ignácio estava dando Palestras no Sertão da Paraíba.

👍 0 | 💬 0



Gilmar Ferreira

HÁ 3 ANOS

os militantes do PT tentando ocupar sua propriedade privada kkkkkkk

👍 0 | 💬 0



Walter Campos

HÁ 3 ANOS

Esses eleitores do PT aprontam cada uma kkkkkkkk

👍 0 | 💬 0





Sergio Jose

HÁ 3 ANOS



Não seria o nove dedos disfarçado , ensaiando seu disfarce pra fugir da prisão ?

👍 0 💬 0



Juan Benedictus

HÁ 3 ANOS



SÓ PODIA SER NO NE MESMO. ELE FOI VISITAR O PRIMO DELE QUE MORA LÁ - O BURRO.

👍 0 💬 0



Netto Oliveira

HÁ 3 ANOS



Daí você lê uma noticia dessas e os comentários só falando de política, sendo que quando chega as eleições, os brasileiros elegem governantes corruptos e o país só piora, pelo menos os animais tem a desculpa de serem irracionais

👍 0 💬 0



Cesar Souza

HÁ 3 ANOS



tadinho, ainda bem que ficou bem, só deu um prejuízo para o morador, mas isso ele reconquista, não teve culpa.

👍 8 💬 0



Carrion

HÁ 3 ANOS



Tadinho do animal. Que bom que ele não se feriu.

👍 19 💬 1

Seleção de comentários extraídos da notícia em análise, disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/jumento-cai-em-cima-de-telhado-de-casa-em-cajazeiras-sertao-da-pb-video.ghtml>

3

Após a leitura dos comentários, converse com a turma sobre a diferença entre discurso de ódio[7] e liberdade de expressão. Se possível, exiba o seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=OHVmE4NCpDc>.



4

Compare os três últimos comentários aos demais. Questione aos alunos quanto a diferença nesses discursos em relação aos outros. Eles estão mais focados na notícia e não revelam qualquer atitude preconceituosa, o que caracterizaria uma participação saudável na área destinada ao leitor.

5

Discuta e conceitue a xenofobia[8], manifestação hostil em relação ao diferente no tocante à cultura e localização geográfica[9]. Em seguida, relacione cada comentário com a temática abordada, analisando marcas de discurso de ódio.

[7] Aprofunde-se na temática DISCURSO DE ÓDIO: 1 - <http://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/index.html>
2 - <https://www.conjur.com.br/2020-jun-01/publico-privado-discurso-odio-liberdade-expressao>

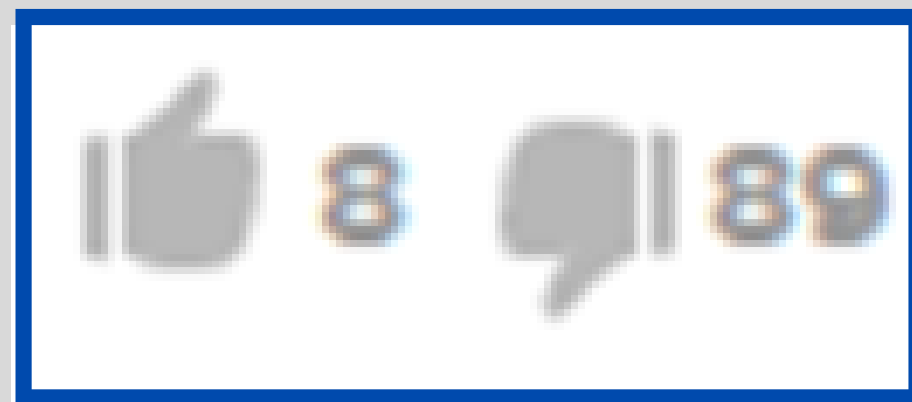
[8] Aprofunde-se no conceito de XENOFOBIA: 19- <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/xenofobia.htm>
2 - <http://direito.folha.uol.com.br/blog/nordestino-raa-cor-etnia-ou-religio#:~:text=Chamar%20algu%C3%A9m%20de%20nordestino%20n%C3%A3o,inj%C3%B3ria%20agravada%20pelo%20conte%C3%BAdo%20racial.>

6

Explore a parte visual. Para isso, chame a atenção dos alunos para o traçado feito em cima do espaço de onde deveria estar a foto do leitor comentarista. Diga aos alunos que essa linha indica que outras pessoas interagiram com os comentários e que muitas até concordaram com a visão do comentarista.

7

Evidencie, também, os ícones de dedos “**aprovar**” e “**reprovar**” o comentário feito. Note que em todos os comentários há quem concorde e discorde do que foi dito, o que reforça o pensamento xenofóbico e a necessidade de combate ao discurso de ódio.



[9] Como sugestão, elenque notícias que estejam diretamente relacionadas com o conceito de xenofobia, enfatizando o preconceito contra nordestinos. Além de mais uma oportunidade de trabalho com o gênero notícia, isso irá aprofundar a discussão acerca da xenofobia.

8

Questione e espere a resposta dos alunos: Na sua opinião, por que nos comentários não há identificação visual do comentarista?

9

Realize uma enquete com a turma para saber se os comentários deveriam ser excluídos da página e as pessoas receberem punições ou deixar aberto para quem quiser se expressar, mesmo que isso seja ofensivo. Isso pode ser uma diagnose acerca do pensamento da turma frente a temática que está sendo discutida. Aproveite para fazer as suas considerações.

10

Solicite que a turma elabore um gráfico para verificar a quantidade de pessoas que interagiram com a notícia manifestando-se de maneira xenofóbica ou alinhada ao seu conteúdo. Oriente-os a levar em conta as participações, também, de quem apenas “aprovou” ou “reprovou” clicando nos respectivos ícones. Nesta atividade, aproveite para se aventurar na interdisciplinaridade junto ao professor de Matemática.

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 1 aula

Cruzando linguagens

Leitura - parte 5

1

Ainda em relação à liberdade de expressão frente à notícia, leia para a turma o poema do professor e poeta Carlos Gildemar Pontes[10]:

Tem Jumento que mal anda
Teimoso por natureza
Mas aqui na Paraíba
Jumento tem mais destreza
Em vez de ficar mirrado
Num canto meio atolado
Ele voa que é uma beleza

Embora saiba voar
O bicho não aprendeu
Que não tem roda, tem pata
E assim se escafedeu
Passando por Cajazeiras
Tropeçou numas palmeiras
Caiu numa casa e sofreu

O bicho ficou enganchado
Entre um caibro e uma ripa
O dono da casa assustado
Disse: aqui o diabo é quem fica!
Cai o telhado da casa
E esse jumento sem asa
Pendurado pela tripa.

Como era de se esperar
O jumento não foi ao chão
Os bombeiros animados
Não botaram nem colchão
O bicho se levantou
Bateu casco e relinchou
Foi voar noutra rincão.

Carlos Gildemar Pontes



Recorte do Jornal local Gazeta do Alto Piranhas, de onde foi extraído o poema.

BNCC

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

[10] Professor da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB. O poeta produziu o texto a partir da divulgação da notícia. Seu poema foi divulgado no Jornal Gazeta do Alto Piranhas, com sede em Cajazeiras, município onde aconteceu o fato.

2

Evidencie a diferença entre a linguagem literária e não literária[11] com foco no conteúdo da notícia. Para isso, lance mão dos seguintes exercícios:

No verso “Ele voa que é uma beleza”, em que sentido a palavra voar foi empregada?

Se pegássemos ao pé da letra, atribuiríamos a ideia de que o jumento voou ao conceito de fake news, estudado no início da oficina. Por que essa informação não deve ser confundida com mentira no texto poético[12]?

A notícia e o poema estão diretamente relacionados, uma vez que o segundo texto foi produzido a partir do primeiro. Rememore o mito de Pégaso, lido no início da oficina: que referências ao mito são encontradas no poema?

O poema apresenta algumas marcas do sentimento do animal em relação à situação vivenciada por ele. Destaque do texto e transcreva-as. Em seguida, comente: por que a notícia não aborda os sentimentos do animal?

No poema, o depoimento de terceiros é exemplificado da seguinte forma: “O dono da casa assustado/Disse: aqui o diabo é quem fica!”. Na notícia, como podemos identificar os depoimentos?

Quanto à estrutura dos textos, no que se diferenciam?

A primeira estrofe do poema contém todas as informações que o primeiro parágrafo da notícia apresenta? Caso a resposta seja não, o que falta?

[11] Aprofunde-se na diferença entre linguagem literária e linguagem não literária: 1 - <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/linguagem-literaria-e-nao-literaria/32118#:~:text=Na%20linguagem%20liter%C3%A1ria%20h%C3%A1%20preocupa%C3%A7%C3%A3o,%2C%20utilit%C3%A1rio%2C%20sem%20preocupa%C3%A7%C3%A3o%20art%C3%ADstica.> 2 - <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/linguagem-literaria-naoliteraria.htm>

[12] Mediador, fale sobre conotação e denotação, figuras de linguagem e expressividade poética.

3ª DIMENSÃO - SÍNTESE

Tempo sugerido: 2 aulas

Interpretação

Este é o momento em que os alunos devolvem aquilo que leram. Através das suas múltiplas habilidades, expressam o que de mais significativo ficou da leitura.

1

Neste momento de interpretação da leitura, os alunos devolvem o que leram de acordo com suas habilidades para expressão. O mediador pode propor atividades que possibilitem aos participantes da oficina a externalização do pensamento em relação ao que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesse sentido, atividades envolvendo arte e tecnologia são bem-vindas.

2

Aqui, sugerimos a pesquisa e socialização de notícias de fatos inusitados divulgados em jornais do Brasil. Você pode intitular esta atividade como “ACONTECEU NO BRASIL”. Seguem as etapas de organização da ação:

1º disponibilize sites de jornais confiáveis cujas notícias não sejam fake news;

2º divida os alunos em duplas ou pequenos grupos (a depender do número de alunos);

3º dê um tempo para a pesquisa. Lembre-os que o fato noticiado deve ser algo inusitado, como por exemplo o caso do jumento no telhado.

4º uma dica é colocar no Google uma ou duas palavras-chaves com algo totalmente absurdo e clicar em notícias. Ou, ainda, procurar por “fatos curiosos” e clicar em notícias.

5º organize vários espaços com painéis para serem expostas as notícias. Convide os alunos de outras turmas, eles serão o público que irá escutar a exposição dos pesquisadores de fatos curiosos.

BNCC

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

(EF06LP02) Estabelecer relação entre os diferentes gêneros jornalísticos, compreendendo a centralidade da notícia.

(EF07LP01) Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado.

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.

Avaliação

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Forma de avaliar que procura evidenciar a evolução do desempenho do aprendiz. Este tipo de avaliação é realizado para acompanhar o processo de aprendizado, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, fundamentando-se nos conhecimentos que o aprendiz pode construir.

Disponível em: Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-online/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas>

A avaliação acontecerá durante o desenvolvimento das etapas da oficina, configurando-se em algo contínuo e buscando como foco central a participação dos alunos nas atividades propostas e discussões apresentadas. O professor observará ainda o desenvolvimento e a competência dos alunos no tocante às habilidades da BNCC, dispostas em cada etapa através da manifestação do pensamento em rodas de conversas e atividade final de interpretação da leitura.

Foto: José Cavalcante



Lendo no Instagram

Seja muito bem-vindo à segunda oficina de um conjunto de quatro. Nesta proposta, que objetiva a leitura de textos multissemióticos que circulam no **Instagram**, como exemplo de trabalho de mediação do gênero, as etapas foram pensadas de acordo com a abordagem da **Pedagogia dialética**, defendida por Vasconcellos (1992). De acordo com o autor, o trabalho pedagógico em sala de aula deve nortear-se por estas **três dimensões**, que, atreladas aos nossos estudos acerca da mediação da leitura, figuram-se da seguinte forma:

1

SÍNCRESE

Mobilização para o conhecimento - Ativação do conhecimento prévio feita através de atividades que instigam o aluno a revelarem aquilo que já conhece acerca das temáticas que aparecem no texto. Trata-se de um momento de motivação para conhecer o que está por vir.

2

ANÁLISE

Construção do conhecimento - **Leitura** propriamente dita com intervenções de atividades para aprofundamento dos temas tratados e desenvolvimento do leitor crítico.

3

SÍNTESE

Elaboração da síntese do conhecimento - **Interpretação da leitura**, valorizando as habilidades dos estudantes através de atividades que possibilitem a expressão daquilo que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesta proposta, este momento é conduzido através da criação de uma página no Instagram para veicular assuntos relacionados à leitura.



[HTTPS://ADNEWS.COM.BR/INSTAGRAM-VAI-REMOVER-ABA-SEGUINDO-DA-REDE-SOCIAL/](https://adnews.com.br/instagram-vai-remover-aba-seguindo-da-rede-social/)

Descubra as possibilidades de uso do Instagram para motivar o hábito da leitura!

A parte que trata da leitura propriamente dita, a **ANÁLISE**, dividimos em três momentos:

1 ESTRUTURA DO INSTAGRAM

Etapa em que é apresentada a estrutura do Instagram, enfatizando os seguintes recursos: foto de perfil; biografia; feed; postagens; descrição; hashtags; comentários e curtidas; hiperlinks.

2 VISUAL E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Etapa em que são propostas atividades de inferências, levantamento de hipóteses e relação entre texto verbal e não verbal.

3 ENTREVISTA COM O ESPECIALISTA

Etapa em que um profissional especialista no tema tratado ou no gênero abordado é convidado para aprofundar a discussão e sanar dúvidas da turma. Uma oportunidade de trabalho interdisciplinar, uma vez que, a depender da temática, professores e profissionais de várias áreas trazem os seus conhecimentos que agregam valor à leitura do texto.

Nesse sentido, cada etapa está organizada com orientações ao mediador para a condução das atividades práticas de mediação da leitura no Instagram. Também estão presentes links para aprofundamento e esclarecimento de itens importantes para a oficina. Além disso, o diálogo com as habilidades propostas pela BNCC (2017), no eixo leitura, orientam o foco de desenvolvimento em cada momento da mediação.

Trata-se, pois, de um trabalho sistematizado para uma boa condução da atividade com a leitura na escola que dê conta de tornar o aluno competente para a percepção de elementos estruturais, estilísticos, temáticos que darão suporte ao momento final de interpretação da leitura.

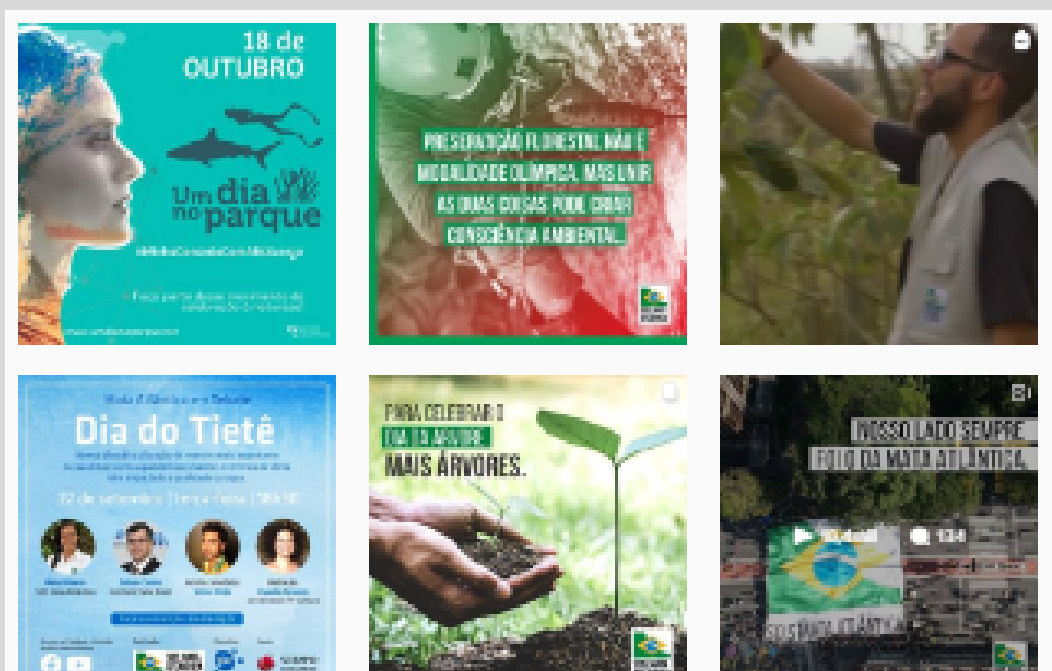
TEXTO PRINCIPAL



Página de Instagram exemplificada na oficina
<https://www.instagram.com/sosmataatlantica/>

SOS Mata Atlântica
A SOS Mata Atlântica tem como missão inspirar a sociedade na defesa da Mata Atlântica :)
linktr.ee/SOSMataAtlantica


Bio/descrição da página



Feed



Postagem

 sosmataatlantica Não é porque não podemos nos encontrar que vamos deixar de nos ver. Dia 18 de outubro tem a primeira edição online do evento "Um Dia No Parque". Marque na sua agenda e venha participar com a SOS Mata Atlântica e mais parceiros desse movimento que aborda a importância de se conectar com a natureza.

Descrição da postagem

#MinhaConexãoComANatureza
#UmDiaNoParque
#SosMataAtlantica

Hashtags



Interação: curtidas e comentários

Conceitos importantes

ESTES CONCEITOS APARECERÃO DURANTE A OFICINA, POR ISSO, TOME NOTA.

HIPERLINK

Podemos definir o vocábulo hiperlink como um elemento formado por trecho de texto ou elemento gráfico que fica em destaque ao ser acionado por um clique e leva a um novo documento.

Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Qs5xRhwcPmYHVC8mjr4VXEEdcMttwXJum2yqxUYzMKqBx8XT6t74H4Xf948/resolucao-da-atividade-lacunas-lp08-04sq08.pdf>

INSTAGRAM

O Instagram é uma rede social gratuita que permite aos usuários tirar e compartilhar fotos e vídeos curtos (de até 15 segundos) com seus amigos. Ele também permite enviar essas postagens para outras redes, como Facebook, Twitter e Tumblr. O aplicativo para smartphone tem diversos filtros que podem ser aplicados nas imagens antes de publicá-las, e também tem alguns recursos básicos de edição de imagem que ajudam a melhorar as fotos tiradas com o celular, como aumentar ou diminuir o brilho, melhorar o contraste, ajustar a saturação, diminuir a sombra, melhorar o foco e outros.

No Instagram você pode acompanhar as publicações dos perfis e também pode ser seguido, para que as pessoas vejam as fotos que você publicar. Para isso, você precisa fazer uma conta – embora alguns perfis sejam abertos para que qualquer um possa ver as fotos publicadas. Para criar sua conta, baixe o aplicativo que está disponível para iOS, Android e Windows Phone execute-o e escolha a entre se cadastrar via Facebook ou e-mail.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4603/10-contas-do-instagram-para-seguir>

FEED

É lá que estão todas as publicações, basicamente fotos e vídeos de até um minuto de duração. Numa mesma postagem é possível inserir mais de uma imagem. Uma dica é diversificar os conteúdos postados: sugestão de atividades com vídeos explicativos, imagens com desafios ou, por exemplo, apresentação de regras de matemática ou português. O conteúdo exposto no feed pode servir como material de consulta para os alunos.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4603/10-contas-do-instagram-para-seguir>

HASHTAGS

Você já ouvir falar em hashtags? Elas são termos relevantes destacados em uma postagem ou discussão, que são usados para indexar uma ou mais informações de forma explícita nas redes sociais. O uso mais comum das hashtags é no microblog Twitter, mas elas podem ser utilizadas no Facebook, Instagram, Pinterest, entre outros, também. Elas são, resumindo, uma maneira simples de categorizar um assunto com o objetivo de encontrá-lo mais facilmente depois.

Normalmente, as hashtags são compostas pela palavra-chave, termo específico ou até mesmo uma frase sem acentuação e sem espaços, antecedida pelo símbolo # (cerquilha), por exemplo: #novaescola, #GestaoEscolar e #BlogDeTecnologia. Nas redes sociais, e em alguns sites, as hashtags se transformam em links em que os internautas podem clicar ou usar direto na busca (Google) para encontrar todas as informações onde ela foi usada. Por exemplo, anteontem, dia 20/10, usamos #educadornota10 para divulgar os acontecimentos do Prêmio Educador Nota 10 nas redes sociais, categorizando todos os posts, fotos, e tweets com essa hashtag.

As hashtags são usadas para categorizar um tema, como já falamos acima, mas muita gente se confunde e as usa para destacar individualmente alguns elementos do texto ou foto. Em excesso, isso acaba dificultando a leitura da informação. Por isso, vale ficar atento para evitar o uso abusivo desse recurso!

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4603/10-contas-do-instagram-para-seguir>

BIO/DESCRIÇÃO DA PÁGINA

A bio do Instagram pode ser considerada o primeiro contato que o seu seguidor terá ao acessar a página. Assim, podemos dizer que ela é crucial, pois a partir dessa leitura é que o visitante decide se seguirá ou não o seu perfil, além de ser o único local dessa rede social que permite um link clicável. Essa área ainda possibilita que o usuário utilize outros recursos, como emojis, hashtags e breves informações sobre a empresa.

Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/bio-do-instagram/> Adaptado

1ª DIMENSÃO - SÍNCRESE

Tempo sugerido: 3 aulas

Conhecimento prévio

A motivação para a leitura também faz parte da mediação. Metaforicamente falando, é a preparação do solo para receber a semente.

1

Falar sobre o Instagram como possibilidade de leitura é entender que a escola deve, cada vez mais, dialogar com os interesses do seu público-alvo. A geração atual tomou para si as redes sociais como espaço de autoafirmação, interação e engajamento nos diversos assuntos que permeiam na atualidade. Através do ato de “seguir” alguém ou alguma página no IG (abreviação de Instagram), os usuários desse aplicativo – que também é rede social – demonstram seus interesses pelo assunto veiculado na página e, muitas das vezes, imprimem o seu próprio eu.

2

Uma das formas mais comuns de uso do Instagram é pelo celular, embora seja possível acessá-lo também pelo computador. Nesse sentido, apresente aos alunos as seguintes manchetes[1]:

Uso de celular na sala de aula, proibido?

Muitos alunos se questionam se é realmente proibido o uso celular nas escolas, mas é isso um fato?

[1] Textos completos das manchetes: Manchete 1 - <https://publicadoeducacao.wordpress.com/2017/11/07/lei-no-16-5672017-uso-do-telefone-celular-nas-escolas-estaduais/>
Manchete 2 - <https://rgrupos.jusbrasil.com.br/artigos/175670223/uso-de-celular-na-sala-de-aula-proibido>
Manchete 3 - <https://novaescola.org.br/conteudo/102/celular-em-sala-de-aula>
Manchete 4 - <https://www.jornaldaparaiba.com.br/politica/aprovado-projeto-que-proibe-uso-de-celular-por-alunos-em-escolas-de-sousa.html>

BNCC

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamento explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.

Lei Nº 16.567/2017: uso do telefone celular nas escolas estaduais

Publicado em 7/11/2017 em Brasília, DF, 10 de novembro de 2017
7/11/2017 por Publicações sobre Educação

Aprovado projeto que proíbe uso de celular por alunos em escolas de Sousa

Proposta semelhante foi aprovada em 2009 pela ALPB, mas lei nunca foi cumprida.

Celular em sala de aula: proibir ou não?

Projeto de lei prevê proibição em escolas de todo país. Veja referências para refletir sobre o assunto

3

Abra a discussão sobre as manchetes com a seguinte pergunta: por que o celular, sendo algo tão necessário e facilitador da comunicação na atualidade, foi cogitado e, em alguns estados, proibido o uso em escolas? Permita que a turma se expresse sobre o assunto e, durante as falas, provoque com outros questionamentos a fim de aprofundar a discussão.

Direcione os estudantes para pesquisarem o texto completo das manchetes apresentadas. Disponibilize os links e, em casa^[2], solicite que leiam e elenquem os argumentos apresentados que tentam justificar a proibição do celular na escola. Chame a atenção para as datas da publicação das notícias, pois as leis podem ser revogadas.

4

No dia seguinte, escute as falas coletadas pela turma e finalize esse momento com a leitura do seguinte texto:

[2] Entendendo que a realidade da maioria das escolas não permite, por questões logísticas, que a pesquisa seja feita no próprio ambiente escolar, orientamos esse momento para casa. Aproveite a oportunidade para falar sobre a importância da tarefa de casa. Fundamenta-se no seguinte texto linkado: “Lição de casa: sua escola se preocupa com ela?” Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7816/licao-de-casa-sua-escola-se-preocupa-com-ela>

Lei proíbe uso de celular na sala de aula

Um giro pelas leis do país

[Lei Nº 4.131/2008, do Distrito Federal

A Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou, em maio de 2008, uma lei que proíbe alunos de usar celulares e aparelhos eletrônicos como MP3 players e videogames em escolas públicas e privadas da Educação Básica. Está liberada a utilização nos intervalos e horários de recreio, fora da sala de aula, cabendo ao professor encaminhar à direção o aluno que descumprir a regra. O projeto de lei que originou a norma diz que o uso do telefone pode desviar a atenção dos alunos, possibilitar fraudes durante as avaliações e provocar conflitos entre professores e alunos e alunos entre si, influenciando o rendimento escolar. Se por um lado, a tecnologia serve de apoio às ações educacionais, por outro o seu uso exacerbado se torna um empecilho. Há diferenças entre a discussão das formas e dos modos de fazer uso de tecnologias em espaços coletivos e sua exclusão. A escola tem o dever de humanizar e educar cidadãos, posicionando-se por vezes no fio da navalha entre exercer a autoridade e ser autoritária. Não é imprescindível criar uma lei para disciplinar o uso desses aparelhos nas escolas, pois as determinações sobre essa questão podem constar do regimento interno e do projeto político-pedagógico.

Disponível em:

<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/256/lei-proibe-uso-de-celular-na-sala-de-aula>

5

Mobilize a turma para realizar uma enquete com a comunidade escolar e siga as seguintes etapas:

Divida os alunos em duplas ou pequenos grupos;

Direcione os grupos para diferentes públicos: professores, funcionários, famílias e estudantes;

Fale sobre como deve ser a postura na abordagem às pessoas: cumprimentar, contextualizar o tema e perguntar;

Apresente a pergunta da enquete: VOCÊ É CONTRA OU A FAVOR DO USO DO CELULAR NA ESCOLA? Os participantes deverão marcar uma das opções.

6

Feita a enquete, separe as informações colhidas de acordo com o público. Analise[3] a quantidade de posicionamentos contra e a favor. Comente os dados obtidos e levante hipóteses com a turma:

Por que prevaleceu este resultado entre o público X?

Por que a maioria foi (contra ou a favor)?

Por que esse assunto divide opiniões?

[3] Você pode fazer uma ponte interdisciplinar com a Matemática ou com a Geografia. Converse com os professores desses componentes para elaborarem um gráfico com a apresentação dos resultados. Afixe no mural da escola.

7

Finalize a discussão apresentando a sua visão[4], enquanto professor mediador de leitura, em relação ao uso do celular em sala de aula.

[4] Esperamos que o mediador se coloque de maneira crítico-reflexiva, ressaltando o momento adequado do uso do celular e, sobretudo, com um fim pedagógico. Caso o mediador seja totalmente contra o celular no ambiente escolar, fica inviável a execução desta oficina, gerando certa incoerência, uma vez que o aparelho se faz necessário em todos os momentos.

Estrutura do Instagram

Leitura - parte 1

1

Para esta etapa, você precisará de internet na escola. Como é possível usar o Instagram no computador, exiba a tela em datashow para que a turma acompanhe as orientações. Porém, caso a escola não disponha de internet, você pode fazer um print^[5] das telas que deseja explorar com a turma e exibi-las como slides. Nesse caso, não será possível explorar imagens dinâmicas (em vídeo). A ideia é que os alunos se apropriem de alguns recursos disponíveis no Instagram para a ampliação do olhar enquanto leitores através de uma rede social que os acompanha diariamente. Aqui, daremos ênfase aos seguintes elementos^[6]:

Biografia (descrição do perfil);

Feed (registros de atividades fixas postadas na página);

Post (postagem fixa);

Legendas (descrição das postagens fixas no Feed);

Hashtag # (marcação opcional que direciona o usuário para páginas de conteúdo semelhante);

Comentários (interação entre as pessoas nas postagens fixas).

2

Há vários outros recursos multissemióticos disponíveis no Instagram, mas optamos por fazer esse recorte, dado o foco da oficina.

BNCC

(EF67LP01) Analisar a estrutura e funcionamento dos hiperlinks em textos noticiosos publicados na Web e vislumbrar possibilidades de uma escrita hipertextual.

(EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.

[5] O Print screen é uma tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos) e copia para a Área de Transferência. Para salvar seu conteúdo, basta abrir algum programa que suporte imagens e pressionar "Ctrl + V"(colar), como o Microsoft Paint, que já vem instalado no Windows, ou em outros programas, como o Microsoft PowerPoint (licenciado pela Microsoft) . Se quiser capturar somente a tela do programa ativo utilize simultaneamente o "Alt + Print Screen". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Print_Screen

[6] Caso queira aprofundar-se no Instagram, sugerimos a leitura do seguinte texto: "Tudo sobre o Instagram! O guia completo (e atualizado!) da rede social", disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/instagram/>

3

Apresente aos alunos a seguinte página[7]:



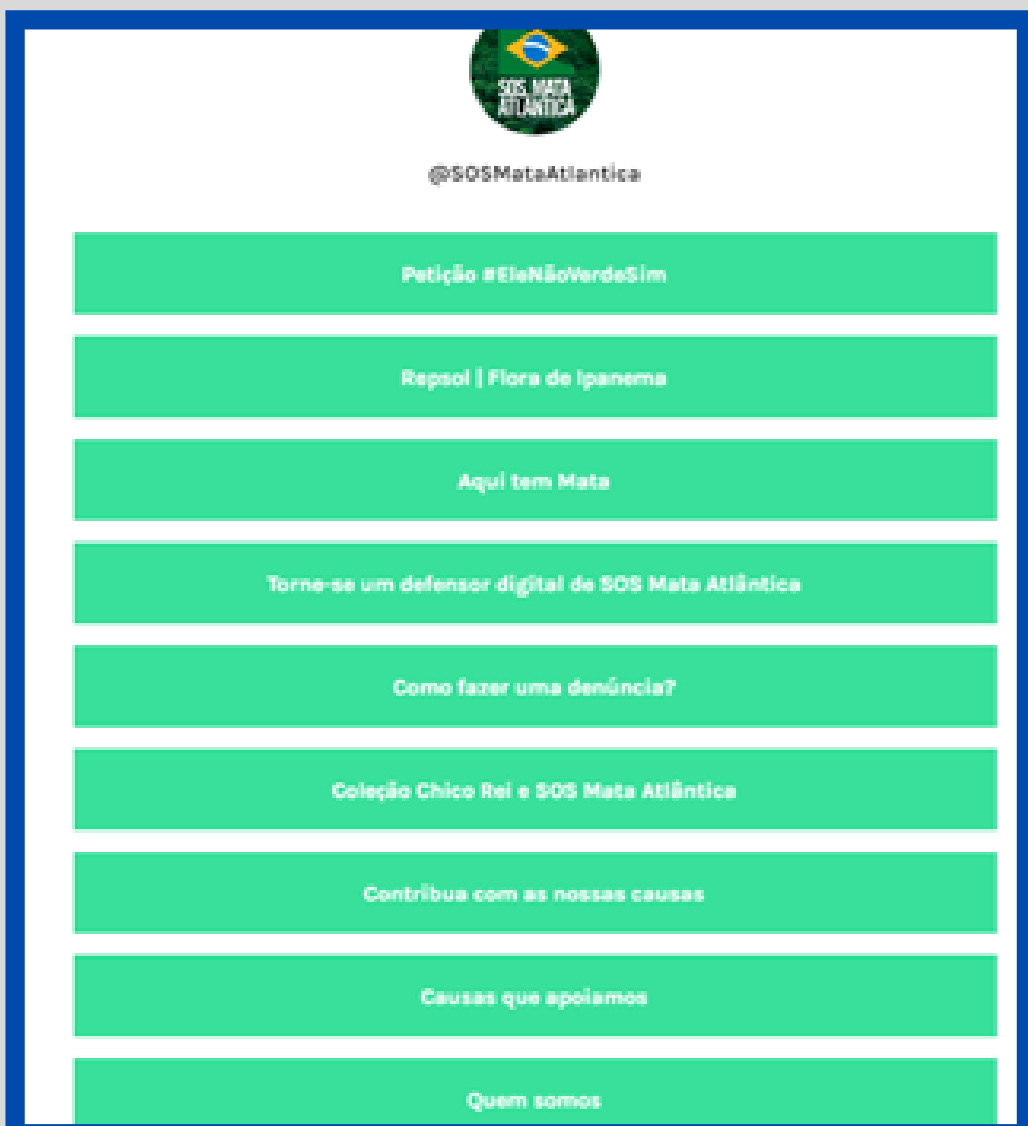
<https://www.instagram.com/sosmataatlantica/>

4

Explore o título da página e a foto principal. Pergunte aos alunos sobre qual conteúdo é veiculado por essa conta. Em seguida, leia a descrição, isto é, a “Bio”, para verificar se o que a turma pensou se confirma na leitura dessa informação inicial.

5

Ainda na Bio, clique no link disponível. Esse link leva o usuário para a conferência de outras informações ligadas à página, tais como: notícias relacionadas, vídeos no Youtube, fotos, etc. Explore todas as informações a fim de esclarecer à turma sobre os valores da página, ou seja, aquilo que é defendido por ela.



6

Cada barra contém um link que guia o navegador para a página correspondente. Como exemplo, clique em um deles e leia as informações com a turma.

Clique em "Quem somos"



7

Depois de clicar em todos os links disponíveis, faça um levantamento das principais temáticas defendidas pela página em análise. Note que os vários gêneros contribuem para o aprofundamento do conteúdo principal do perfil. Você pode organizar as informações em um quadro com este:

QUE INFORMAÇÕES ENCONTRAMOS EM CADA LINK?	
1º LINK	
2º LINK	
3º LINK	
4º LINK	
5º LINK	
6º LINK	
7º LINK	
8º LINK	
9º LINK	

[7] Você pode optar por outra página a depender do perfil da turma e outros interesses.

8

Na segunda parte, explore o feed, ou seja, as postagens feitas pela página que estão fixas. Clique em cada uma delas para verificar se há descrição.



Faça os seguintes questionamentos:

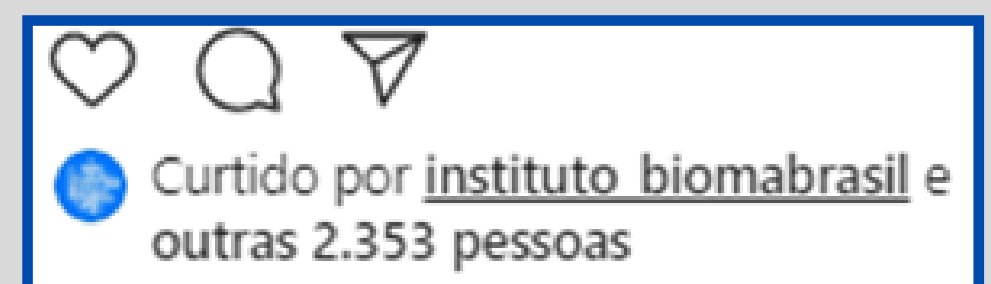
O texto não verbal, a imagem, corresponde ao texto verbal, a descrição?

Qual a informação principal da descrição da imagem?

Qual o objetivo da postagem, texto verbal e não verbal?

9

Apresente este recorte e, em seguida, questione: pelo número de curtidas, é possível julgar a postagem relevante? Justifique sua resposta.



10

Analise os comentários:

Levante hipóteses: pela interação feita através dos comentários, você considera essa postagem relevante? Justifique sua resposta.

Os comentaristas concordam com o conteúdo da postagem? Como você chegou a essa resposta?

Algumas pessoas não usaram texto verbal para comentar a postagem. Que elementos foram usados? O que eles representam?

11

Analise outra postagem da página. Dessa vez, enfatize a presença das hashtags na descrição da postagem. Você poderá fazer um clique em cada uma delas e, em seguida, questionar a turma.



Analise as hashtags:

As hashtags estão relacionadas ao conteúdo da postagem?

O que encontramos de informação em cada hashtag?

O que leva uma pessoa a seguir, ou seja, a acompanhar uma página no Instagram?

12

Para finalizar esta etapa, converse com a turma sobre a importância de filtrar as páginas a serem seguidas, respeitando o nicho temático. Sugira outras páginas educativas aos alunos. Enfatize que devemos usar as redes sociais para consumir bons conteúdos.

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 2 aulas geminadas

Visual e construção de sentidos

Leitura - parte 2

1

Apresente esta postagem aos alunos:



2

Faça a leitura do texto considerando a linguagem verbal e não verbal, a fim de que percebam a relação entre a imagem do bolo e o conteúdo veiculado pela página.

3

Chame a atenção para as cores. Dê ênfase à fatia verde. Questione:

O que a imagem do bolo, acompanhado da data, representa normalmente?

O que significa a fatia verde do bolo?

O que podemos inferir sobre a escolha da cor da maior parte do bolo? O que ela representa?

BNCC

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, foto-denúncias, memes, gifs, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, sites na internet etc.

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.

4

Após a análise da imagem, apresente a descrição que acompanha a postagem e faça a leitura coletiva com a turma.



sosmataatlantica Resta somente 12,4% da área original da Mata Atlântica. Uma fatia que lutamos para manter. Apesar de tudo, ainda temos muito o que comemorar. Não deixe essa data passar em branco, reflita sobre sua importância, visite os parques e reservas, faça uma doação ou tome-se um voluntário. Mais do que desejar uma Mata Atlântica restaurada, podemos trabalhar para isso acontecer.
#mataatlantica #sosmataatlantica #sosma

5

Converse sobre o texto, relacionando-o à imagem. Em seguida, levante hipóteses com os alunos:

Por que a porcentagem apresentada no texto verbal não foi figurada em um gráfico de setores (formato arredondado)?

Qual a relação entre a fatia verde e a porcentagem de 12,4%?

Após a leitura da imagem e do texto verbal, qual a mensagem central da postagem?

6

Caro mediador, você pode seguir dessa forma a análise de outras postagens cuja imagem permita a comparação exemplificada aqui. Explore outras postagens em que o sentido é construído a partir da associação entre o verbal e o não verbal, da ativação do conhecimento prévio acerca do tema e do uso de figuras de linguagem que contribuam para a leitura. Lembre-se, ainda, de explorar os comentários dos seguidores da página. Sugerimos postagens assim:



2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 2 aulas geminadas

Entrevista com o especialista

Leitura - parte 3

1

Este momento da oficina é uma paráfrase do quadro “Entrevista com o Especialista”, do programa Lady Night, exibido em TV por assinatura e apresentado por Tatá Werneck. No quadro, a apresentadora convida especialistas de diferentes áreas (um por programa) para debater sobre um assunto de sua especialidade. De maneira bem descontraída, Tatá Werneck faz perguntas ao convidado que expõe sua opinião, esclarece dúvidas, tentando driblar a comicidade da entrevistadora.

2

Convide um professor de qualquer área, desde que conheça sobre redes sociais[8], para discutir a temática de leitura na rede. Sugerimos algumas perguntas a serem feitas ao entrevistado:

Você considera que os adolescentes usuários de redes sociais estão lendo menos ou mais?

O Instagram e outras redes sociais possibilitam momentos de leitura? De que forma?

Quais os conteúdos mais vistos por você nas redes sociais?

Até que ponto você considera prejudicial o uso das redes sociais?

As redes sociais competem ou colaboram com a escola?

Quais perfis você costuma seguir no Instagram? Por quê?

É possível que uma rede social como o Instagram contribua para a formação do leitor?

BNCC

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.



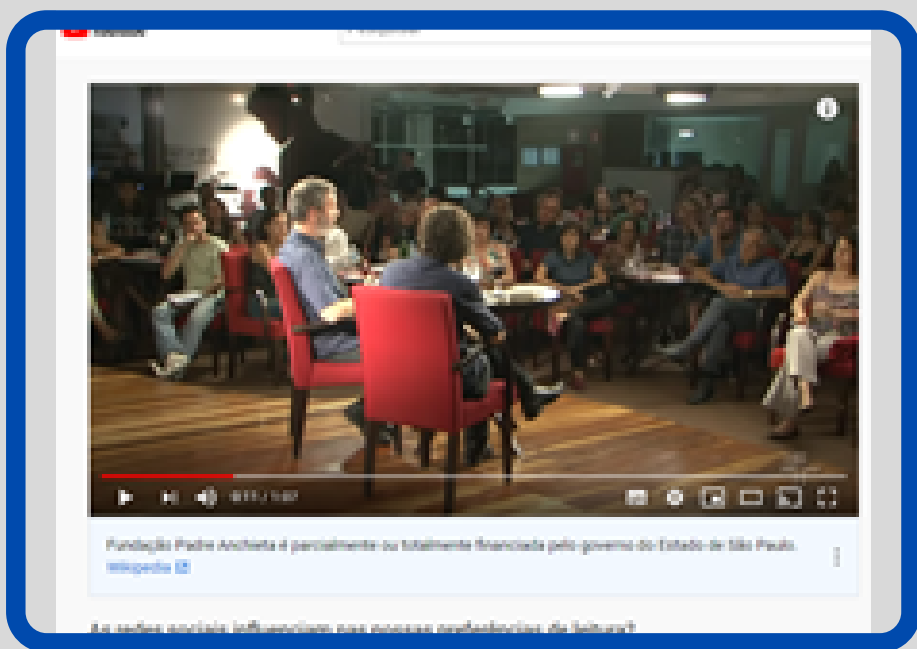
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gy_H64OzihU&list=RDW1hj_Rlx7Bs&index=11

[8] Você pode optar por convidar um profissional cuja área de atuação esteja relacionada ao conteúdo da página analisada. No exemplo desta oficina, poderia convidar um ambientalista, um professor de Geografia ou o secretário de meio ambiente do seu município. No entanto, optamos por discutir a temática das redes sociais, uma vez que objetivamos, também, refletir sobre o consumo de informações na internet e a contribuição do Instagram para a formação do leitor atual.

3

Para criar um clima em diálogo com o debate, exiba, antes da fala do entrevistado, o seguinte vídeo: “As redes sociais influenciam nas nossas preferências de leitura?”, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ySvtiu-OqbY>



4

Como forma de organização da roda de conversa, siga o **roteiro**:

O mediador fala sobre o objetivo da atividade e relaciona com o trabalho desenvolvido nas etapas anteriores de leitura no Instagram;

Apresenta o convidado (leitura do seu currículo);

Passa a palavra para o convidado fazer suas considerações iniciais;

Escolhe um aluno para iniciar a entrevista;

O entrevistado responde;

Seguem as outras perguntas, feitas por outros alunos;

Ao final das perguntas da turma, o mediador faz um comentário de arremate ao tema discutido;

O convidado faz suas considerações finais.

Interpretação

Este é o momento em que os alunos devolvem aquilo que leram. Através das suas múltiplas habilidades, expressam o que de mais significativo ficou da leitura.

1

Neste momento de interpretação da leitura, os alunos devolvem o que leram de acordo com suas habilidades para expressão. O mediador pode propor atividades que possibilitem aos participantes da oficina a externalização do pensamento em relação ao que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesse sentido, atividades envolvendo arte e tecnologia são bem-vindas.

2

Sugerimos a criação[9] de uma página no Instagram para a veiculação de dicas de leitura e assuntos relacionados. **Siga as etapas:**

Escolha um nome que remeta ao conteúdo que será propagado pela página.

Crie uma imagem com a câmera de um celular que remeta ao nome da página.

Faça a arte[10] das postagens e elabore a descrição. Caso seja a recomendação da leitura de uma obra, insira a sinopse ou resenha.

Socialize a página divulgando o @ para a comunidade escolar seguir.

Cada semana um aluno pode ficar responsável pela atualização da página.

Nos stories (vídeos curtos que ficam disponíveis por 24 horas) os alunos podem postar o seu dia a dia como leitores.

BNCC

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.

[9] Como começar seu Instagram do zero, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=a5zuwTSoJnE&t=223s>

[10] Você pode criar postagens criativas com os templates disponíveis no programa de design CANVA: <https://www.canva.com/>

Avaliação

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Forma de avaliar que procura evidenciar a evolução do desempenho do aprendiz. Este tipo de avaliação é realizado para acompanhar o processo de aprendizado, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, fundamentando-se nos conhecimentos que o aprendiz pode construir.

Disponível em: Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-online/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas>

A avaliação acontecerá durante o desenvolvimento das etapas da oficina, configurando-se em algo contínuo e buscando como foco central a participação dos alunos nas atividades propostas e discussões apresentadas. O professor observará ainda o desenvolvimento e a competência dos alunos no tocante às habilidades da BNCC, dispostas em cada etapa através da manifestação do pensamento em rodas de conversas e atividade final de interpretação da leitura.

Imagem disponível em: <https://blog.wpensar.com.br/pedagogico/educacao-inclusiva/>



Liberdade e Censura

"Os Saltimbancos", de Chico Buarque de Holanda
 Texto Teatral

Seja muito bem-vindo à terceira oficina de um conjunto de quatro. Nesta atividade, que objetiva a leitura da obra "**Os saltimbancos**", de Chico Buarque, as etapas foram pensadas de acordo com a abordagem da **Pedagogia dialética**, defendida por Vasconcellos (1992). De acordo com o autor, o trabalho pedagógico em sala de aula deve nortear-se por estas **três dimensões**, que, atreladas aos nossos estudos acerca da mediação da leitura, figuram-se da seguinte forma:

1

SÍNCRESE

Mobilização para o conhecimento - Ativação do conhecimento prévio feita através de atividades que instigam o aluno a revelarem aquilo que já conhece acerca das temáticas que aparecem na obra. Trata-se de um momento de motivação para conhecer o que está por vir.

2

ANÁLISE

Construção do conhecimento - **Leitura da obra** propriamente dita com intervenções de atividades para aprofundamento dos temas tratados e desenvolvimento do letramento literário.

3

SÍNTESE

Elaboração da síntese do conhecimento - **Interpretação da leitura**, valorizando as habilidades dos estudantes através de atividades que possibilitem a expressão daquilo que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesta proposta, este momento é conduzido através de experiências artísticas e tecnológicas.

[HTTPS://WWW.HOJEEMDIA.COM.BR/](https://www.hojeemdia.com.br/)



"Um bicho só é só um bicho, mas todos juntos somos fortes!" (BUARQUE, Chico)

A parte que trata da leitura propriamente dita, a **ANÁLISE**, dividimos em quatro momentos:

1

CONHECENDO AUTOR E OBRA

Etapa em que são revelados elementos gerais, contexto de produção e outros pontos importantes sobre a obra e o autor, a fim de situar o aluno no que será lido durante a oficina.

3

ENTREVISTA COM O ESPECIALISTA

Etapa em que um profissional especialista no tema tratado na obra é convidado para aprofundar a discussão e sanar dúvidas da turma. Uma oportunidade de trabalho interdisciplinar, uma vez que, a depender da temática, professores e profissionais de várias áreas trazem os seus conhecimentos que agregam valor à leitura da obra.

2

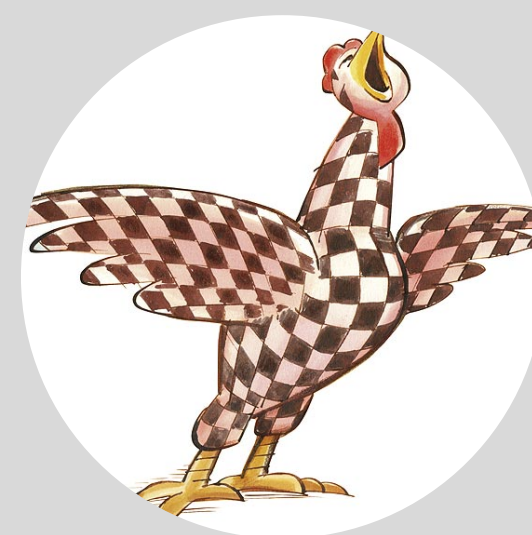
LENDO ENTRELINHAS

Etapa em que são realizadas atividades para desenvolver o olhar crítico acerca de questões importantes da obra, sobretudo a temática presente com críticas e intertextualidades. Trata-se do desenvolvimento do olhar sobre o discurso.

4

LETRAMENTO LITERÁRIO

Etapa de formação do leitor literário. Aqui são tratadas questões relacionadas à natureza do texto literário como linguagem, estilo e composição.



[HTTPS://WWW.HOJEMDIA.COM.BR/](https://www.hojeemdia.com.br/)

Nesse sentido, cada etapa está organizada com orientações ao mediador para a condução das atividades práticas de mediação da leitura da obra. Também estão presentes links para aprofundamento e esclarecimento de itens importantes para a oficina. Além disso, o diálogo com as habilidades propostas pela BNCC(2017), no eixo leitura, orientam o foco de desenvolvimento em cada momento da mediação.

Trata-se, pois, de um trabalho sistematizado para uma boa condução do trabalho com a leitura na escola que dê conta de tornar o aluno competente para a percepção de elementos estruturais, estilísticos, temáticos que darão suporte ao momento final de interpretação da obra.

TEXTO PRINCIPAL



Inspirada em “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm, e voltada ao público infantil, a obra do músico e escritor Chico Buarque, em parceria com Sergio Bardotti (letras) e Luis Enriquez Bacalov (músicas), valoriza o respeito e a solidariedade.

Nessa aventura de quatro bichos que, sentindo-se ameaçados e explorados por seus donos, resolvem fugir para a cidade em busca do sonho de formar um conjunto musical, escapando da opressão, evidencia-se, também, uma alegoria política. O livro, clássico, ainda conta com as ilustrações de Ziraldo.

Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Os-Saltimbancos-Chico-Buarque/dp/855130108X>

CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Sobre o autor

Chico Buarque de Holanda (1944) é músico, dramaturgo e escritor brasileiro. Revelou-se ao público quando ganhou com a música A Banda, interpretada por Nara Leão, o primeiro Festival de Música Popular Brasileira. Chico logo conquistou reconhecimento de críticos e público. Além de compositor e cantor, Chico também é escritor com uma série de livros lançados e traduzidos. Em 2019, ele recebeu o Prêmio Camões (31.ª edição) pelas obras publicadas. No universo da música fez parceria com compositores e intérpretes de grande destaque entre eles: Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Toquinho, Baden Powell, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Edu Lobo e Francis Hime.



Disponível em: https://www.ebiografia.com/chico_buarque/

Conceitos importantes

ESTES CONCEITOS APARECERÃO DURANTE A OFICINA, POR ISSO, TOME NOTA.

ASSUNTO

Todo texto apresenta, além de um tema ou conteúdo temático — associado ao gênero em questão — um assunto determinado, ou seja, o tópico específico de que ele trata. Diários, por exemplo, têm como tema o cotidiano de seu enunciador; entretanto, a cada dia o assunto registrado será único, ainda que possa organizar-se em subtemas como “meus relacionamentos amorosos”, “minhas leituras”, “meu trabalho” etc. A distinção entre assunto, subtema e tema não é, portanto, absoluta, e sim relativa. Outro exemplo para entender a distinção entre assunto e tema seria considerar que um artigo de opinião pode tratar do tema “cotas para a educação” e recortar, nesse tema, o assunto “definição de critérios para estudantes receberem cotas ou não” ou então outro assunto, tal como “as consequências sociais da atribuição de cotas para a educação no Brasil” etc.

AUTOR

Apesar de parecer óbvia e evidente, a noção de autor é bastante muito discutida em vários campos das ciências humanas, disso resultando concepções bastante diferentes e até mesmo contraditórias entre si. No contexto deste curso, vamos entender o autor como aquele a quem se atribui a responsabilidade por um texto ou por toda uma obra. Em consequência, o autor é, também, aquele que é reconhecido como “dono” de seu texto, tendo, portanto, direitos sobre ele. Nesta concepção, o autor é uma criação da escrita, não havendo, propriamente falando, autoria oral.

AValiação formativa

Forma de avaliar que procura evidenciar a evolução do desempenho do aprendiz. Este tipo de avaliação é realizado para acompanhar o processo de aprendizado, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, fundamentando-se nos conhecimentos que o aprendiz pode construir.

INTERTEXTUALIDADE

Em decorrência da interdiscursividade, todo texto se constitui por referência a outros, que lhe são ou anteriores (“Platão já dizia que...”), ou contemporâneos (“Diz-se por aí que...”), ou posteriores (“Eu sei que vocês vão dizer/ que é tudo mentira/ que não pode ser.”). Quanto mais marcada e recuperável for, num texto, a presença desses outros, maior será a sua intertextualidade. Cf. interdiscursividade.

SUBJETIVIDADE

Na definição de discurso, vimos que a perspectiva do uso e a presença efetiva de parceiros é decisiva para que um enunciado assuma um caráter discursivo. Podemos, então, dizer que os diferentes discursos podem diferir entre si pela relevância maior ou menor que esses sujeitos, o enunciador e o enunciatário, assumem no processo de (re)construção dos sentidos dos enunciados. Quanto mais esses sentidos estiverem associados a um ou outro desses protagonistas, maior será o teor de subjetividade do discurso. A título de exemplo, a compreensão de diários íntimos e cartas, — dois gêneros em que os sujeitos estão quase fisicamente presentes no texto, — está diretamente subordinada à capacidade do leitor em reconstruir, com base na forma como os enunciados se organizam, o universo do enunciadore/ou do enunciatário.

Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas>

1ª DIMENSÃO - SÍNCRESE

Tempo sugerido: 2 aulas geminadas

Conhecimento prévio

A motivação para a leitura também faz parte da mediação. Metaforicamente falando, é a preparação do solo para receber a semente.

1

Apresente um painel dividido em duas partes: de um lado, imagens que representam liberdade (gaiola aberta, correntes rompidas, pessoas correndo livremente, etc), do outro, imagens que tratam do contrário (passarinho preso, grades, etc). Você pode fazer esse mural como recortes ou, caso a escola disponha de datashow, exiba virtualmente.

2

Converse sobre os contrários vistos no mural. Provoque a discussão com perguntas como:

Qual dos dois lados do mural é mais agradável aos olhos de vocês?

Vocês concordam que alguém tenha o direito de aprisionar outra pessoa?

No caso de delitos, a prisão é um dos caminhos socialmente estabelecidos, mas, em se tratando de ideias, de que forma as pessoas aprisionam as outras?

Alguém aqui da turma já foi impedido de dizer o que pensa?

Alguém já se sentiu com medo de falar algo, mesmo sendo verdade ou que ajudaria outra pessoa a se livrar de determinada situação conflituosa?

3

Faça a turma perceber que existem dois tipos de aprisionamento: o de ideias e o físico. O foco da oficina é o primeiro, pois é disso que a obra vai tratar.

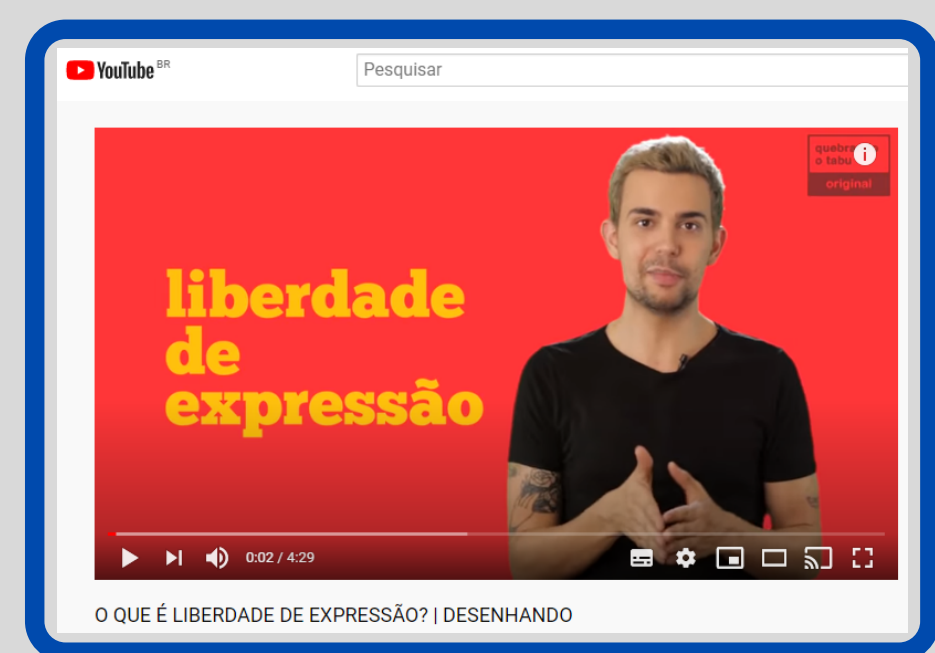
BNCC

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

4

Exiba o vídeo “O que é Liberdade de expressão” (<https://www.youtube.com/watch?v=OHVmE4NCpDc&t=74s>).

Nele são abordadas questões como liberdade de expressão, discurso de ódio e censura.



5

Após a exibição do vídeo, apresente tarjetas com a definição das seguintes palavras-chaves: censura, liberdade de expressão, discurso de ódio, respeito, opinião, calúnia, injúria, difamação e opressão.

6

Faça a leitura coletiva de cada conceito, dando pausas para que a turma dê exemplos de situações do cotidiano as quais ilustrem cada palavra. Durante a exploração de cada conceito, apresente reportagens ou prints de redes sociais que exemplifiquem, como por exemplo as expressões racistas contra a jornalista Maria Júlia Coutinho e a menina Titi, filha dos atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank.



Disponível em: <https://catracalivre.com.br/>



Disponível em:
<https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,inter-nauta-posta-comentarios-racistas-contr-gaby-amarantos-e-titi-filha-de-giovanna-ewbank,10000087247>

7

Além desse exemplo de print, você encontra outros disponíveis que se encaixam em cada conceito apresentado aos alunos, basta colocar a palavra-chave e no Google imagens solicitar print. Não se preocupe em aprofundar esses conceitos, pois eles serão debatidos durante a leitura da obra, em outros momentos da oficina.

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 3 aulas

Autor e obra

Leitura - parte 1

1

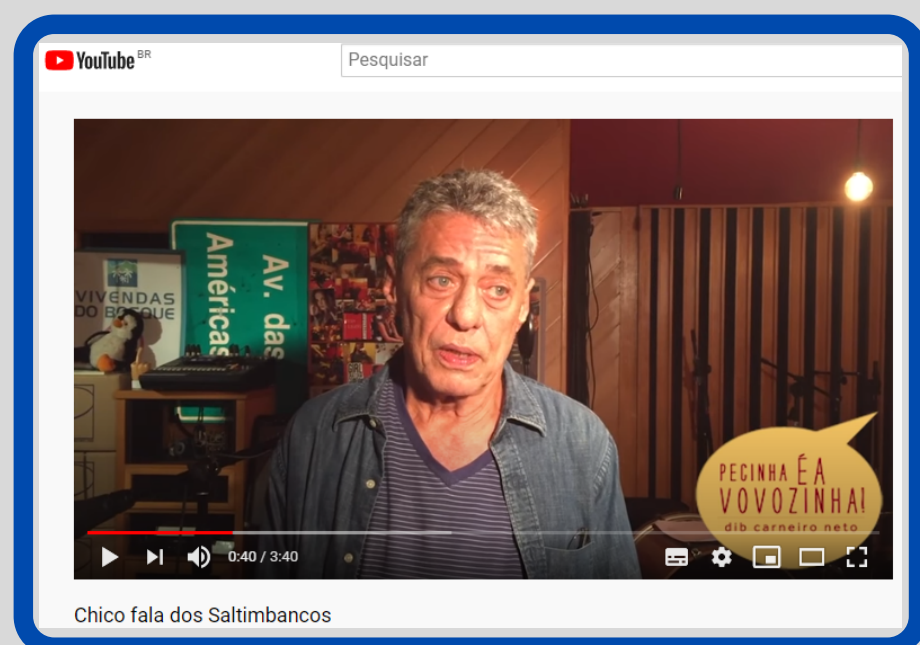
Fale sobre a capa do livro, enfatizando a presença dos quatro animais: o Jumento, o Cachorro, a Galinha e a Gata. Diga aos alunos que eles são as personagens principais que conduzem toda a história através de suas falas.

2

Leia a sinopse e questione a turma quanto ao que esperam encontrar na leitura.

3

Apresente a seguinte entrevista do autor da obra: “Chico fala dos Saltimbancos” <https://www.youtube.com/watch?v=vMdQF2ypOL8>.



4

O autor fala a respeito da adaptação a partir de uma obra italiana, além da presença de músicas compostas com parceiros da MPB e, ainda, a atuação de atores e atrizes, o que sinaliza para a organização do texto da obra em falas para serem dramatizadas, ou seja, Os Saltimbancos é um texto teatral.

BNCC

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impresas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

5

Exiba um trecho da peça “Os Saltimbancos”, encenada pelo grupo “Cia. 4 na Trilha”: <https://www.youtube.com/watch?v=5sszj5AJpGE>.



6

Direcione os alunos para pesquisas sobre o livro e as várias versões da peça nos palcos de teatros do Brasil. Solicite que realizem buscas na internet seguindo o roteiro:

SOBRE A PEÇA

Assista a um vídeo com a peça *Os saltimbancos*.

Quem dá vida às falas do roteiro?

Além das falas, que outro elemento ajuda a contar a história?

As personagens parecem ter problemas semelhantes, mesmo vivenciados em contextos diferentes. Se você fosse resumir a angústia sofrida por eles, qual seria a palavra de definição?

SOBRE A OBRA

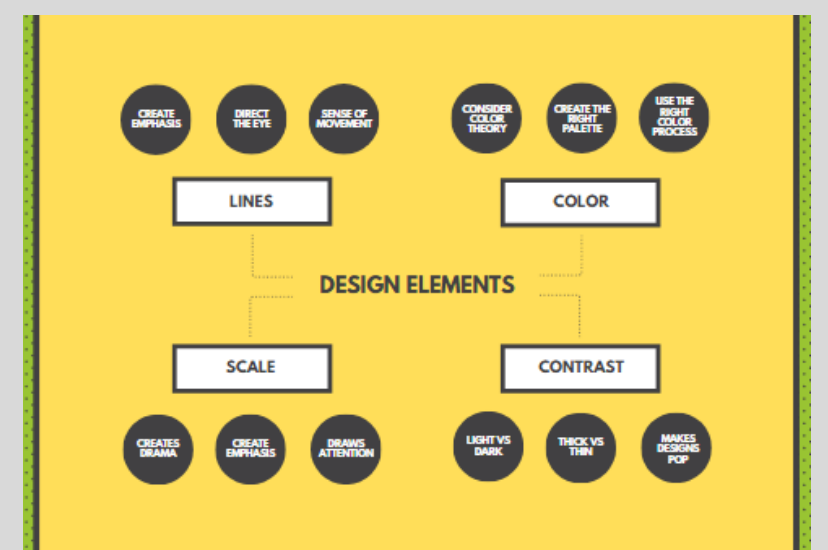
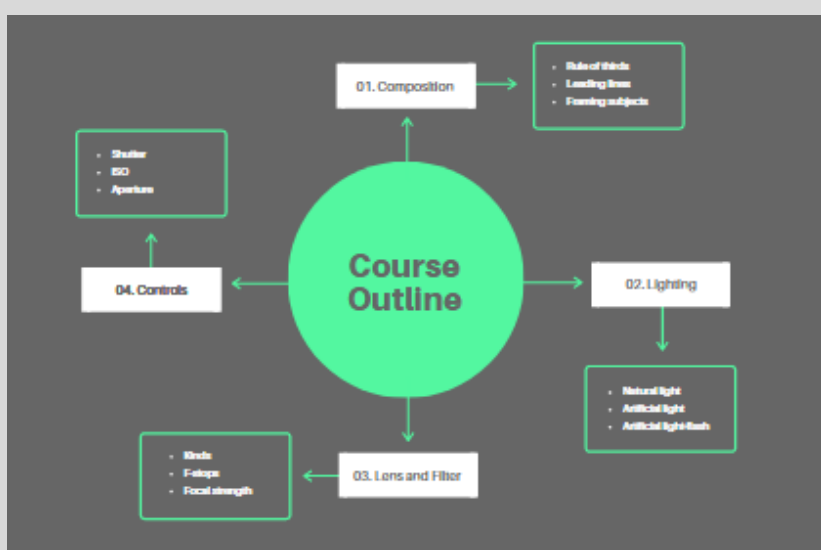
Pesquise sobre a obra da qual Chico Buarque fez a adaptação.

Busque resenhas de outros leitores da obra e veja a impressão deles acerca do livro.

No Youtube estão disponíveis as músicas acompanhadas das letras. Ao escutá-las, sintetize seguindo um dos modelos de **mapa mental**:

7

Essa atividade de pesquisa permite que o aluno explore, no tempo dele, curiosidades da obra. Isso faz com que construam uma base de preparação para a leitura propriamente dita. Solicite que as informações sejam compartilhadas através de uma roda de conversa. Exponha os mapas mentais que construíram com a temática tratada em cada canção. Após a exibição dos mapas, faça as suas considerações sobre as letras e enfatize a importância delas para a construção do texto teatral.



Orientações para a elaboração do mapa:

Esses e outros modelos você encontra no programa de edição e design **CANVA**, em que o aluno poderá editar os templates e, depois, fazer a impressão. Nos exemplos acima, os mapas estão divididos em quatro blocos, o que corresponde aos espaços para fazer observação sobre as canções das quatro personagens centrais da obra. No centro do mapa, coloca-se o nome da obra, por exemplo, e, nas ramificações, identifica-se o nome da canção da personagem, nas ligações dos títulos, o aluno deverá elencar palavras-chaves que sintetizem o conteúdo central da canção. Também, podem fazer pequenos comentários.

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 4 aulas

Lendo entrelinhas

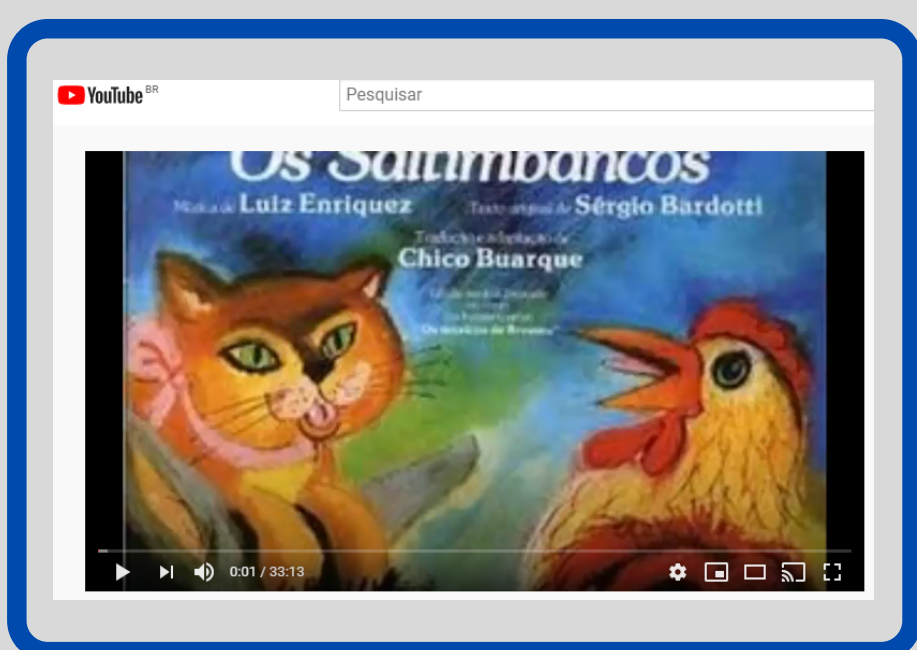
Leitura - parte 2

1

O primeiro ato da peça “Os Saltimbancos” é marcado pela apresentação de cada personagem. Um a um, eles surgem contando sua história e o que os fez fugir do lugar onde estavam. As falas são complementadas com canções que trazem mais detalhes do que foi antecipado por cada um e dinamizam a história encenada. O primeiro a se apresentar é o Jumento:

Os Saltimbancos	O Jumento
A encenação começa com a música Bicharia (em “off”).	Jumento não é, Jumento não é, o grande malandro da praça. Trabalha, trabalha de graça. Não agrada a ninguém, nem nome não tem, é manso e não faz pirraça. Mas quando a carcaça ameaça rachar, que coices, que coices, que coices que dá.
O jumento, sozinho no palco, diz:	
JUMENTO — Eu, eu sou um jumento. Não sou bicho de estimação. Não tenho nome, não tenho apelido, nem estimação. Sou jumento e pronto. Na minha terra também me chamam de jegue. E me botaram pra trabalhar na roça a vida inteira. Trabalhar feito jumento. Pra no fim... nada.	O pão, a farinha, o feijão, carne seca, Quem é que carrega? Hi-ho.
Minha pensão, nenhuma cenoura. Acho que é por isso que às vezes me chamam de burro. Eu não me incomodo. Mas outro dia, eu estava subindo um morro com quinhentos quilos de pedra no lombo. Estava ali, subindo, quando um pai d'égua falou assim: “Mas que mula preguiçosa, sô!”, fui ver, e a mula era eu. Aí eu parei — “Mula? ah! é demais” — e resolvi dar no pé. Tomei a estrada que leva à cidade e fui seguindo, naquela escuridão, naquela humilhação, naquela solidão que nem sei. Não sou disso não, mas me deu uma vontade retada de chorar... e chorar e chorar aos soluços.	O pão, a farinha, o feijão, carne seca, limão, mexerica, mamão, melancia, Quem é que carrega? Hi-ho.
E pensava com meus borbotões:	O pão, a farinha, o feijão, carne seca, limão, mexerica, mamão, melancia, a areia, o cimento, o tijolo, a pedreira, quem é que carrega? Hi-ho.

Disponível em: <https://silو.tips/download/os-saltimbanco-pea-teatral/>



BNCC

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

2

Você fará a leitura com o apoio do audiolivro (livro em áudio) disponível em https://www.youtube.com/watch? =9fM7oTIH_PO&t=1117s. Esse recurso é importante, porque traz as falas das personagens lidas por atores, com ritmo, entonação e outros elementos inerentes ao universo da dramaturgia. Além disso, conta com os efeitos sonoros e as canções interpretadas pelos próprios atores. Trata-se de uma leitura multimodal. É importante fazer o download do CD como forma de prevenir a falta de internet.

3

Apresente o CD até o tempo 5:44, que é justamente quando termina a apresentação do Jumento. Discuta com a turma sobre o perfil psicológico da personagem e a temática da exploração. Lance mão das seguintes perguntas:

O que a personagem traz como problemática?

Culturalmente e de maneira pejorativa, as pessoas atribuem a falta de inteligência ou o não sucesso em determinada ação ao termo burrice. A forma como o animal se apresenta, corrobora para a efetivação desse termo? Por quê?

Levante hipóteses: por que ele ficou tão incomodado quando o chamaram de mula, mesmo o termo burro sendo mais pejorativo?

Durante a exibição da música, você percebeu a repetição da onomatopeia[1] “hi-ho”. No contexto da canção, por que esse som é tão repetido? Que efeito de sentido ele provoca em quem está ouvindo?

Relembre um trecho da fala ou da canção que exemplifiquem a temática da exploração.

6

Dê uma pausa na leitura propriamente dita para falar a respeito da expressão artística na época da ditadura militar brasileira. Afirme que, nesse período, muitos artistas camuflavam e usavam metáforas que só eram possíveis ser entendidas com o olhar apurado para as entrelinhas. Enfatize que a obra que estão conhecendo foi produzida nessa época e que, por essa razão, os humanos são representados por animais. Trata-se de uma denúncia feita de forma metaforizada e disfarçada pela alegoria dos animais que falam.

4

Após responderem as perguntas oralmente, convide os alunos para construir um mural coletivo com as características do Jumento. Esse mural vai sendo preenchido cada vez que aparece um novo personagem até que, ao final, estejam os quatro protagonistas. É importante lembrar à turma que conhecer o perfil das personagens é pré-requisito para uma boa atuação. O ator[2] consegue representar bem quando conhece a personagem a qual dará vida na atuação no palco.

5

Siga essa mesma metodologia para cada personagem que aparece na peça. Ao final, compare o quadro preenchido e faça a turma perceber que, apesar de diferentes, os animais vivenciaram situações semelhantes e que representam seres humanos.

[1] Figura de linguagem que reproduz fonemas ou palavras que reproduzem os sons naturais.

[2] Caso seja possível, convide um ator ou atriz para falar a respeito do teatro, já que a obra é um texto teatral.

7

Distribua cópias do seguinte texto <https://www.culturagenial.com/musicas-famosas-ditadura-militar-brasileira/>. Faça uma leitura com os alunos a fim de que entendam como a arte foi submetida ao regime que censurou toda e qualquer forma de argumento contra o governo.

CULTURA GENIAL

PINTURA POESIA MÚSICA LIVROS CINEMA Q BUSCAR

Música

17 músicas famosas contra a ditadura militar brasileira

Carolina Marcello
Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes

Mesmo com o Brasil subjugado pelo autoritarismo e a censura, os artistas se recusaram a ficar em silêncio. Durante a ditadura militar brasileira (1964 - 1985), foram inúmeras as formas de resistência na cultura.

A MPB (Música Popular Brasileira) foi uma das principais ferramentas de denúncia para combater o controle ideológico do sistema. Sem liberdade de expressão, tiveram que inventar códigos, metáforas e jogos de palavras para comunicar com o público.

PUBLICIDADE

Anúncios Google

Enviar comentários

Anúncio? Por quê? ⓘ

POPULARES

- Música Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré
- Música Cálice de Chico Buarque
- Música Chão de Giz, de Zé Ramalho
- As 11 melhores músicas brasileiras de todos os tempos

8

Após essa conversa, volte às canções das quatro personagens e realize um trabalho investigativo [3] para buscar, nas entrelinhas, marcas de denúncia ao dominante e temáticas como “Papel da mulher”, na canção da Gata; “Obediência ao sistema”, na canção do Cachorro; “Condições de trabalho”, na canção do Jumento e “Produção”, na canção da Galinha.

[3] Você pode fazer uso dos seguintes textos para fundamentar a análise e aprofundar a conversa com a turma:

TEXTO 1 - Como falar de revolução para crianças:
<https://www.esquerdadiario.com.br/Os-Saltimbancos-e-como-falar-da-revolucao-para-criancas>

TEXTO 2 - A verdadeira história dos Saltimbancos: silêncio ou metáfora?:
<https://medium.com/@gabrielatambellini/a-verdadeira-hist%C3%B3ria-dos-saltimbancos-62d16f8f112a>

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 3 aulas

Entrevista com o especialista

Leitura - parte 3

1

Este momento da oficina é uma paráfrase do quadro “Entrevista com o Especialista”, do programa Lady Night, exibido em TV por assinatura e apresentado por Tatá Werneck. No quadro, a apresentadora convida especialistas de diferentes áreas (um por programa) para debater sobre um assunto de sua especialidade. De maneira bem descontraída, Tatá Werneck faz perguntas ao convidado que expõe sua opinião, esclarece dúvidas, tentando driblar a comicidade da entrevistadora.

2

Convide um professor de História ou outro profissional capacitado para falar sobre a Ditadura Militar no Brasil. Prepare a turma para recebê-lo com perguntas. Para isso, solicite que cada aluno elenque perguntas de sua curiosidade sobre esse período histórico. Dê um tempo para que a turma liste as perguntas e, em seguida, selecione por votação as mais relevantes. É importante que o mediador também elenque as suas e incorpore-as no conjunto, pois, possivelmente, serão as de caráter mais aprofundado sobre o tema. Para enriquecer ainda mais a discussão e relacionar com a leitura, indique ao entrevistado o livro “Os Saltimbancos”, dessa forma o diálogo será mais pontual. Sugerimos algumas perguntas a serem feitas ao entrevistado:

BNCC

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gy_H64OzihU&list=RDW1hj_Rlx7Bs&index=11

O que é ditadura no seu sentido mais amplo?

De que forma o Brasil foi tomado pelo regime de ditadura?

Quais as consequências da ditadura para a vida das pessoas?

Como a liberdade de expressão foi afetada nessa época?

De que forma as pessoas protestavam contra a ditadura?

3

Para criar um ambiente em diálogo com o debate, selecione fotos[4] do período da ditadura, letras de músicas, caricaturas, charges, etc. Faça um mural ou coloque no centro do círculo onde acontecerá a conversa.

4

Como forma de organização da roda de conversa, **siga o roteiro:**

O mediador fala sobre o objetivo da atividade e relaciona com a obra que está sendo lida;

A apresenta o convidado (leitura do seu currículo);

Passa a palavra para o convidado fazer suas considerações iniciais;

Escolhe um aluno para dar início a entrevista;

O entrevistado responde;

Seguem as outras perguntas, feitas por outros alunos;

Ao final das perguntas da turma, o mediador faz um comentário a fim de relacionar tudo o que foi conversado com a obra “Os Saltimbancos”, isto é, justifica o tema a partir da leitura da obra;

O convidado faz suas considerações finais.

5

Para aprofundar e reforçar o que foi discutido, conte um pouco da história de algumas fotos selecionadas e, ainda, peça aos alunos que pesquisem mais sobre o tema e tragam para a sala de aula. Oriente-os a fazer uma curadoria das informações a fim de verificar a veracidade por meio da fonte de busca. Isso pode ser feito com a indicação, por parte do mediador, dos sites onde encontrarão as informações.

6

Monte um painel com as informações coletadas pela turma ou, caso possua habilidade, realize um jornal eletrônico[5] para postar as matérias encontradas e divulgar o link de acesso com a comunidade escolar.

[4] Fotos da ditadura militar no Brasil disponíveis em: https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk02XvIVsgkd63fO_3jpiLFLausGkYw:1600779456674&source=univ&tbm=isch&q=ditadura+militar+fotos&sa=X&ved=2ahUKEwjAu4OX6PzrAhV2LLkGHeeoBbIQjJkEegQlChAB&biw=1366&bih=625

[5] Como organizar um jornal eletrônico: DICA 1 - <https://www.iebschool.com/pt-br/blog/software-de-gestao/digital-business/como-fazer-um-jornal-digital/>
DICA 2 - <https://www.youtube.com/watch?v=GK9V46EDwDE>
DICA 3 - <https://www.flipsnack.com/bp/flip-book-template>

Letramento literário

Leitura - parte 4

1

Continue a leitura da obra e, à medida em que encontre pontuações servindo como recurso expressivo (e não com a sua função convencional), chame a atenção da turma propondo análises comparativas de trechos cujos sinais de pontuação, embora sejam os mesmos, tenham sido usados com intenções diferentes. Para este momento, destaque os trechos e exponha em slides ou em outro recurso que fique visível para toda a turma. A análise deve ser feita de maneira coletiva, pois as impressões em relação à pontuação devem ser comparadas, entendendo que efeitos de sentido são provocados em cada aluno.

2

A obra em estudo traz muitas onomatopeias. Aproveite esse recurso, sobretudo nas canções, para trabalhar o ritmo e a entonação na leitura. Como exemplo, aborde a letra da canção “História de uma Gata”.

História de uma gata

Me alimentaram,
me acariciaram,
me aliciaram,
me acostumaram.
O meu mundo era o apartamento.
Detefon, almofada e trato,
todo dia filé mignon
ou mesmo um bom filé... de gato.
Me diziam, todo momento:
fique em casa, não tome vento.
Mas é duro ficar na sua
quando à luz da lua
tantos gatos pela rua

[http://www.colegionomelini.com.br/midia/arquiv
os/2014/8/70b9172b88d52d4073e25fb860112ff2.pdf](http://www.colegionomelini.com.br/midia/arquiv
os/2014/8/70b9172b88d52d4073e25fb860112ff2.pdf)

BNCC

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

3

Antes da leitura da letra, escute mais uma vez com os alunos e faça-os perceber entonação do pronome ME. A intérprete da música o pronuncia como se fosse o miado de um gato. Aproveite o momento para elucidar a respeito da licença poética para o uso de palavras e expressões. Enfatize que, apesar da norma padrão culta não permitir o início de frases com pronomes oblíquos, a canção, por ser de natureza artística e poética pode fazer essa e outras construções perfeitamente. Caso não fosse assim, o efeito sonoro do miado da gata não seria percebido pelo ouvinte.

4

Outra atividade importante é sobre a comparação do ritmo das canções. Faça uma análise comparativa entre a música do Jumento e a do Cachorro. Exiba os seguintes trechos das canções das personagens:

O Jumento

Jumento não é
Jumento não é
O grande malandro da praça
Trabalha, trabalha de graça
Não agrada a ninguém
Nem nome não tem
É manso e não faz pirraça
Mas quando a carcaça ameaça rachar
Que coices, que coices
Que coices que dá

Um dia de Cão

Apanhar a bola-la
Estender a pata-ta
Sempre em equilíbrio-brio
Sempre em exercício-cio
Corre, cão de raça
Corre, cão de caça
Corre, cão chacal
Sim, senhor
Cão policial
Sempre estou
Às ordens, sim, senhor

Disponíveis em: <https://www.letras.mus.br/os-saltimbancos/275215/> Adaptado.

Antes da leitura, toque mais uma vez e peça para que a turma compare o ritmo. A do Jumento é bem mais lenta e simula o trote (o caminhar) do animal. Por outro lado, a do Cachorro é bastante agitada e vai ao encontro da história retratada pelo animal. Ele era cão de guarda e vivia obedecendo ordens em um estado de prontidão incansável. Vale lembrar que essa análise não deve ser dita pelo mediador, você pode provocar a turma fazendo os seguintes questionamentos:

Por que a canção do Jumento é bem mais lenta do que a do Cachorro?

Você acha que o fato de o Jumento carregar tanto peso nas costas, como ele relata, reflete no ritmo da música?

Por que o Cachorro parece tão agitado no ritmo da música?

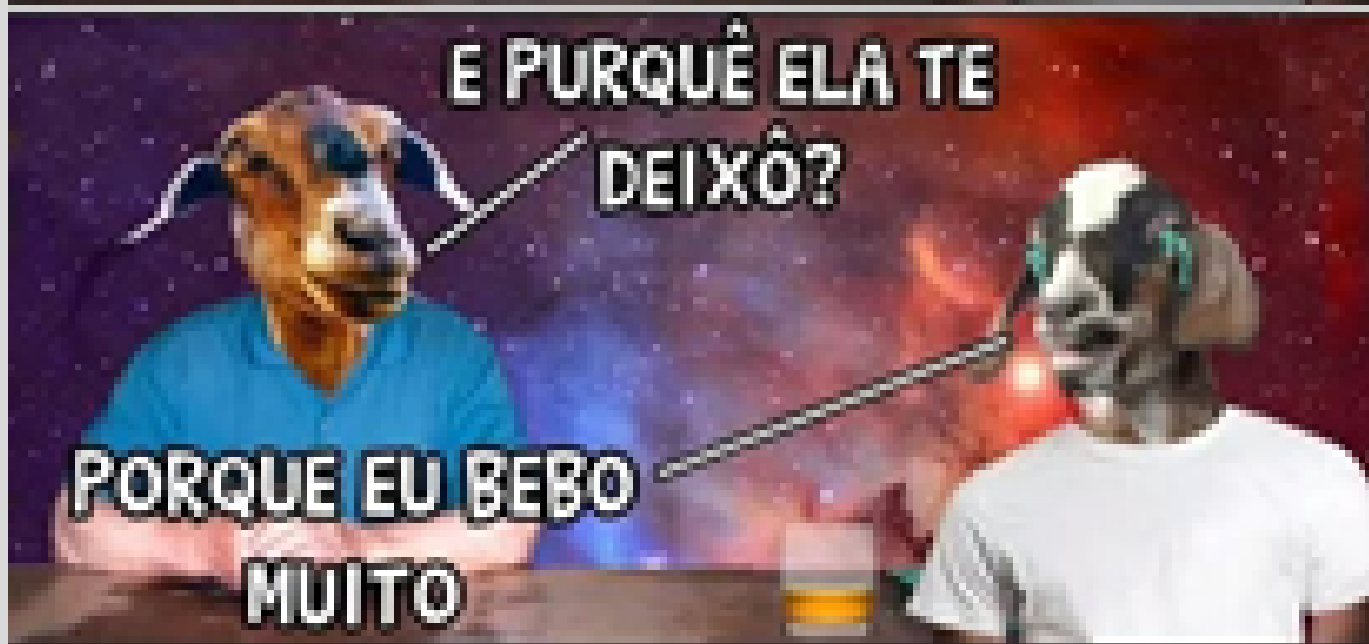
Encontre trechos no texto da peça que justifiquem os ritmos das músicas, ou seja, retire falas dos animais que revelem os dois estilos de vida: agitação e lentidão.

5

As personagens da obra são animais com comportamentos humanos. O recuso literário da personificação está presente durante toda a obra. Dessa forma, chame a atenção da turma para outros textos que fazem uso desse mesmo recurso, como a fábula, por exemplo. Por serem textos menos extensos, faça leituras de diversas fábulas e leve a turma à percepção dos valores e conflitos humanos vividos por animais, em geral. Elabore um quadro comparativo para ser preenchido coletivamente.

6

Para dinamizar ainda mais o trabalho, apresente alguns memes disponíveis nas redes sociais cujas personagens são animais e ironizam comportamentos humanos. Em seguida, Realize uma conversa, a partir da leitura dos memes e das fábulas, sobre o conceito de crítica, humor e ironia. Veja alguns deles:



Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/2355946242343448/?nic_v2=1a6eBPqTe

Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/diz-que-e-ateu-mas-toma-cafe-e-nao-caciencia-rasxkH7>



Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/bad-bad-server/conheca-tiao-o-gato-dando-entrevista-que-virou-meme/>



Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/43-memes-de-animais-para-voce-ter-na-manga/>



Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/tecnologia/album/2014/05/29/gato-debochado-faz-sucesso-na-internet-com-sorriso-largo-e-piadas-manjadas.htm>

7

Agora, explore a estrutura do texto teatral. Na primeira parte, chame a atenção para as rubricas, ou seja, as orientações de movimento e de como os atores devem dizer as falas. Durante a leitura, faça desafios com os alunos, solicitando que digam o texto seguindo a orientação que está na rubrica. Ressalte, ainda, que no texto teatral todas as ações são realizadas pelas próprias personagens, sem necessariamente a condução de um narrador. Se possível, faça uma comparação entre a estrutura do texto teatral e as fábulas usadas na atividade anterior.

Em qual dos textos, fábula ou texto teatral, há presença constante de alguém que narra a história a ser vivida por personagens?

Em ambos os textos há falas de personagens. Nas fábulas, como são introduzidas? E no texto teatral?

Levante hipóteses: por que no texto teatral o nome da personagem, em caixa alta, é repetido sempre antes de sua fala?

8

Para finalizar a discussão, exiba esta entrevista com a atriz Laura Cardoso sobre o que é ser ator e suas impressões sobre o teatro brasileiro:

<https://www.youtube.com/watch?v=whAXIqNPvnk>. Depois de assistirem ao vídeo, faça um arremate recapitulando tudo o que foi visto durante as etapas da oficina.



Interpretação

Este é o momento em que os alunos devolvem aquilo que leram. Através das suas múltiplas habilidades, expressam o que de mais significativo ficou da leitura.

1

Neste momento de interpretação da leitura, os alunos devolvem o que leram de acordo com suas habilidades para expressão. O mediador pode propor atividades que possibilitem aos participantes da oficina a externalização do pensamento em relação ao que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesse sentido, atividades envolvendo arte e tecnologia são bem-vindas.

2

A primeira atividade que pode ser desenvolvida é a produção de um painel a ser apresentado pela turma para a comunidade escolar. Neste painel serão inseridas palavras-chaves provenientes da leitura. Intitule o painel de “Novas palavras, outros sentidos”. Trata-se da ampliação do léxico e da resignificação de palavras e expressões usadas em sentido figurado para expressar uma crítica, uma denúncia ou provocar à reflexão. A turma deverá situar a palavra no contexto e explicá-la ao público.

3

A segunda atividade de interpretação é a representação da peça. Para isso, é necessário seguir **algumas etapas**:

- Preparação do elenco;
- Divisão das personagens;
- Estudo/leituras do texto;
- Ensaios;
- Produção do cenário e figurino;
- Apresentação.

Você poderá contar com o apoio de um profissional da área para agregar valor ao trabalho.

BNCC

(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou “convocar” para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

4

A terceira atividade é uma exposição de quadros pintados a partir da interpretação pessoal do que diz a letra das canções da peça.

5

A quarta atividade envolve um aplicativo chamado “TikTok”[6]. Entenda:

<https://tecnoblog.net/337651/o-que-e-tiktok/>

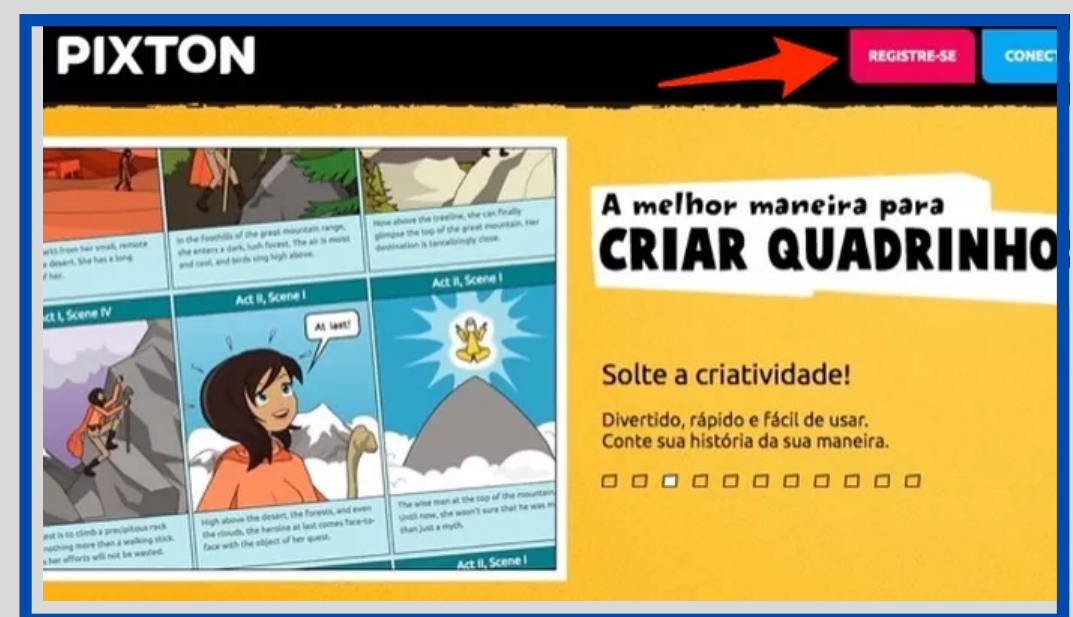
Um dos recursos desse aplicativo é o uso da tela de fundo verde na qual são projetadas imagens selecionadas pelo produtor do vídeo. Solicite aos alunos que selecionem imagens do período da ditadura e façam comentários aparecendo no vídeo. Outra opção é caracterizar-se como os personagens da obra e fazerem uma comparação entre o comportamento de cada animal e a crítica que é feita nas entrelinhas do discurso.



Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2019/09/novo-efeito-tela-verde-viraliza-no-tiktok-veja-como-usar-nos-videos.ghtml>

6

A quinta sugestão é a produção de Histórias em quadrinhos a partir do texto original da obra. Para isso, use a ferramenta PIXTON[7] para a criação de HQ's.



[6] Como usar a tela verde do TikTok Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=ae3p6-fls0w&t=92s>

Tutorial escrito

<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2019/09/novo-efeito-tela-verde-viraliza-no-tiktok-veja-como-usar-nos-videos.ghtml>

[7] Você encontra orientações de como usar esse recurso nos links

<https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Pixton.pdf>

Tutorial escrito

<https://www.youtube.com/watch?v=aKkKMPjIVC8>

Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=aKkKMPjIVC8>

Avaliação

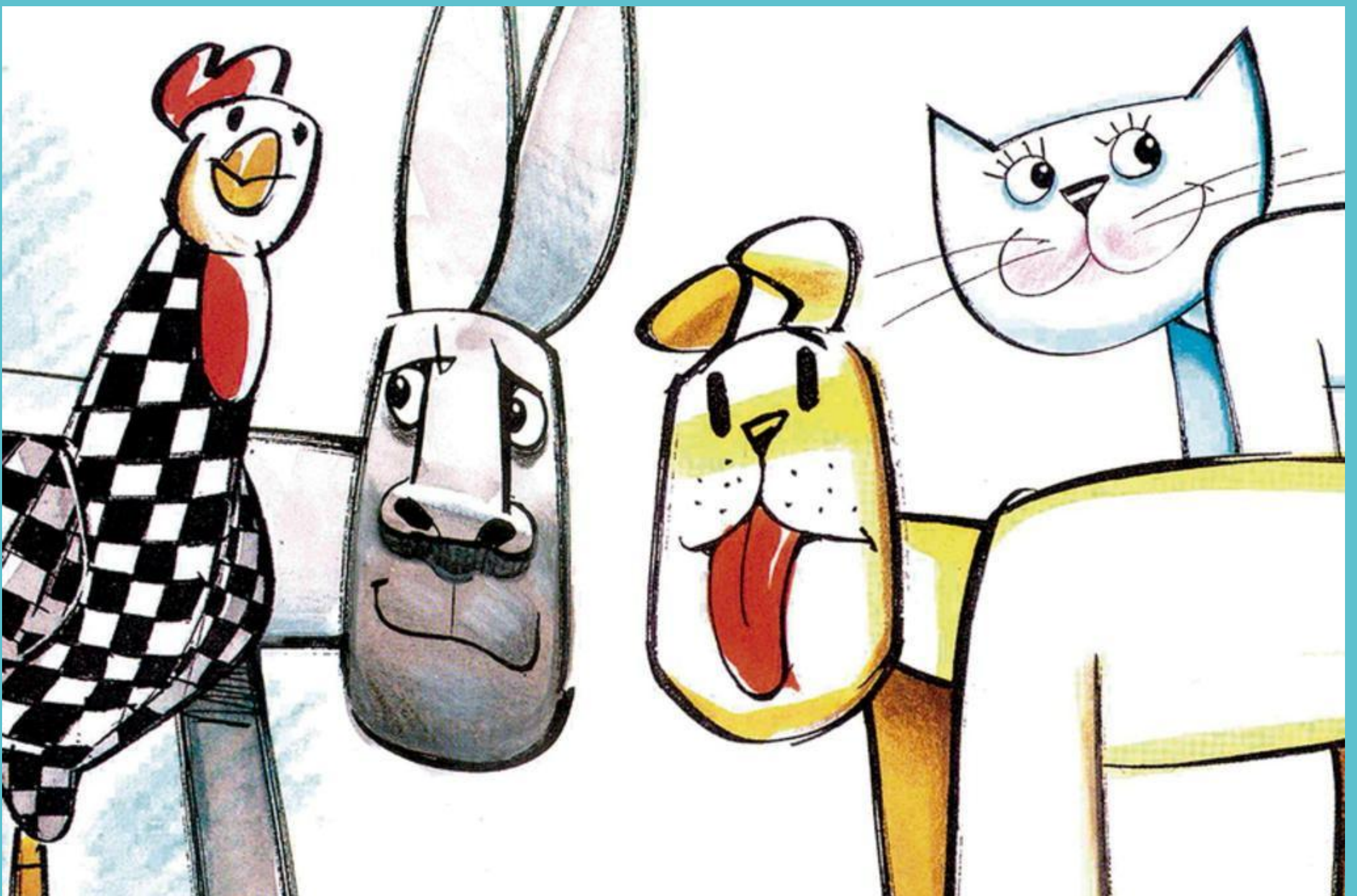
AVALIAÇÃO FORMATIVA

Forma de avaliar que procura evidenciar a evolução do desempenho do aprendiz. Este tipo de avaliação é realizado para acompanhar o processo de aprendizado, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, fundamentando-se nos conhecimentos que o aprendiz pode construir.

Disponível em: Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-online/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas>

A avaliação acontecerá durante o desenvolvimento das etapas da oficina, configurando-se em algo contínuo e buscando como foco central a participação dos alunos nas atividades propostas e discussões apresentadas. O professor observará ainda o desenvolvimento e a competência dos alunos no tocante às habilidades da BNCC (2017), dispostas em cada etapa através da manifestação do pensamento em rodas de conversas e atividade final de interpretação da leitura.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>



Como surge um meme?

Seja muito bem-vindo à quarta oficina de um conjunto de quatro. Esta oficina objetiva a leitura de **memes** com foco no contexto de produção e diferenciação entre crítica, humor e entretenimento. Nessa perspectiva, as etapas foram pensadas de acordo com a abordagem da **Pedagogia dialética**, defendida por Vasconcellos (1992). De acordo com o autor, o trabalho pedagógico em sala de aula deve nortear-se por estas **três dimensões**, que, atreladas aos nossos estudos acerca da mediação da leitura, figuram-se da seguinte forma:

1

SÍNCRESE

Mobilização para o conhecimento - Ativação do conhecimento prévio feita através de atividades que instigam o aluno a revelarem aquilo que já conhece acerca das temáticas que aparecem no texto. Trata-se de um momento de motivação para conhecer o que está por vir.

2

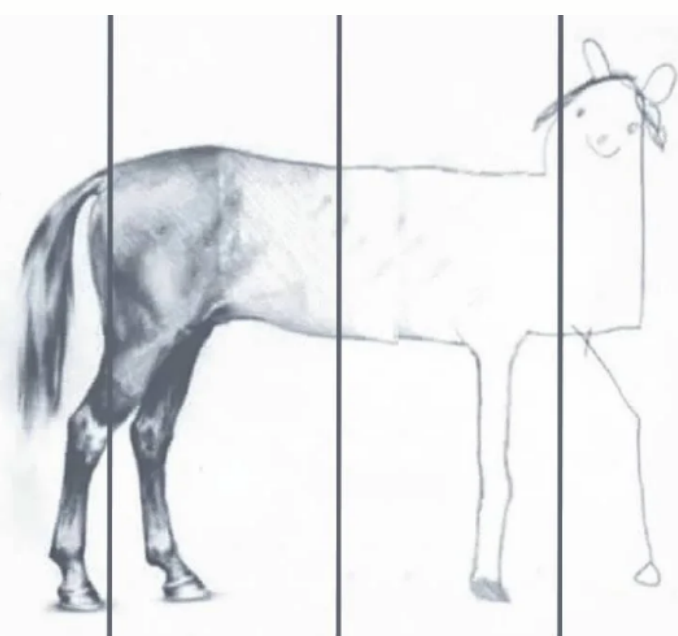
ANÁLISE

Construção do conhecimento - **Leitura** propriamente dita com intervenções de atividades para aprofundamento dos temas tratados e desenvolvimento do leitor crítico.

3

SÍNTESE

Elaboração da síntese do conhecimento - **Interpretação da leitura**, valorizando as habilidades dos estudantes através de atividades que possibilitem a expressão daquilo que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesta proposta, este momento é conduzido através da pesquisa e divulgação de memes e seus contextos de produção.



[HTTPS://WWW.REDDIT.COM/R/BRASIL/COMMENTS/APFFIB/A-REALIDADE_SOBRE_A_MAIORIA_DAS_SOCIEDADES/ADAPTADO](https://www.reddit.com/r/brasil/comments/apffb/a-realidade_sobre_a_maioria_das_sociedades/adaptado)

O meme rompe uma expectativa e critica a realidade; um jeito novo de dizer o que pensa.

A parte que trata da leitura propriamente dita, a **ANÁLISE**, dividimos em dois momentos:

1

O MEME SEMPRE FAZ UMA CRÍTICA?

Etapa em que é evidenciada a possibilidade da criação de um meme a partir de qualquer fato do cotidiano. Também uma análise acerca do conteúdo do meme, destacando que nem sempre esse texto pretende fazer uma crítica, podendo apenas entreter.

2

CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Etapa em que são propostas atividades de inferências e resgate ao conhecimento prévio, através de outros textos, para a compreensão dos efeitos de sentido de memes conhecidos.

Nesse sentido, cada etapa está organizada com orientações ao mediador para a condução das atividades práticas de mediação da leitura do gênero meme. Também estão presentes links para aprofundamento e esclarecimento de itens importantes para a oficina. Além disso, o diálogo com as habilidades propostas pela BNCC, no eixo leitura, orientam o foco de desenvolvimento em cada momento da mediação.

Trata-se, pois, de um trabalho sistematizado para uma boa condução do trabalho com a leitura na escola que dê conta de tornar o aluno competente para a percepção de elementos estruturais, imagéticos e temáticos que darão suporte ao momento final de interpretação da leitura.

TEXTO PRINCIPAL

O que é um meme?

Richard Dawkins, biólogo evolucionista que criou o termo em 1976, explica a origem do conceito e fala sobre seu uso no meio digital. Seus alunos devem mostrar novidades da internet praticamente todos os dias. “Prof, esse vestido é azul ou branco?”, “você já viu o último vídeo de gatinhos que tá bombando na internet?” e segue o desfile de imagens, frases, gifs, vídeos ou qualquer outra forma de conteúdo que viraliza pelas redes sociais, sites, emails e aplicativos de mensagem. São os famosos memes da internet. Mas você sabia que o criador do termo é um biólogo que não estava nem aí para a cultura digital? O renomado (e polêmico) biólogo britânico Richard Dawkins, um dos principais cientistas que estuda a evolução das espécies, esteve na Editora Abril na semana passada para uma palestra e explicou a origem do conceito, cunhado em seu best-seller *O gene egoísta*, de 1976. Naquela época a internet sequer existia!

O livro *O gene egoísta* popularizou a ideia de que a seleção natural acontece a partir dos genes. Eles “buscam” a sobrevivência, por meio de corpos capazes de sobreviver e de se reproduzir (para replicar os genes). O biólogo contou que queria terminar o livro com a proposta de que a cultura também se espalha como os genes. O meme é o equivalente cultural do gene, a unidade básica de transmissão cultural, que se dá por meio da imitação.

“Mimeme” provém de uma raiz grega adequada [mimesis, ou seja, imitação] , mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. (Richard Dawkins. *O gene egoísta*, 1976).

Sotaques, moda, slogans... Tudo isso são memes que se propagam. “Quando alguém assovia uma melodia na rua e outra pessoa ouve, começa a assoviá-la e isso se espalha como uma epidemia pela cidade”, exemplificou.

“Quando você planta um meme fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação do meme, exatamente como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira.” (Richard Dawkins. *O gene egoísta*, 1976).

Sobre o uso do termo para descrever os virais da internet, ele disse que não se importa com a apropriação: “A internet é um fenômeno novo, que não existia quando eu criei o meme. É um belo ambiente para o meme espalhar!”, disse.

O fenômeno dos memes é tão popular que já existem “geradores de memes”, como o Gerador de memes e o Meme Generator. São ferramentas que possibilitam a criação de imagens com texto em poucos segundos, um dos tipos mais famosos de memes.

Conceitos importantes

ESTES CONCEITOS APARECERÃO DURANTE A OFICINA, POR ISSO, TOME NOTA.

CONTEXTO

O contexto é uma circunstância essencial na produção de textos. Ele corresponde ao conjunto de conjunturas (materiais ou abstratas) que rodeiam um acontecimento ou fato. Assim, o contexto são todas as informações que acompanham o texto, modo pelo qual as ideias se encadeiam no discurso. Sendo assim, o contexto corresponde ao ambiente físico ou situacional e pode ser uma referência histórica, social, cultural, familiar. Para compreendermos a mensagem de um texto, precisamos estar a par do contexto ao qual pertence. Isso para que a mensagem transmitida pelo locutor (autor, emissor) seja inteligível para o interlocutor (leitor, receptor). Nesse sentido, uma piada pode não fazer sentido, quando por exemplo está contextualizada numa determinada cultura, a qual não faz parte do seu repertório interpretativo. Com efeito, o texto somente existe quando estabelece uma relação de identificação com seu leitor.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/contexto/>
Adaptado.

IRONIA

A ironia (ou antífrase) é uma figura de linguagem utilizada para dizer-se algo por meio de expressões que remetem propositalmente ao oposto do que se quis dizer. Seu uso é bastante comum, e esse jogo de sentidos que se ligam pela inversão gera, muitas vezes, um tom de comicidade ou de deboche, podendo ser um mero gracejo até um discurso mais sarcástico. Por sua versatilidade, é um recurso estilístico muito comum e usado em diversas possibilidades.

Disponível em: <https://www.portugues.com.br/gramatica/ironia.html> Adaptado.

HUMOR

A maioria dos efeitos de sentido de textos citados até então tem um objetivo comum: o humor. Situações cômicas ou potencialmente humorísticas compartilham da característica do efeito surpresa. O humor reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.

Disponível em: <https://blog.estrategiavestibulares.com.br/efeitos-de-sentido/>
Adaptado.

CRÍTICA

A palavra crítica é um termo de uso frequente em nosso idioma e muito utilizado em suas diferentes referências, embora, vale ressaltar, que o uso que na maioria das vezes damos ao termo é para referir-se à expressão da opinião pessoal efetuada e na qual se explica a reação que provoca algo, um tema, por exemplo, ou o comportamento de alguém. A crítica necessariamente envolve nosso intelecto que trata de realizar a correspondente análise ou exame, sobre o objeto ou sujeito em questão para finalmente oferecer um juízo a respeito. Na área dos meios de comunicação, a crítica é uma modalidade de expressão muito popular através da qual um profissional deste meio ou um especialista oferece seu julgamento pessoal e individual sobre um fato artístico ou sobre uma determinada questão que corresponda à realidade.

Disponível em: <https://queconceito.com.br/critica> Adaptado.

SARCASMO

O sarcasmo é um recurso expressivo utilizado, sobretudo, com um sentido provocativo, malicioso e de crítica. Ou seja, ele sempre apresenta um tom provocador, mordaz e de zombaria, que apela ao humor ou ao riso. Para alguns estudiosos do tema, o sarcasmo corresponde a um tipo de ironia com um teor provocativo.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sarcasmo-e-ironia/> Adaptado.

1ª DIMENSÃO - SÍNCRESE

Tempo sugerido: 4 aulas

Conhecimento prévio

A motivação para a leitura também faz parte da mediação. Metaforicamente falando, é a preparação do solo para receber a semente.

1

Os memes fazem parte das leituras diárias da maioria dos alunos, ou pelo menos de todos os que usam redes sociais. Esse gênero relativamente novo, difundido pelos ambientes virtuais, tem se multiplicado de tal forma que para cada acontecimento noticiado de pequena ou grande repercussão, há um meme correspondente. O humor pode ser percebido, de maneira superficial, pela escolha da imagem, quando o sujeito não tem conhecimento prévio acerca da relação que o texto aborda, ou, de forma mais precisa, quando se faz uma relação entre o contexto de produção e a representação memificada^[1].

2

Inicie a aula apresentando, em slides ou cartazes, memes de variadas temáticas. É importante variar entre aqueles mais populares e outros cuja relação só pode ser entendida a partir do contexto. Como exemplo, sugerimos os seguintes memes:

Quando a mãe tá com o chinelo na mão e manda a gente passar



1

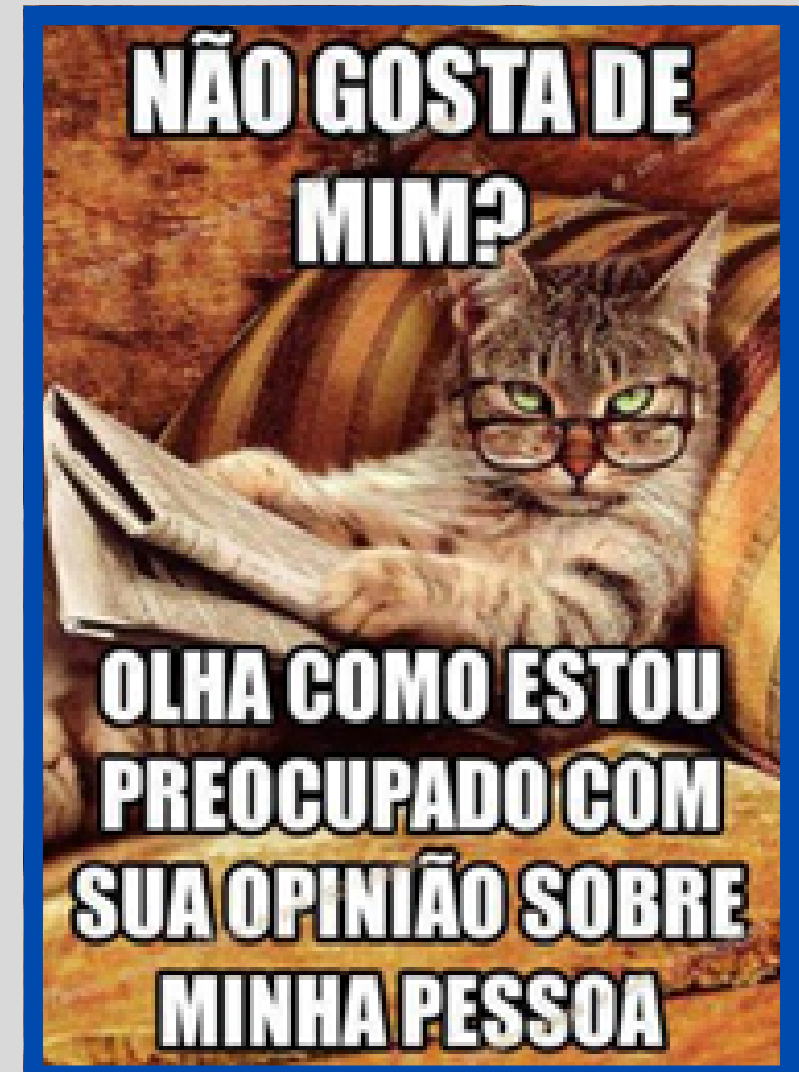
BNCC

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.

2



[1] Neologismo que indica ação de figurar um fato no gênero meme.

"Nossa, odeio criança mimada"

Eu com meu cachorro:



https://br.pinterest.com/pin/2392606041892075/?nic_v2=1a6eBPqTe

3

Quando a visita lava a louça



https://br.pinterest.com/pin/2392606041892075/?nic_v2=1a6eBPqTe

5

medico: vai precisar de atestado?

Eu: infelizmente sim, doutor



https://br.pinterest.com/pin/2392606041892075/?nic_v2=1a6eBPqTe

6

4

QUANDO A PLACA É MAIS ASSUSTADORA QUE O CACHORRO...



https://br.pinterest.com/pin/486951778456678462/?nic_v2=1a6eBPqTe

7



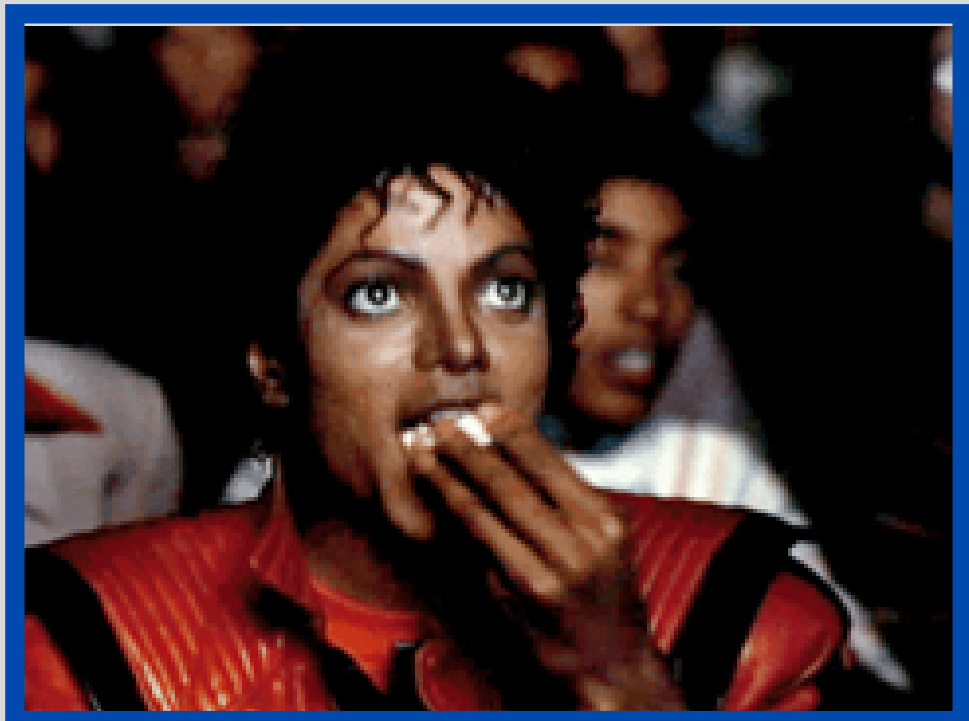
<https://daqui.opopular.com.br/editorias/geral/memes-sobre-aumento-do-pre%C3%A7o-do-arroz-viralizam-1.2118087>

8

Chegaram as primeiras unidades.
Anel em ouro 18 cravejado com arroz Tio João



<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/pre%C3%A7o-do-arroz-vira-meme-nas-redes-sociais-confira-os-mais-hil%C3%A1rios-1.803426>



https://br.pinterest.com/pin/455708056023509379/?nic_v2=1a6eBPqTe

9



<https://www.facebook.com/memeriagourmet/photos/a.236394243532648/919360895235976/>

12



https://br.pinterest.com/pin/695735842415479639/?nic_v2=1a6eBPqTe

10



<https://www.facebook.com/memeriagourmet/photos/a.230412000797539/940420659796666/>

11



<https://www.facebook.com/memeriagourmet/photos/a.236394243532648/953408321831233/>

13

3

Converse com a turma sobre os memes apresentados. Faça os seguintes questionamentos:

Por que os memes provocam o riso?

Quando um meme ironiza um assunto sério, como o caso do aumento do preço do arroz em agosto de 2020 e o imposto sobre o livro, por que, mesmo assim, a maioria das pessoas riem?

No 4º meme, há o rompimento da expectativa. De que forma isso acontece?

Sabendo que a ironia é o contrário daquilo que se quer dizer, no 5º e no 6º meme como a relação entre a linguagem verbal e não verbal contribuem para exemplificar o conceito de ironia?

O 11º meme é uma crítica a algum assunto polêmico?

No 1º meme, o bordão da personagem Professor Girafales, do seriado Chaves, é usado para provocar que efeito de sentido em relação ao título do texto?

No 13º meme há uma referência ao mito de Pandora. Você conhece essa história? Caso não conheça, foi possível entender o efeito de humor?

No 2º meme, o texto não verbal está em desacordo com o texto verbal, porém, mesmo assim, foi construído um sentido para o meme. Explique-o.

4

Após analisar cada meme e seus contextos de produção, reforce e construa com a turma o conceito de HUMOR, IRONIA e CRÍTICA. Ressalte que o humor nem sempre precisa ser engraçado, mas que, principalmente, rompa com as expectativas do leitor. Destaque que os memes fazem uso do humor e da ironia, principalmente, para apresentar a crítica ou simplesmente divertir o leitor.

5

Solicite que os alunos pesquisem[2] e tragam para a escola pelo menos um exemplo de meme de acordo com as temáticas a seguir:

ESPORTE

POLÍTICA

EDUCAÇÃO

FATO HISTÓRICO

DIVERSÃO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

CULTURA

6

Antes de promover a socialização das pesquisas, separe os memes trazidos pelos alunos por temáticas. Você pode preparar murais em folhas de papel kraft com os títulos.

[2] Sites e páginas que você pode indicar aos alunos: Facebook -

https://www.facebook.com/memeria_gourmet

https://www.facebook.com/BodeGaia_to/

Museu do Meme -
<https://www.museudememes.com.br/acervo/>

Pinterest -
https://br.pinterest.com/pin/95420085845029934/?nic_v2=1a6eBPqTe

7

Após organizar a logística, convide a turma para conferir os resultados das pesquisas. Durante a apreciação, verifique se, de fato, os memes correspondem aos títulos indicados.

8

Finalize o momento enfatizando o conceito[3] de meme como texto humorístico e crítico que, para a sua compreensão, é necessário o resgate de informações anteriores e/ou leituras dos fatos que motivaram a sua produção. Fale, ainda, que é possível manifestar uma opinião[4] através da produção de um meme.

[3] Aprofunde o estudo do gênero em:

1 - <https://novaescola.org.br/conteudo/4629/o-que-e-um-meme>

2 - <https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>

3 - <https://www.dicionariopopular.com/meme/>

4 - <https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>

[4] Em uma das etapas da oficina, você verá como abordar a diferença entre fato e opinião através de memes.

2ª DIMENSÃO - ANÁLISE

Tempo sugerido: 3 aulas

O meme sempre faz uma crítica?

Leitura - parte 1

1

Inicie a etapa afirmando que a maioria dos memes, sobretudo aqueles que evidenciam uma crítica, são construídos a partir de um fato noticiado ou de uma repercussão nas redes sociais. Outros memes surgem de situações banais, com o objetivo de apenas entreter, isto é, não revela nenhuma crítica social. Nesse sentido, apresente o meme para análise, em seguida, mobilize a turma para a discussão a partir das perguntas listadas abaixo.



Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/e-de-casa/noticia/artesa-meme-dos-tres-reais-recebe-pedidos-para-camisetas-de-carnaval-e-ganhou-ate-marchinha.ghtml>

Você conhece essa imagem?

No Brasil, existe uma cédula para o valor correspondente a três reais?

Se você não conhecesse o contexto de produção, ou seja, a origem desse meme, ele faria sentido?

Então, o que faz um meme ter sentido para você?

BNCC

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, foto-denúncias, memes, gifs, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, sites na internet etc.

2

Leia a matéria que contextualiza a origem do meme dos “3 reais”.
PRÓXIMA PÁGINA.

Artesã, meme dos 'três reais', recebe pedidos para camisetas de carnaval e ganha até marchinha

Confira o vídeo que deu origem à brincadeira!

Raquel Amaral, a artesã que virou meme dos “três reais”, ficou famosa após exibição do quadro Isso a Globo Não Mostra, do Fantástico, exibido no último domingo 27/1, exibiram uma paródia com a matéria gravada para o É de Casa, em 2017, na qual ensinava a confeccionar carteiras com materiais recicláveis a três reais. Bastou o vídeo em que Ana Furtado aparece, impactada, repetindo “três?” 28 vezes passar no dominical, para cair na boca do povo.

Ao Gshow, Raquel diz que se sentia quase invisível nas redes sociais e que, após o meme, seu número de seguidores aumentou cinco vezes. Pulou de 60 para mais de 300. “Não sabia de nada. Estava assistindo ao Fantástico e, de repente, me vi na televisão. Fiquei assustada. Como assim, eu, no Fantástico? A partir daí meu celular não parou mais de tocar. Ficou bloqueado e logo acabou a bateria de tantos recados e ligações. No dia seguinte, quando carreguei, novas mensagens”, conta eufórica. **“Depois fizeram uma nota de três reais com meu rosto. Gente que eu não via há anos começou a me adicionar. Até colegas de faculdade”**, revela, incrédula com tamanha repercussão.

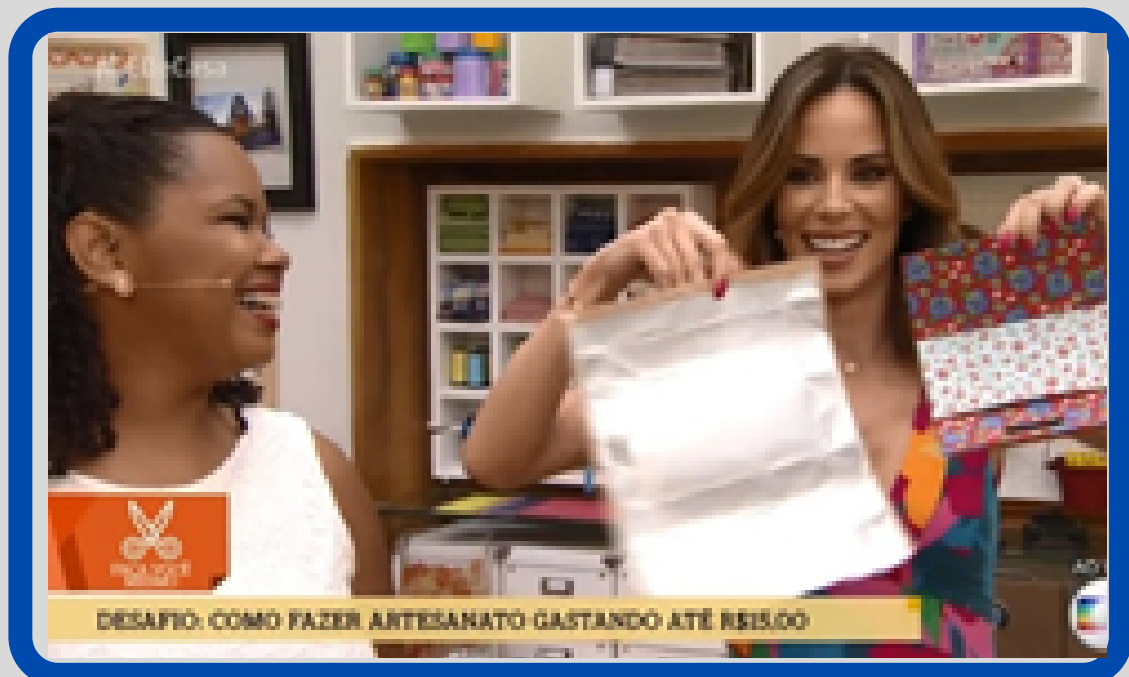
O sucesso é tanto que Raquel tem recebido pedidos para o Carnaval e ganhou até letra de marchinha: “As pessoas estão me mandando mensagens no privado, pedindo camisetas dos “três reais” para curtirem os blocos. Uma pessoa mandou letra de marchinha para eu aprovar. Fora a quantidade de gente querendo encomendar carteira. Não imaginei tomar essa proporção”.

Coordenadora de projetos de artesanato do instituto Musiva, criado em 2004 em Vigário Geral, Zona Norte do Rio de Janeiro, cujo foco é o reaproveitamento de materiais recicláveis, Raquel diz que o custo é baixo porque a base do produto é caixa de leite. O item já tinha saído de linha, só que, com a quantidade de pedidos, ela planeja, juntamente com sua equipe, vender uma versão menor da carteira a três reais em loja virtual. A artesã esclarece que, na verdade, o custo material para a confecção da carteira é de apenas três reais, mas o valor de venda é 15.

Gente como a gente, Ana Furtado entrou na brincadeira e ainda fez piada em seu perfil logo após o vídeo viralizar na web: “Quem fala 3 tantas vezes pode pedir quantas músicas no Fantástico, @tadeuschmidt? Deixei a minha sugestão no stories! 🤪 Parabéns pra galera #IssoAGloboNãoMostra vocês são DEMAIS!! ❤️”.

3

Exiba o vídeo para tornar a análise ainda mais dinâmica.



Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/e-de-casa/noticia/artesa-meme-dos-tres-reais-recebe-pedidos-para-camisetas-de-carnaval-e-ganhou-ate-marchinha.ghtml>

4

Após assistirem ao vídeo original, exiba o segundo vídeo, editado e memificado.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N8HxOju1_8M
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N8HxOju1_8M

5

Aproveite para exibir outros memes em vídeo feitos a partir de falas e situações envolvendo pessoas anônimas que, depois da repercussão do conteúdo memificado, tornaram-se famosas.

6

Esclareça para os alunos que as situações do cotidiano podem virar meme. Então, finalize esta etapa solicitando que, em duplas, os alunos conversem sobre acontecimentos da vida deles que renderiam memes variados[5]. Socialize as discussões com o grupo.

[5] Caro mediador, você pode propor a criação dos memes a partir de ilustrações, recortes, fotografias ou outro recurso de imagem. Como a prática de linguagem trabalha nesta oficina é de LEITURA, achamos por bem deixar a título de sugestão essa produção textual.

Contexto de produção

Leitura - parte 2

1

Leia para a turma os seguintes textos que possuem relação direta e indireta com a separação do casal Joelma e Chimbinha, da conhecida Banda Calypso:

Texto 1

19/08/2015 18h27 - Atualizado em 19/08/2015 18h39

Joelma e Chimbinha terminam casamento, diz assessoria do Calypso

Líderes da banda estavam juntos há 18 anos e tiveram dois filhos. 'Compromissos profissionais seguem normalmente', diz comunicado.

Joelma e Chimbinha se separaram, disse a assessoria de imprensa do Calypso nesta quarta-feira (19). A vocalista e o guitarrista vão continuar na banda, mas terminaram o casamento, segundo a assessoria.



Joelma e Chimbinha vão lançar o DVD comemorativo de 15 anos da banda Calypso no evento. (Foto: Divulgação)

"Chega ao fim o casamento de Joelma e Chimbinha. A união de 18 anos deu fruto a dois filhos maravilhosos, projetos e parcerias tanto na vida pessoal quanto profissional, como a Banda Calypso (...) Queremos ressaltar que o respeito, gratidão, amizade, admiração e parceria permanecem recíprocos. Informamos também que os compromissos profissionais da Banda Calypso seguem normalmente com agenda por todo o Brasil", diz o comunicado.

Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/08/joelma-e-chimbinha-se-separam-diz-assessoria>.

BNCC

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.

Texto 2

A Lua Me Traiu Banda Calypso Grandes Sucessos

Parece até conto de fadas
Mas assim aconteceu
Éramos dois apaixonados
Julieta e Romeu
Naquela noite encantada
Pedi pra lua dos amantes
Que iluminasse essa hora
Pra esse amor eternizar
Mas num passe de mágica
Você desapareceu
Um eclipse maldito
O encanto se perdeu
E o meu coração partido
Foi sofrendo e foi sofrido
Tentando te encontrar na madrugada
Fria madrugada!
(Refrão)
A lua me traiu
Acreditei que era pra valer
A lua me traiu
Fiquei sozinha e louca por você. (2x)
Ah ah ah ah não consigo te esquecer
Ah ah ah ah apaixonada por você (3x)

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/banda-calypso/a-lua-me-traiu.html>

Texto 3

Superlua com eclipse foi o fenômeno espacial mais comentado de 2015

Fenômeno raro, a chamada Lua sangrenta chamou a atenção dos leitores do R7



O mês de setembro foi especial para os observadores do céu. No dia 27, um espetáculo lunar pode ser visto em todo o mundo. A combinação rara de um eclipse total da Lua no mesmo momento em que o satélite da Terra estava anormalmente grande e brilhante. Saiba mais sobre o fascinante acontecimento que foi aconteceu apenas seis vezes na história.

Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/fotos/superlua-com-eclipse-foi-o-fenomeno-espacial-mais-comentado-de-2015-21122015#!/foto/1>

2

Relacione a matéria ao refrão da canção, interpretada pela cantora. Diga aos alunos que o motivo da separação se deu em virtude de uma suposta traição por parte do homem. Em seguida, apresente o seguinte texto, sobre o eclipse lunar:

3

Agora faça uma relação contextual. Diga aos alunos que a separação do casal se deu justamente no mesmo período do fenômeno eclipse lunar. Imediatamente, a alusão à música “A lua me traiu” e a separação do casal, por motivo de traição, rendeu vários memes envolvendo os três textos. Apresente o meme criado a partir dos fatos e, em seguida, faça perguntas à turma.



Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2015/09/28/eclipse-lunar-vira-meme-sobre-traicao-de-chimbinha-em-joelma/>

Qual o objetivo do meme apresentado?

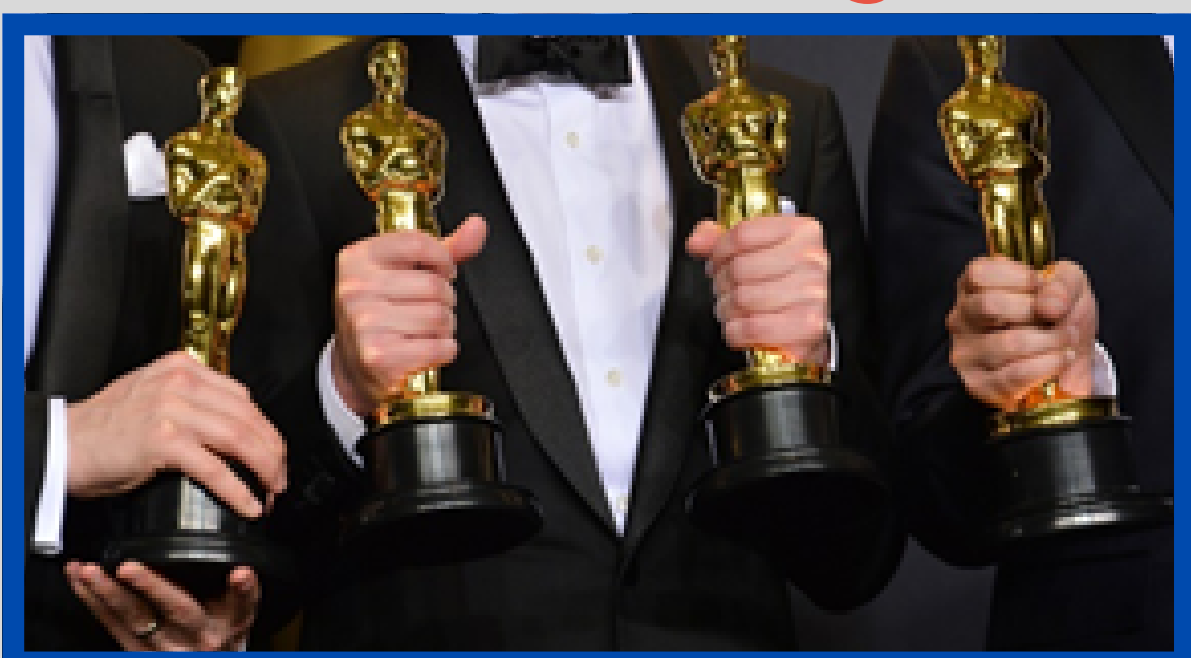
Caso você não tivesse conhecimento dos textos anteriores ao meme, seria possível entender o efeito de sentido?

Conclua: o contexto de produção do meme é decisivo para o seu entendimento e, conseqüentemente, fazer sentido para o leitor?

4

Siga dessa mesma forma para fazer a análise dos contextos de produção de outros memes. Veja esta sugestão que apresenta claramente a análise do contexto para a construção do sentido do meme.

Imagem 1



Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93scar>

Imagem 2

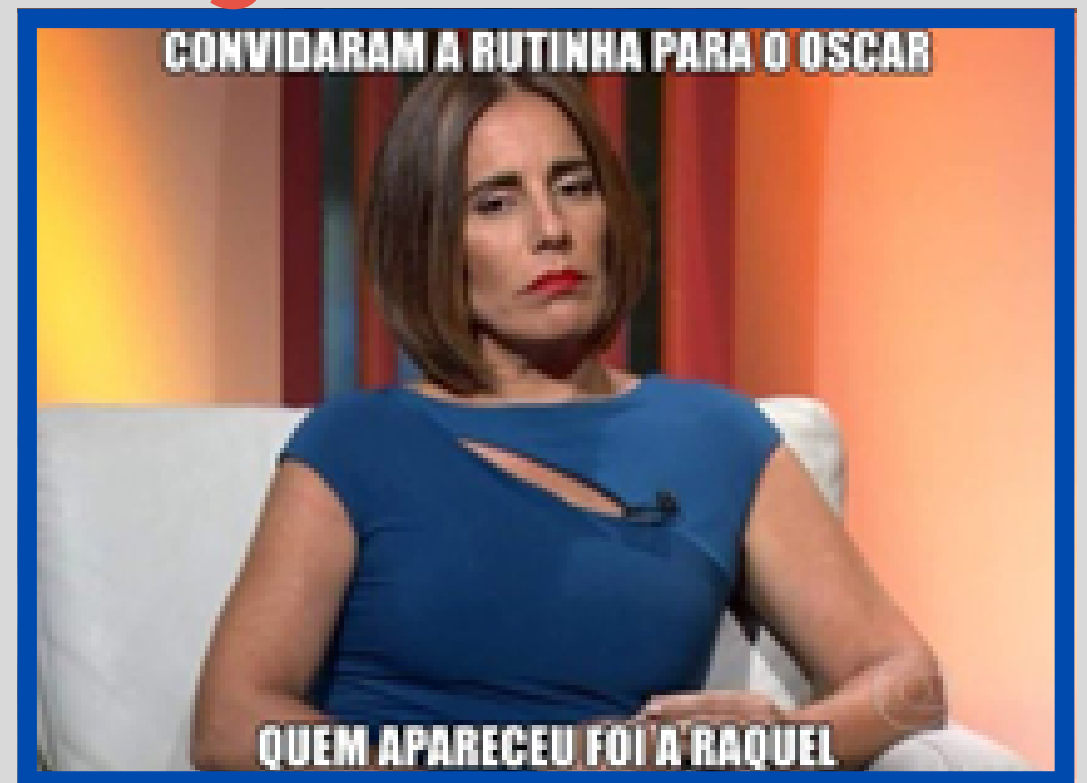


Imagem 3



Imagem 4



Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2016/noticia/2016/02/gloria-pires-comenta-participacao-na-transmissao-do-oscar.html/>

Imagem 5



Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/mais-que-duas-quatro-ha-25-anos-gloria-pires-vivia-quatro-mulheres-em-novela-18881>

3ª DIMENSÃO - SÍNTESE

Tempo sugerido: 2 aulas

Interpretação

Este é o momento em que os alunos devolvem aquilo que leram. Através das suas múltiplas habilidades, expressam o que de mais significativo ficou da leitura.

1

Neste momento de interpretação da leitura, os alunos devolvem o que leram de acordo com suas habilidades para expressão. O mediador pode propor atividades que possibilitem aos participantes da oficina a externalização do pensamento em relação ao que de mais significativo ficou da leitura realizada. Nesse sentido, atividades envolvendo arte e tecnologia são bem-vindas.

2

Apresente o site do Museu do Meme [6], criado pelo departamento de estudos culturais e mídia, na Universidade Federal Fluminense – UFF. Navegue on-line e explore o conteúdo virtual do museu.



Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>

BNCC

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

(EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.

[6] Conheça mais sobre o Museu do Meme em:

1 - <http://www.uff.br/?q=noticias/18-04-2017/uff-inaugura-primeiro-museu-de-memes-do-brasil>

2 - <https://www.museudememes.com.br/>

3- https://www.youtube.com/channel/UCS_N4OD5gQQi8mptWHmY9Vw

3

Após a visita virtual, estimule os alunos a criarem o museu de memes da turma. Para isso, siga as seguintes **etapas**:

1. Divida a turma em grupos;
2. Solicite que pesquisem os memes que desejarem e acharem mais interessantes[7], desde que conheçam o contexto de produção;
3. No dia seguinte, faça uma comparação de todos os memes pesquisados. Fique atento às possíveis repetições;
4. Organize a logística para a apresentação dos memes à comunidade. Faça placas de identificação por temáticas. Disponibilize painéis ou afixe em cantos da sala.
5. Convide a comunidade escolar para apreciar a exposição e conhecer a história dos memes apresentadas pelos próprios alunos.

[7] Lembre-os do conteúdo, pois não pode conter assuntos pornográficos ou que apresentem discurso de ódio.

Avaliação

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Forma de avaliar que procura evidenciar a evolução do desempenho do aprendiz. Este tipo de avaliação é realizado para acompanhar o processo de aprendizado, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, fundamentando-se nos conhecimentos que o aprendiz pode construir.

Disponível em: Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-online/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas>

A avaliação acontecerá durante o desenvolvimento das etapas da oficina, configurando-se em algo contínuo e buscando como foco central a participação dos alunos nas atividades propostas e discussões apresentadas. O professor observará ainda o desenvolvimento e a competência dos alunos no tocante às habilidades da BNCC (2017), dispostas em cada etapa através da manifestação do pensamento em rodas de conversas e atividade final de interpretação da leitura.

Imagem disponível em: https://br.pinterest.com/pin/779545016727627814/?nic_v2=1a6eBPqTe

**LENDO UM LIVRO
QUE EU GOSTO
DE 400 PÁGINAS**

**LENDO UM ARTIGO
CIENTÍFICO DE
15 PÁGINAS**



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho vimos que a temática da leitura tem sido muito discutida em projetos acadêmicos, teses de doutorado, dissertações e outros meios de discussões teóricas acerca da formação de leitores nas escolas brasileiras. Não obstante a tudo isso, a experiência docente tem nos mostrado que o trabalho com a leitura ainda gera muitas incertezas no ambiente escolar, mesmo com tantos investimentos relacionados a projetos e atividades cotidianas envolvendo essa prática da linguagem. Isso é confirmado através dos resultados divulgados em *rankings* de leitura, em que as pesquisas divulgadas pela mídia mostram que os brasileiros ainda leem pouco, em comparação a outros países.

A nossa experiência como professores e estagiários durante a formação acadêmica nos fez perceber que ainda há uma superficialidade na condução das atividades de mediação da leitura por parte de alguns professores. Isso porque ainda falta uma tomada de consciência no sentido de perceber que a sua formação prévia para a mediação da leitura de textos literários e não literários, no âmbito escolar, é o primeiro e mais importante passo para o desenvolvimento.

Na tentativa de sanar a problemática, este trabalho se justifica pela urgência da inserção efetiva de práticas planejadas de mediação da leitura na sala de aula, ou seja, traçar um caminho metodológico que contribua para a formação do professor mediador na condução dos trabalhos. Dessa forma, foi possível afirmar que essa boa mediação parte do desenvolvimento de habilidades didáticas para articular os saberes e fazer os estudantes romperem limites do texto.

Nesse âmbito recorreremos aos estudos sobre a Linguística Textual para o ensino e aprendizagem, tendo como foco o estudo do texto, textualidade e a construção de sentido, além das especificidades do texto literário. Abordamos, também, sobre a escola e concepções de leitura, aprofundando em uma reflexão sobre multiletramentos para a formação do leitor crítico, enfatizando a mudança de paradigma ocasionada na escola, na tentativa de fazer uso da multiplicidade de novos textos inseridos no cotidiano do aluno.

Tudo isso conduziu a discussão para a criação de um caderno pedagógico capaz de nortear o professor para mediar a leitura de textos multissemióticos literários e não literários. O objetivo dessa proposta de intervenção foi dar apoio ao docente que, na ação de motivar a ler, assume o papel de mediador de leitura, carecendo, pois, de um percurso didático

sistematizado por etapas, com níveis de desafio graduais e pensados para cada gênero, obra literária ou conjunto de textos.

Apesar da proposta não ter ido a campo, ainda, é possível vislumbrar que o caderno pedagógico auxiliará o docente para a mediação da leitura da maneira como foi objetivado, uma vez que as orientações didáticas para a condução, o suporte teórico e as atividades propostas foram pensadas mediante o acúmulo de vivências no ambiente escolar por parte dos proponentes desta pesquisa, isto é, tudo o que foi idealizado e figurado no caderno é perfeitamente aplicável às diferentes realidades escolares.

Diante disso, a criação de um caderno pedagógico com orientações para a mediação da leitura de textos multissemióticos literários e não literários é pertinente, pois parte da necessidade de resolver um problema: a falta de planejamento, em muitas realidades, para conduzir atividades de leitura sistematizadas, justificando-se pela urgência da inserção efetiva de práticas planejadas de mediação da leitura na sala de aula.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma reflexão para a importância de pensar a leitura como atividade permanente no conjunto das atividades propostas diariamente pelo professor, justamente pela capacidade de contribuir para a formação do sujeito crítico, tão almejado pela educação contemporânea.

Nesse cenário, a proposta de refletir sobre a importância da mediação da leitura de textos multissemióticos literários e não literários, realizada em sala de aula na perspectiva dos multiletramentos foi constatada a partir das teorias que versam sobre o assunto e enfatizam a necessidade de o professor, cada vez mais, investir em atividades que valorizem a presença desses gêneros, indo ao encontro das demandas da atualidade e, sobretudo, dos interesses dos estudantes.

Assim, o trabalho efetivou-se, pois apresentamos as contribuições que a Linguística Textual trouxe para o ensino e aprendizagem ao desenvolver um estudo contextualizado. Destarte, esta pesquisa representa, para a área da formação continuada de professores de Língua Portuguesa um ganho significativo no sentido de refletir sobre as práticas de mediação de leitura e a necessidade de planejar ações de intervenção para o desenvolvimento leitor do aluno.

Nesse sentido, dada a importância do tema aqui discutido, torna-se necessário, em futuras pesquisas ou aprofundamento desta, a criação de outras oficinas com gêneros diferentes, a fim de agregar valor a tudo o que já foi produzido e diversificar o caderno proposto. Trata-se de um aprimoramento do produto final que beneficiará o docente a tornar-

se um mediador capaz de envolver seus alunos a interagir com as várias vozes contidas no texto.

REFERÊNCIAS

- Agência Lupa. **Desvendando Fake News**. Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/> > Acesso em: 28 out. 2020.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. BENTES, Anna Christina. **Linguística Textual**. In: MUSSALIM, Fernanda;_.
- BEAUGRANDE, R. A., DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London : Longman , 1981.
- BLOOM, Benjamin S.; HASTING, Thomas e MADAUS, George. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Editora Pioneira, 1983.
- Brasil Escola. **O que é xenofobia**. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-xenofobia.htm> > Acesso em: 28 out. 2020.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC>>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF. 1998.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. S. Paulo, Martins Fontes: 1991.
- Curso on-line Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas. **Intertextualidade**. Disponível em: < <https://www.escrevendofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas> > Acesso em: 28 out. 2020.
- DE PIETRI Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente** .Rio de Janeiro: Ediouro, 2.ed.2009.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. [orgs.]. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DURAN, G. R. **As concepções de leitura e a produção do sentido no texto**. Revista Prolíngua. Paraíba, v. 04, n. 02, 01 Jul./Dez. 2009. p. 01-14. Semestral. ISSN 1983-9979. Disponível em: Acesso em: 28 out. 2020.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 1 ed. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57ª Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

GUIMARÃES, Elisa. **Processos de organização do texto**. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org). *Discutindo a prática docente em Língua Portuguesa*. São Paulo: IP-PUC/SP, 2000.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino – aprendizagem**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura e práticas disciplinares**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LIRA, Artur. **Jumento sobe em telhado de casa em Cajazeiras, Sertão da PB**. G1.globo.com. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/jumento-cai-em-cima-de-telhado-de-casa-em-cajazeiras-sertao-da-pb-video.ghtml> > Acesso em: 28 out. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística textual: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. **Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation**. Paris: Travel, 1995.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MOTTA-ROTH, Désirée. **Questões de metodologia em análise de gênero**. In KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. Orgs. Gêneros textuais reflexões e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. In SOUZA, Celina Olga de (Trad.). São Paulo: Ed. 34, 2008.

Revista Nova escola. **Várias matérias**. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/> > Acesso em: 28 out. 2020.

ROJO, R.; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOUSA, Maurício de. **Tirinhas da Turma da Mônica**. Disponível em: < <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas> > Acesso em: 28 out. 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12.ed. São Paulo: Cortez. 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula**. In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993. Fontes Editora, 1993.